



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES – FICS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**CLEIDE PINHEIRO DA SILVA**

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: concepções, desafios e possibilidades**

**IRANDUBA – AM**

**2023**

CLEIDE PINHEIRO DA SILVA

**TEMA:**

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: CONCEPÇÕES, DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES**

**TÍTULO:**

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: CONCEPÇÕES, DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES NAS TURMAS DE 9º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL NOEMI  
SANTOS PEREIRA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências da Educação pelo Mestrado Profissional em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, sob orientação do Prof.º Dr. Maciel costa.

IRANDUBA – AM

2023

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES – FICS CURSO DE  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: CONCEPÇÕES, DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES**

**Autor:** Cleide Pinheiro da Silva

**Orientador:** Prof.º Dr. Maciel costa

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por  
Cleide Pinheiro da Silva e aprovado pela Comissão Examinadora. Data  
\_\_/\_\_/2023.

---

Orientador

BANCA EXAMINADORA

---

Membro 01

---

Membro 02

---

Membro 03

A minha mãe, Auria, pelo amor e por acreditar que sou capaz, ao meu marido, André, e filhos, Clara e Wharlisson, por sempre me incentivarem a lutar pelos meus sonhos e aos meus irmãos que infinitas vezes não me deixaram desistir.

*“O homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível.” (Max Weber)*

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO .....   | 8   |
| Problema .....  | 10  |
| Problematização .....   | 11  |
| Justificativa .....   | 12  |
| Objetivos Geral .....   | 13  |
| Específicos .....   | 13  |
| 2. MARCO TEÓRICO .....  | 13  |
| 2.1 Aprendizagem da Língua Inglesa: concepções, desafios e possibilidades .....                                   | 14  |
| 2.2 Aprendizado de Língua inglesa na BNCC .....   | 28  |
| 2.3 Metodologia ativa no processo de aprender a língua inglesa e a importância das ferramentas tecnológicas ..... | 44  |
| 2.4 Mídias digitais: extensão de sala de aula para o aprendizado na Língua Inglesa .                              | 53  |
| 2.5 Culturalismo e a interdisciplinaridade como aporte essencial ao aprendizado da Língua Inglesa .....           | 57  |
| 2.6 Conceituando teorias, métodos e técnicas no ensino e aprendizagem da L.I .....                                | 60  |
| 2.7 Compreendendo alguns métodos utilizados no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa .....                      | 73  |
| 3. MARCO METODOLÓGICO .....   | 82  |
| 4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS .....   | 87  |
| 4.1 Resultado e discussões de Questionário aplicado aos alunos .....  | 88  |
| 4.2 Entrevista aplicada aos professores .....   | 101 |
| CONCLUSÃO .....   | 104 |
| RECOMENDAÇÕES .....   | 105 |
| REFERÊNCIAS .....   | 106 |
| ANEXOS .....  | 112 |
| Resultado da Entrevista .....   | 113 |

## Resumo

A Língua Inglesa é vista como mais uma Disciplina no Currículo, na qual o aluno estuda em média quatro anos e não adquire fluência. Pesquisas anteriores apontam que grande parte do desafio da Aprendizagem da Língua Inglesa é explicada pelos despreparos de professores da Rede Pública, da falta de material didático adequado e pouca atenção dos gestores conferida a Disciplina. Entretanto, foram encontrados estudos que acrescentam mais achados como Carga horária inapropriada, desinteresse do aluno pelas aulas, metodologias inadequadas, falta de clareza nos objetivos de ensino, ausência da cultura inglesa. É nesse sentido, portanto, que se insere o presente trabalho, com o objetivo de compreender as dificuldades de aprendizagem que os alunos enfrentam no aprendizado da Língua Inglesa. A partir da abordagem Quali-Quantitativa, foram coletados dados de aproximadamente cem alunos, de três turmas de nono ano do Ensino Fundamental de uma instituição do Município de Iranduba e entrevistas com três professores que ministram a Disciplina. Os Resultados da análise de dados por meio de questionários e entrevistas permitiram perceber que os alunos intitularam suas dificuldades baseadas na falta de fluência no tempo determinado a sua passagem pela escola. Por fim discutem-se tais achados e sugerem-se táticas de como tornar o processo em aprender a Língua Inglesa mais eficaz.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa. Dificuldade de aprendizagem. Metodologia.

## **Resumen**

El idioma inglés es visto como la materia más presente en el Currículo, en el cual el estudiante estudia en cuatro años y no adquiere fluidez. Investigaciones previas sugieren que gran parte del desafío de aprender el idioma inglés se explica por la falta de preparación de los docentes de las Escuelas Públicas, la falta de material didáctico adecuado y la poca atención que los directivos le dan a la Disciplina. Sin embargo, se encontraron estudios que suman más hallazgos como carga de trabajo inapropiada, falta de interés del estudiante en las clases, metodologías inadecuadas, falta de claridad en los objetivos de enseñanza, ausencia de cultura inglesa. Es en ese sentido, por tanto, que se inserta el presente trabajo, con el objetivo de comprender las dificultades de aprendizaje que enfrentan los estudiantes en el aprendizaje del idioma inglés. Con base en el enfoque Cualitativo-Cuantitativo, fueron recolectados datos de aproximadamente cien alumnos, de tres clases del noveno grado de la Enseñanza Fundamental de una institución del Municipio de Iranduba, y entrevistas con tres docentes que imparten la Disciplina. Los resultados del análisis de datos a través de cuestionarios y entrevistas revelaron que los estudiantes nombraron sus dificultades a partir de la falta de fluidez en el tiempo determinada por su paso por la escuela. Finalmente, se discuten tales hallazgos y se sugieren tácticas sobre cómo hacer que el proceso de aprendizaje del idioma inglés sea más efectivo.

Palabras clave: Lengua inglesa. Dificultades de aprendizaje. Metodología.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trouxe como tema “APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: Concepções, desafios e possibilidades”, cujo objeto foi centralizado nas dificuldades em aprender um segundo idioma numa escola pública.

O problema foi expresso nesse trabalho por meio do seguinte fato - A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 2016, formou vários professores de Língua Inglesa no município de Iranduba, e esses profissionais foram disponibilizados para as escolas no intuito de melhorar sua dinâmica de trabalho e minimizar as dificuldades dos alunos no aprendizado de uma língua estrangeira. É perceptível que a formação dos professores tem melhorado as aulas, mas não o suficiente para diminuir o índice de dificuldade no aprendizado desta disciplina, ou seja, as dificuldades em aprender uma segunda língua continuam, pois é normal escutarmos jargões como “eu não sei nem português como vou saber inglês”, ou ainda, “inglês é muito difícil”.

Este fato nos levou a pensar “Por que os alunos, dos 9º anos de uma instituição de ensino no município de Iranduba, apresentam tantas dificuldades no aprendizado de língua inglesa, sobretudo na competência linguística?”

A Problematização vinculada a pesquisa abordava os seguintes questionamentos:

- Quais os principais fatores que levam os alunos de 9º ano, desta determinada escola municipal de Iranduba, apresentarem dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa?

- Qual metodologia, método e técnica é o mais adequado à realidade desse aluno, para que o mesmo, se sinta estimulado a desenvolver sua autonomia no aprendizado desta disciplina, e como estão sendo aplicados na sala de aula?

- É possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?

A pesquisa apresentava como objetivo geral compreender as dificuldades de aprendizagem de alunos dos 9º anos em língua inglesa e objetivos específicos - descrever as principais dificuldades de aprendizagem nas habilidades da língua inglesa; analisar os principais fatores que levam o aluno a apresentar tais dificuldades; aplicar sugestões baseadas nos autores que possibilitam minimizar a dificuldade de aprendizagem desses alunos por meio de metodologias, métodos e técnicas mais inovadores.

Para a pesquisa, seguimos as seguintes hipóteses:

- Fatores linguísticos, cognitivos, interativos e emocionais tem relação significativa com as dificuldades de aprendizagem nas habilidades de Língua Inglesa;

- A Metodologia, método e técnica não adequada à realidade do aluno atual viabiliza desmotivação, falta de estímulo e insegurança no aluno, trazendo sérias consequências no desenvolvimento do aprendizado em língua inglesa;

- O aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês dificulta o aluno a aprender uma segunda língua.

Para proceder e atingir os objetivos e as questões levantadas na problemática de forma satisfatória, o presente estudo alinhou-se nas seguintes escolhas metodológicas: Abordagem quali-quantitativa; quanto a natureza, o estudo ocorreu pela pesquisa aplicada: Quanto aos objetivos foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória: Em relação ao procedimento, foi fundamentado em base teórica por sucinta revisão bibliográfica, produções científicas e documentais e estudo de caso.

Assim, apresentaremos neste trabalho alguns tópicos considerados relevantes tais como: na primeira seção a Introdução, na segunda seção o Marco teórico que foi dividido por subseções com o intuito compreender questões como: Aprendizagem da Língua Inglesa – concepções, desafios e possibilidades; Aprendizado de Língua inglesa na BNCC; Metodologia ativa no processo de aprender a língua inglesa e a importância das ferramentas tecnológicas; Mídias digitais: extensão de sala de aula para o aprendizado na Língua Inglesa, Culturalismo e interdisciplinaridade como aporte essencial ao aprendizado da Língua Inglesa; Conceituando e compreendendo Teorias, métodos e técnicas no ensino e aprendizagem da L.I.; na terceira seção os Resultados e discussões com tópicos para os questionários, entrevistas e produções científicas e por último conclusão e recomendações..

Entende-se que as escolas brasileiras oferecem em seus currículos escolares a Disciplina Língua Inglesa que vem para ampliar a visão de mundo por meio do conhecimento de culturas, as quais fazem com que os alunos se tornem pessoas mais críticas, ativas e autônomas diante da sociedade, com oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Entretanto, o tema exposto neste trabalho é de muita importância para Educação, especificadamente da Língua Inglesa.

Segundo Souza, (p.40, 2023). “para se ter bons resultados no idioma é preciso dedicação diária, principalmente, porque a maioria dos aprendizes, não tem contato constante e direto com a LI no seu cotidiano, uma vez que exige disciplina”.

Dada a relevância dessa pesquisa sugere-se aos educadores, pais alunos governos dentre outros envolvidos com prática educativa desse idioma, que incorpore em seu aprendizado

práticas diárias de aprendizado, disponibilizem tempo para emergir na língua, tenha a língua estrangeira como um sonho que é capaz de ser concretizado, onde todos podem se tornar fluente, basta que não leve o estudo como ferro e fogo, se permitam errar até mesmo porque ninguém é detentor total de conhecimento nem mesmo na língua materna, enfim, que passe a curtir cada descoberta que fazem, aproveitando a jornada.

Tendo em vista o que foi exposto, vale frisar que a língua inglesa é considerada atualmente como uma língua franca por ser usada como ponte de comunicação entre as nações do mundo globalizado. Contudo, as leituras desse trabalho foram baseadas em diferentes autores, por vez bastante renomados, cujos intelectuais oportunizaram sugestões que possibilitam minimizar as dificuldades de aprendizado da língua inglesa, por meio de metodologias, métodos e técnicas mais inovadoras, porém não descartando as já consagradas por estudiosos da área.

Dessa forma, o estudo está engajado na melhoria do ensino e aprendizagem, haja vista que a Base Nacional Curricular, sendo um guia educacional norteia a disciplina com novas adaptações com relevância nas competências linguísticas e nas quatro habilidades (ler, escrever, ouvir falar). Partindo desse pressuposto, o aluno pode criar significados a esta aprendizagem, compreendendo que a língua inglesa não pode ser vista somente como mais uma disciplina.

## **1.1 Problema**

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 2016, formou vários professores de Língua Inglesa no município de Iranduba, e esses profissionais foram disponibilizados para as escolas no intuito de melhorar sua dinâmica de trabalho. É perceptível que a formação dos professores tem melhorado as aulas, mas não o suficiente para diminuir o índice de dificuldade no aprendizado desta disciplina, ou seja, as dificuldades em aprender uma segunda língua continuam, pois é normal escutarmos jargões como “eu não sei nem português como vou saber inglês”, ou ainda, “inglês é muito difícil”. Este fato nos levou a pensar “Porque os alunos, dos 9º anos de uma instituição de ensino no município de Iranduba, apresentam tantas dificuldades no aprendizado de língua inglesa, principalmente na competência linguística?”

A dificuldade em aprender as habilidades e competências na língua inglesa é um fato que demanda reflexões, discussões, investigações e, ainda, tomadas de decisão que viabilize minimizar essa situação, a qual vem diminuindo cada vez mais a importância de se ter no currículo um segundo idioma, pois parte de alunos e professores de outras disciplinas têm o

Inglês como insignificante na escola, pensando que só se consegue aprender o idioma se for em cursos preparatórios.

Alunos e professores fazem parte do contexto escolar, que por sua vez, também são inseridos no contexto social. Uma vez constatado que existe tais fragilidades no aprendizado da língua inglesa, cria-se um olhar de uma realidade que precisa ter atenção dobrada, onde o foco seja no aprender, afinal, o aluno chega à escola com visão de aprendizado.

É claro que as dificuldades no aprendizado de uma língua estrangeira sempre irão surgir, porém, essas dificuldades podem ser minimizadas. O gosto pela disciplina é declarado pelo aluno no início do 6º ano, onde o aluno chega motivado para estudar a língua. Contudo, nos anos seguintes, o desempenho recai, chegando a demonstrar desinteresse pelo aprendizado da língua. A desilusão do aluno e do professor em ver o declínio desse aprendizado se torna frustrante.

Em se tratando de um novo idioma, a língua inglesa não deveria ser pensada só como uma disciplina a mais no currículo, pois a reflexão do uso dela deveria vir como um fator mais amplo que leva motivação ao aprendizado de outros conteúdos. Sendo assim, interdisciplinarmente ela caminha por diversas áreas, principalmente da tecnologia, da cultura, dos negócios, subsidia o aluno a entender seu próprio mundo, sua língua materna por intermédio de comparações e contrastes entre as estruturas linguísticas, e ainda o horizonte que abre para que o cidadão possa ingressar na sociedade com autonomia e segurança, daí sua relevância no contexto educativo.

## **1.2 Problematização**

- Quais os principais fatores que levam os alunos de 9º ano, desta determinada escola municipal de Iranduba, apresentarem dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa?

- Qual metodologia, método e técnica é o mais adequado à realidade desse aluno, para que o mesmo, se sinta estimulado a desenvolver sua autonomia no aprendizado desta disciplina, e como estão sendo aplicados na sala de aula?

- É possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?

### 1.3 Justificativa

Fazer um estudo sobre “Aprendizagem na língua inglesa: concepções, desafios e possibilidades” é de grande relevância para compreendermos como a temática está alinhada não somente no processo de aprendizagem dos alunos, mas em toda perspectiva de vida que ele terá que percorrer em sua jornada enquanto ser social.

Hoje, a língua inglesa ganhou espaço mundial como língua franca. Com isso, o neoliberalismo fica cada vez mais acentuado nos meios políticos e sociais oportunizando mudanças também no meio educacional. A aceleração das comunicações, principalmente as mídias digitais se expande por todos os países, facilitando o aprendizado de diferentes culturas e novas competências linguísticas. Todavia, apesar dessa constante velocidade da cultura digital ter se expandido no meio social é notório que os alunos de 9º ano, de uma escola de um município metropolitano de Manaus, em pleno século XXI apresentam muitas dificuldades em aprender sua segunda língua, mesmo com o acesso rápido das informações oriundas do capitalismo.

É fato perceber nas aulas de língua inglesa salas superlotadas, pouca carga horária, muitas turmas para um único professor e bastante desmotivação por parte de alunos e professores. Desta forma, vale ressaltar aqui, que a língua inglesa deve ser vista, com um olhar voltada para soluções. Em algumas décadas atrás, esta disciplina tinha somente como objetivo que os alunos aprendessem a língua em vista a leitura da literatura em si. Este fato não corresponde mais a necessidade das novas gerações. Precisamos fomentar a ideia de que língua inglesa deve ser mais valorizada não só pelos professores, pais e alunos, como também por todos os responsáveis em fazer a educação acontecer, sua função ultrapassa as fronteiras.

O jovem precisa aprender sua segunda língua para usar no convívio social: em conversas com amigos, para escutar sua música preferida, assistir e entender filmes, no trabalho, conhecer pessoas de outros lugares, em viagens, conhecer novas culturas.

Em detrimento ao exposto, é necessário verificar os fatores que estão vinculados a tais dificuldades: se é um problema relacionado a linguística, a interação com os colegas e professores, se está sendo causado por fatores emocionais, se é voltado ao seu convívio com a família, se é a metodologia, o método, as técnicas que não são suficientes para este público, ou ainda se é resultante do desconhecimento da cultura do outro.

Dessa maneira, uma vez identificado os fatores que levam as dificuldades dos alunos, bem como a metodologia, os métodos e técnicas que o professor usa na sala de aula, faz-se necessário aplicar novas dinâmicas de ensino, ajudando os alunos a ter mais desenvoltura no

aprendizado da língua, e ao mesmo tempo, se sentirem parte integrante do processo. Contudo, a língua inglesa deixa de ser colocada como preenchimento de buraco, passando a ser mais respeitada como a disciplina que propicia interação, autonomia, culturalismo, dentre outros aspectos de fundamental importância.

### **Objetivos Geral**

- Compreender as dificuldades de aprendizagem que os alunos de 9º ano de uma determinada escola municipal enfrentam no aprendizado de língua inglesa.

### **Específicos**

- Descrever as principais dificuldades de aprendizagem nas habilidades da língua inglesa.

- Analisar os principais fatores que levam o aluno a apresentar tais dificuldades.

- Aplicar sugestões baseadas nos autores que possibilitem minimizar a dificuldade de aprendizagem desses alunos por meio de metodologias, métodos e técnicas mais inovadores.

## 2. MARCO TEÓRICO

Nesta seção iremos abordar os tópicos considerados relevantes a pesquisa - aprendizagem da Língua Inglesa: concepções, desafios e possibilidades; aprendizagem da Língua Inglesa na BNCC; metodologia ativa no processo de aprender a língua inglesa e a importância das ferramentas tecnológicas; mídias digitais: extensão de sala de aula para o aprendizado da Língua Inglesa; Culturalismo e a interdisciplinaridade como aporte essencial ao aprendizado da Língua Inglesa; Conceituando teorias, métodos e técnicas no ensino e aprendizagem da L.I; Compreendendo alguns métodos utilizados no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa.

### 2.1 Aprendizagem da Língua Inglesa: concepções, desafios e possibilidades

O início da língua inglesa no Brasil está atrelado a vinda do príncipe D. João em 1808, o qual gera diversas perspectivas de mudanças no setor econômico, social, político e principalmente cultural. Considerado um grande estrategista da família Bragança, teve que conduzir situações conturbadas no período joanino que vai de 1808 a 1821.

D. João, nessa época, passa a governar das terras brasileiras Portugal, onde toda corte vai ter moradia na capital do Brasil, também chamada de capital do império, marcando uma série de transformações que vai de criações como Biblioteca Nacional, Museus, Teatro Real, jardim Botânico, Academia da Polícia Militar além de mudanças em questões científicas com Universidades, Banco do Brasil, Casa da Moeda, bem como abertura de Portos.

Da velha metrópole transfere-se para o Brasil a presença inglesa. As necessidades do governo português, primeiro, e depois os problemas iniciais do Brasil independente, favoreceram a posição dos ingleses, que souberam aproveitar as circunstâncias para defender seus interesses, sobretudo comerciais. (PANTALEÃO, 2004, 64).

A Inglaterra, em vista de ser uma nação amiga de Portugal, teve vantagens e liberdade para criação de comércios, indústrias, ferrovias. Nesse contexto, D. João VI, como dito anteriormente era um grande aliado britânico, uma vez que foram os ingleses quem escoltaram os navios da coroa portuguesa ao Brasil, por isso que eles foram quem se instalaram primeiramente, tendo passaporte aberto para seu crescimento nas terras brasileiras.

As construções britânicas e a chegada de vários povos vindos de outros continentes estão paralelamente interligadas a novas chances de trabalho para a população, no entanto, para a

qualificação de tais mão de obra foi indispensável a inclusão de línguas estrangeiras no currículo daquele que se propunha a servir a nação.

Essas contratações de mão de obra dos trabalhadores só poderiam acontecer pela aceitação da exigência da comunicação em língua inglesa e demais línguas imersas na ocasião, ou seja, com a abertura de comércios estrangeiros se instalando no ambiente, surgiam no país muitas oportunidades de trabalho, porém as pessoas precisavam saber falar e escrever em outro idioma, daí as primeiras aulas de língua inglesa pela necessidade de comunicação.

Para os brasileiros se agruparem aos estrangeiros tinham no mínimo saber se expressar em inglês. Essa era a possibilidade dos brasileiros de serem inseridos ao meio trabalhista. Com isso surge os primeiros professores de língua inglesa no Brasil e nessa época ensinava-se informalmente, visando apenas a capacitação profissional para suprir a demanda do mercado trabalhista da época e responder as necessidades do desenvolvimento do país, as quais se estabeleciam pelas relações comerciais de diferentes nações, em especial a Inglaterra, então, ensinava-se aos alunos a fala e escrita por meio do método da gramática, era um ensino bastante fragmentado, pois seguiam instruções conforme os ensinamentos dos jesuítas, não possuíam experiência prática-pedagógica suficiente, eles tinham domínio do idioma, mas eram desprovidos de experiência de sala de aula.

É nesse cenário que se propõe o ensino formal da Língua Inglesa no Brasil, cuja prática acontecia com a assinatura de um decreto de lei pelo Príncipe Regente de Portugal, em 22 de junho de 1809, apesar de Latim e Grego serem as línguas ensinadas nas escolas, o texto do decreto dizia:

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra inglesa. (OLIVEIRA, 1999).

A decisão de D. João VI de gerar espaço a inclusão das línguas nas instituições públicas de ensino foi bastante propícia para o momento, porém só veio a se efetivar no governo de D. Pedro I, com os ensinamentos advindos do Padre Irlandês Jean Joyce.

A língua inglesa faz parte do currículo básico brasileiro, especificamente desde a implantação do Ministério de Educação e Saúde Pública em meados de 1930. Logo após a criação do Ministério aconteceu uma reforma na educação, proposta pelo ministro Francisco Campos, a qual trouxe mudanças significativas na metodologia do ensino de línguas

estrangeiras, fazendo reformas também no conteúdo e assim, redefinindo o ensino secundário no país.

Nesta época o país se encontrava em débito junto aos Estados Unidos e, se fazia necessário estratégias no aprendizado da língua inglesa, assim foi adotado o método direto no qual a língua era ensinada por meio dela própria. Houve, também nesse período, o reconhecimento do colégio Pedro II como instituição oficial do ensino secundário.

Apesar das mudanças no cenário político e econômico tanto nacional como internacional, o setor educacional sempre foi uma das pautas primordiais no governo da época, mesmo não tendo boas intenções, uma vez que priorizava a elite, veio os cursos livres de inglês ao Brasil.

Já em 1934, com o apoio da Embaixada Britânica, se consolidou no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa com o projeto de “difusão no país, da língua e das manifestações de pensamento, ciências e artes inglesas...” (DIAS, 1999, p. 89).

Poucos anos depois, o sistema educacional, basicamente obrigou a inserir as pessoas no mercado de trabalho, deixando o ensino de línguas mais restrito e o interesse e discussão pelo assunto ficou constante entre os órgãos competentes, principalmente quando se tratava da inclusão da disciplina e a inserção de metodologias na área.

De acordo com a LDB (apud BRASIL, 1998, p. 19), regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, o ensino de uma língua estrangeira na escola pública é obrigatório,

A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e nações (CIEMEN) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem.

Exatamente, conforme o exposto não deveria existir omissão em relação ao aprendizado de uma língua estrangeira nas escolas públicas, muito menos ser um idioma restrito àqueles que possuem alto poder aquisitivo e podem, de certa forma, pagar um curso particular.

Todavia, na literatura, práticas vem deixando emergir e solidificar, com bastante frequência, crenças diversas a esse respeito, inclusive a pior de todas, e talvez a mais propagada no inconsciente coletivo, de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas brasileiras. (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 128).

Por isso que toda instituição pública deve ter em seu currículo de ensino fundamental II a Língua inglesa para justamente oferecer a aqueles que não tem condições de pagar e ter acesso

a uma segunda língua. De acordo com os PCNs, (1998) “A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar -se no engajamento discursivo do aprendiz. [...]”

Para que ocorra a construção do conhecimento discursivo é necessário a interação, essa por sua vez, vem de encontro as percepções que alunos e professores têm a respeito do meio ao qual se insere e, sobretudo as perspectivas que cria mediante a convivência em sala de aula, por ser extensão do próprio desafio diário. No entanto, a aprendizagem se constrói por erros e acertos no ambiente escolar por ocasião dos desafios que são embutidos na relação entre os envolvidos e, um dos problemas a se pensar é a quantidade de aula exposta pelo currículo, porque a interação requer tempo para validar discursos. Assim, surge a inquietação “será que somente duas aulas semanais chegam ser suficiente para que os objetivos desse ensino sejam concretizados?”

Quando se propõe em aprender uma língua estrangeira em contextos de escolas públicas, a carga horária é um dos exemplos negativos que professores e alunos vivenciam diariamente, pois o número de horas é pouco e o tempo bastante limitado, não é favorável nem para o professor que ensina e nem ao aluno que aprende, sendo, sem dúvida, o principal prejudicado nesse contexto o aprendiz, que devido ter apenas duas aulas semanais não consegue construir o aprendizado que vislumbra construir. A literatura mostra que a falta de fluência pode ser vinculada com a falta de tempo, como aponta Souza, (p. 39, 2023), “as obrigações e as responsabilidades que estão relacionados ao cotidiano que dificultam a aprendizagem de idioma.

Essa carga horária, ora pontuada no currículo escolar de língua estrangeira, não chega ser suficiente para a competência linguística e muito menos para aquisição das habilidades abordadas na BNCC.

Esse questionamento vem de encontro com o que é descrito nos PCNs (1998, p. 24), cuja observação é que o ensino de língua estrangeira não é visto como um elemento importante na formação do aluno, apesar de ser um direito dele e que deveria ser assegurado, não só pela legislação, mas também pelos órgãos competentes.

Como escrito nos PCNs (1998, p. 24),

A primeira observação a ser feita é que o ensino de língua estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental.

Visto a observação acima, percebe-se que a anos o estudo da Língua Inglesa é posto em questionamento, principalmente no que reza a criação de métodos para o ensino do idioma.

Muito também se tem debatido sobre as práticas e metodologias voltadas para o ensino da língua inglesa nesse ambiente, suas demandas e implicações, seus resultados pífios, deixando-se emergir e solidificar, com bastante frequência, crenças diversas a esse respeito, inclusive a pior de todas, e talvez a mais propagada no inconsciente coletivo, de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas brasileiras. (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 128).

A realidade das instituições educacionais em questão de estruturas físicas, preparação e oferta de professores não capacitados ajudam a tornar o ensino ineficaz. Há uma gama de estímulos que devem ser pontuados, um deles podemos salientar como sendo a capacidade do aluno em falar, ouvir e discutir os conteúdos curriculares, haja vista que esses conteúdos abrem horizontes a várias situações comunicativas por oportunizar significados na utilização da língua.

Nicholls (2001), sobre o ensino de inglês, traz em discussão que a realidade das escolas não permite a competência satisfatória desejada pelos alunos, uma vez expostos somente a fala do professor e ao suposto material auditivo, logo inadequado a condição do aprendiz. Neste sentido, a questão do domínio das habilidades orais é bem controvertida.

A realidade do ensino de inglês nas escolas impede que o aluno adquira a competência satisfatória desejada. As amostras de inglês a que os alunos estão expostos no desenvolvimento de suas habilidades orais resumem-se geralmente à fala do professor na sala de aula, ao eventual material auditivo, como o vídeo, o filme e a música e, embora inadequada, devido à condição de aprendizes, a fala de seus pares. Por isso, a questão do domínio das habilidades orais como resultado da aprendizagem na escola é bastante controvertida. (Nicholls, 2001, p. 74).

Concordo plenamente com o que diz a autora quando expõe sobre a realidade do ensino, principalmente em que a oralidade, embora de forma inadequada, se resume na fala do professor e na fala dos alunos. Porém é nítido o esforço dos profissionais que abraçam em ministrar outro idioma que não seja sua língua materna. Em suas jornadas, eles estão em busca de formação e procuram dar o melhor que podem na sala de aula, infelizmente, em muitos casos sem apoio pedagógico, por isso são considerados guerreiros em persistir que o ensino e aprendizagem chegue até o aprendiz.

Provavelmente essa realidade já não poderia ser a mesma descrita pela autora, tendo em vista a grande conquista tecnológica que temos, porém a escassez de materiais ainda continua sendo uma problemática vivenciada nas escolas, principalmente as de periferia, onde a

tecnologia não passa de sonhos aos aprendizes e profissionais. É mais fácil o aluno ter contato direto em seu meio social com as tecnologias digitais do que numa sala de aula, dito isto pelo fato restrito do manuseio de computadores e internet somente nas secretarias escolares para fins administrativos.

A aprendizagem de LE não é vista apenas com a finalidade de estabelecer comunicação entre os homens, mas também como forma de atender ao mercado mundial do século XXI. As determinações da necessidade do estudo de LE já estão dadas pelo processo de globalização, que se encerra algumas características para o aprendizado da língua, como a revolução da informática e a organização de um sistema financeiro, com as exigências da economia capitalista mundial determinada pelos países dominantes. (DUARTE, 2007, p. 6).

Segundo o autor, são mudanças que determinam o repensar pedagógico, que impacta o papel do professor e faz com que tenha atitude de adaptação ao mundo globalizado, informatizado e capitalista. Isso necessita urgentemente de práticas metodológicas que anseiam tais perspectivas. Nessa reflexão, fica evidente a dicotomia do ensino e aprendizagem da língua inglesa, ora se cobra a fluência, ora requer que seja ensinado algo além da simples comunicação. São dois contextos que encontramos nas escolas públicas e cursos de formação, que acaba gerando confusões em seus objetivos finais. Com a grande relevância do inglês como língua franca, o ensino regular, oferece formação aos alunos em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, caracterizada na Base Nacional Comum Curricular (2021), na visão em que todos podem ter acesso a esse saber, mediante ao pressuposto de engajamento e participação com ênfase na formação cidadã crítica e ativa e aberturas a novas conquistas.

No entanto, é perceptível as discussões e interpretações acerca do ensino de línguas estrangeiras, as quais produzem linhas de pesquisas que geram práticas pedagógicas que não dialogam em muitos dos níveis educacionais, como aborda Ferraz (2015, p. 89),

Pela ótica dos linguistas, o foco no sociocultural produz aprendizes não capazes de se comunicar efetivamente na língua estrangeira. Pela ótica dos movimentos da educação crítica, uma educação exclusivamente mecanicista/neoliberal já não comporta mais as transformações as quais estamos vivendo. De freire a Giroux, Apple a Todd, Snyder a Lankshear e Knobel, todos propõe uma educação voltada à conscientização política, criticidade e cidadania [...].

É importante levar em consideração a ideia de que no texto da Base Nacional Comum Curricular, (BNCC, 2021), documento mais atual para construção de currículos na contemporaneidade, existe questionamentos em que o professor contemporâneo pode se

apropriar com intuito de abastecer sua base de ensino, fortalecendo o vínculo com o educando em plenitude com as propostas feitas por especialistas da área.

Nesta Base é apresentado uma visão sobre um aspecto político muito ardente, onde se faz necessário saber que a língua inglesa é trazida como língua franca, a qual pertence a vários povos, nativos ou não nativos, que é importante ressignificar este aspecto da língua que dialoga com o multiculturalismo, a diversas identidades que se constitui pela língua inglesa, visão muito contemporânea. Isso traz um horizonte infinito, o qual deixa em aberto vários contextos que dialogam com a realidade das escolas, principalmente as de ensino público, que em diversas situações chega ser visualizada como incompetente por não fazer fluentes sua clientela. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira (1998, p.42), vem corroborar sobre a visão,

Pluralismo Cultural, também é essencial que se traga para a sala de aula o fato de que, pelos processos de colonização, muitas línguas estrangeiras, tradicionalmente equacionadas com as línguas faladas pelos nativos dos países colonizadores (Inglaterra, Espanha, França etc.), são hoje usadas em várias partes do mundo como línguas oficiais e até mesmo como línguas maternas. [...].

Assim, devemos nos questionar sobre a diversidade pluricultural, ou seja, a figura de um professor que traz para sala de aula aspecto redundante de povos britânico ou americano deve ser repensada, perceber o além do 4 de julho e dia de ação de graça na perspectiva de agrupar nações locais e internacionais e respeitar as diferenças e individualidades na complexidade cultural, seja como línguas oficiais, ou mesmo como línguas maternas. A promoção de aulas que reintegra questões que vai além do ensino linguístico predominante em cursos de idiomas, apesar de tornar pessoas fluentes não dialoga com aspectos abrangentes que requer o ensino de língua global.

Seguindo o enfoque de uma língua global e partindo da concepção teórica de uma lista de competências e habilidades orientada na BNCC (2021), as esferas públicas e privadas trazem discussões sobre as questões pedagógicas, nas quais as escolas podem construir seus currículos, determinar os conteúdos com foco alinhado em desenvolvimento dos eixos tais como: produção escrita, leitura de texto e contexto com gêneros textuais, oralidade articulada com os outros eixos, linguístico que trabalha com a gramática e por último o eixo da interculturalidade trabalhado com a multimodalidade.

Ao tratarmos de multimodalidade falamos em diversas produções textuais como infográfico, anúncios, cartuns, propagandas, tirinhas charges, enfim textos que alcançam mais de uma modalidade. O professor de língua inglesa tem que estar atendo que trabalha com a

linguagem, por esta razão não pode fazer um trabalho fragmentado, ou seja, não tem como abordar só a linguística e não olhar para leitura de imagem, o contexto ao qual está inserido, a interpretação, a escrita.

A multimodalidade é materializada com o uso social por meio da prática do professor na preparação e no desenvolvimento dos materiais que vai utilizar em sua aula, contextualizando em múltiplos olhares, afinal, o aluno contemporâneo já está inserido neste contexto multicultural, pois consome conteúdo por meio das redes sociais a todo instante.

No contexto histórico em que estamos atravessando e vivenciando chega ser um enorme desafio prender a atenção e despertar o interesse nos alunos em aprender os conteúdos propostos em sala de aula seja na língua inglesa ou em sua própria língua materna, tais conteúdos curriculares são vistos por diversos autores como essenciais para a formação do cidadão nos aspectos acadêmicos, bem como em sua vida social. É mostrado nos índices do Sistema de avaliação da educação básica (SAEB) instituído pelo Ministério da educação (MEC), a medição da aprendizagem dos alunos no ensino fundamental. Isso equivale de tal forma como é frágil o conhecimento absorvido por esses estudantes. Por se tratar de conteúdos, o professor tende a fazer um enorme diferencial, como pontua Mendes (2011),

O perfil do professor de línguas, percebido como o principal responsável por criar um ambiente no qual os estudantes possam interagir de maneiras distintas no idioma estudado, auxiliando-os também a se tornarem autônomos e promotores da sua aprendizagem. Sob esta perspectiva, o professor é percebido como mediador no processo de ensino/aprendizagem, sendo lhe exigidas habilidades que extrapolem o simples conhecimento do idioma que irá ensinar (MENDES, 2011, p. 32).

Nesse olhar, não é suficiente o conhecimento científico do professor, sua experiência no campo educacional pode aumentar as chances do aluno a procurar meios para alavancar sua construção no processo educativo. Porém, as abordagens comunicativas precisam a todo instante do processo cognitivo dos aprendizes e de sua vontade de ir em busca, submetendo-se, se possível, a um diagnóstico de como aprendem com mais exatidão, em vista disto, é indispensável compreender métodos e técnicas para que ocorra o ensino de línguas.

Garton, (2008, p. 83, tradução nossa) explica:

Isso significa que, como professores, inevitavelmente teremos diferentes crenças sobre ensino e aprendizagem e, também, diferentes abordagens em sala de aula. conceitos como melhor método e “bom ensino” devem, portanto, ser abandonados em favor do reconhecimento da diversidade dos professores e da ideia de que o “melhor ensino” é o “melhor para cada indivíduo e para cada professor”.

Difícilmente existirá um melhor ou pior método proposto pelos profissionais da área, todavia, existem realidades diferenciadas, alunos com especificidades diferentes. Com isso, o método ou técnica deve ser inserida conforme o contexto e o papel do professor é exuberante para melhor guiar o aluno, ou seja, independentemente do método ou técnica escolhida, seu papel é tornar o processo mais produtivo, fazer com que o aprendiz se desenvolva como agentes reflexivos, autônomos e que seja motivado em aprender. Numa sala de aula, o método vem ajudar, mas vários fatores podem dificultar tanto a aprendizagem quanto o ensino. Assim expressa Furlanetto, 2019, p. 27:

Ao ensinar uma LE, nós professores, devemos ter sempre em mente que, eventualmente, nos depararemos com alguns fatores que dificultarão nosso trabalho, como alunos frustrados por não conseguirem se expressar, com medo de errar, inseguros etc. Assim, cabe a nós encorajar, mostrar a esses alunos que eles fazem parte de um mundo plurilíngue e, por isso, são capazes de interagir, comunicar-se e refletir acerca do que vivem não apenas em sua língua materna, mas também por meio de uma LE – no nosso caso o inglês -, abrindo, assim, novos horizontes pessoais e profissionais.

Sem sombra de dúvida, nas escolas existem uma demanda enorme de alunos e professores desmotivados e desacreditados com ensino de escolas públicas, com crenças que em muitos casos só tendem a dificultar o processo de aprendizagem. Difícilmente os alunos dessas escolas alcançam a tão sonhada fluência em língua inglesa por inúmeros motivos que vai desde a formação do professor, o interesse do aluno, ou ainda a questão de poucas horas semanais de estudo oferecido pela escola.

É notório as dificuldades enfrentadas na sala de aula, principalmente quando se trata de ensino público, pois os fatores que ocasionam tal problema são inúmeros como já foi citado anteriormente e que é indispensável fixar: físicos, interativos, emocionais, cognitivos dentre outros que abrangem salas superlotadas, professores com carga horária em mais de uma disciplina, material didático que não correspondem a necessidade do aprendiz, alunos e professores frustrados com o ensino aprendizagem, alunos expressando que não são bons suficientes em aprender um novo idioma, outros inquietos devido a não desenvoltura nas habilidades, problemas linguísticos, disciplinares etc. Tudo isto reflete no processo de aprendizado do aluno, levando a ineficácia desse aprendizado. Dessa forma abordam os PCN (1998, p. 24),

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido, livro didático etc. podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas.

Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes.

Outra visão que chamou a atenção foi o fato do desinteresse do aluno pela disciplina, a qual se junta ao fato que também aponta os PCNs (1998), onde expõe as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras que além da carga horária reduzida, mostra problemas como classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido, livro didático etc.

Trindade (2018, p.15), explicou sobre isto em sua pesquisa no seguinte fragmento “a falta de interesse pela língua fica evidenciado nas falas dos próprios pares, alegando não terem sido alfabetizados nesta língua ...”

Geralmente esses aprendizes não valorizam as aulas de língua inglesa com a explicação de que é somente uma disciplina que faz parte da carga horária, intitulando-se em ter dificuldades ou não conseguir acompanhar as aulas, pois colocam na situação de não serem bons suficientes em sua língua materna, muito menos em um idioma que transcende sua realidade.

A literatura mostrou ser necessário que o aluno tenha clareza nos objetivos de ensino, assim explica Menezes de Souza e Monte Mór (2006), quando expõe que não se tem clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. “Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas”.

Verifica-se que, em muitos casos, há falta de clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas. Observa-se a citada falta de clareza quando a escola regular tende a concentrar-se no ensino apenas linguístico ou instrumental da Língua Estrangeira (desconsiderando outros objetivos como educacionais e os culturais. (MENEZES DE SOUZA E MONTE MÓR, 2006).

A função do professor é complexa devido exigir que o seu conhecimento seja bastante abrangente, que integre um amplo olhar educacional em aspectos pedagógicos, sociais, culturais ou mesmo ideológicos a prática cotidiana de ensino. São constantes exigências que requer o mundo globalizado, onde tecnologias se expandem agrupando a vida de professores e alunos.

Por isso, planejamento didáticos com materiais e estratégias adequadas podem minimizar as dificuldades enfrentadas em ambiente de salas de aula. É responsabilidade do professor saber quem é seu público-alvo, e só então desenhar sua aula de maneira que seja de

interesse e estilo de vida do aluno, tornando o ensino possível. Portanto, esse profissional é desafiado a pensar a necessidade.

Furlanetto (2019), apud Cruz (2009), argumenta que aprender um novo idioma requer mudança qualitativa para aceitação da língua e da cultura. Conforme a autora, não tem como aprender se não ligarmos o ponto de partida às peculiaridades linguísticas e culturais que a cerca “gramática, léxico, comportamentos, hábitos, costumes dentre outros aspectos imprescindíveis a familiarização da língua estrangeira.

O motivo pelo qual o aluno pode enfrentar mais dificuldade talvez seja explicado pelo medo, segundo Souza (2023, p. 35) o medo é considerado o mais desmotivador, sobretudo na hora de se expressar.

Em vista as condições inapropriadas, o aprendizado de um idioma também depende de outros pormenores como por exemplo, linguístico, cognitivo, interacionais e emocionais.

“Desse modo, compete à pessoa compreender as razões do erro, para tomar as medidas necessárias que irão ajudar a sanar ou superar as falhas no processo de aprendizagem de uma segunda língua”. (TORRE, 2007, p.19).

De acordo com os PCNs: “a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma atividade emocional e não apenas intelectual. O aluno é um ser cognitivo, afetivo, emotivo e criativo” (Brasil, 1998, p. 66). Essa evidência é marcada no contexto escolar com constantes diferenças pluriculturais existentes na sala de aula.

É muito comum encontrarmos alunos com emotivas preocupações e com isso não conseguem ter a desenvoltura esperada em aulas de língua inglesa, ou ainda não tem o desempenho necessário em alguma atividade específica exigida no cronograma escolar. O medo, a desilusão, a frustração são fatores que viabilizam fracasso no processo de aprendizado.

Furlanetto (2019), corrobora com a ideia de que ao ensinar uma Língua Estrangeira, os professores precisam estar preparados que, eventualmente, irão se esbarrar com alunos frustrados por não conseguirem se expressar, com medo de errar, inseguros, dentre outros sentimentos que dificultarão o aprendizado.

Assim, como acredita Basso (2001), é necessário que profissionais da área por meio de competência se disponha em:

Educar para o futuro, transformando o presente; de não ser somente o que informa, mas que forma; não o que repassa somente um código, mas que aponta caminhos aos alunos para que transformem através de novos horizontes de possibilidades abertos pela nova língua (BASSO, 2001, p. 120).

Para entendermos como acontece o aprendizado da Língua Inglesa como língua estrangeira ou L2 é necessário perceber sua diferença. Segundo Shin (2014), uma das principais diferenças entre o ensino da Língua Inglesa como L2 e LE é o contexto. Como L2, o inglês é ensinado e aprendido em países falantes dessa língua, como aluno brasileiro aprendendo inglês nos Estados Unidos. Já como LE ele é ensinado e aprendido onde o idioma principal não é o inglês. É o caso do ensino nas escolas brasileiras.

Ensinar e aprender a língua inglesa é além de ser um processo amplo chega ser instigante para o professor e para o aluno. Kumaravadivelu (2003) destaca dois modelos de línguas que ajuda o professor a evoluir em sua função: o modelo de orientação para o produto e o modelo de orientação para o processo. O primeiro requer uma descrição do comportamento do professor para construir um perfil de sala de aula. Enquanto o outro descreve o comportamento individual de cada aluno. A formação de professores, faz-se necessário:

Como afirma Tavares (2001, p. 24) é urgente que “na formação desses profissionais se desenvolva outra maneira de ser, de estar, de agir, a partir de outros referenciais científicos, éticos, culturais, humanos”. Propomos aqui um novo olhar para essa formação, uma possibilidade de diálogo entre os saberes formais e saberes da experiência, construindo nas interações entre os sujeitos, orientados por posicionamentos e atitudes que revelem seu potencial humano e de humanização. (FARTES; SANTOS; GONÇALVES, 2010, p. 212).

Na rotina do professor, é de suma importância que amplie seus horizontes na busca de melhoria da prática pedagógica, a fim de abrir novas possibilidades de posicionamento perante o seu papel enquanto educador, aquele que dialoga com outro dando permissão para novas conquistas que vão além do pensar individual.

O material didático, não deixa de ser uma das possibilidades de conquistar novos conhecimentos, porém não o único. O uso desse material atende de certa forma algumas das necessidades do aluno devido a abrangência de conteúdo. Mas sabemos que nem sempre eles estão à disposição do professor, apesar de ser em muitas situações, a única ferramenta norteadora que o profissional possui. Mesmo quando o professor tem acesso as tecnologias digitais propiciando agilidade por parte dos meios midiáticos e da facilidade em encontrar material para subsidiar as aulas, muitos deles encontram dificuldade em manuseá-las. Daminiánovic (2009, p. 21) coloca:

Vejo o material didático como uma estrutura que visa a oferecer ao aprendiz uma possibilidade para que ele possa (re) construir seu comportamento por meio do estudo das atividades de linguagem, que contêm um motivo orientador para um

comportamento determinado por condições sócio-histórico-culturalmente determinadas.

Os livros didáticos apontam-se como flexíveis, assim diz (Rojo, 2013, p 180) a sequência didática mostra-se como uma solução que pode ser adaptada pelo professor às suas necessidades de ensino e às possibilidades de aprendizagens de seus alunos.

Como cita a autora as sequências didáticas podem ser vistas como um conjunto de atividades organizadas e sistemáticas, que ampliam o horizonte dos alunos no alcance das atividades, inseridas no contexto real, maximizando a apropriação dos conteúdos por meios dos exercícios didáticos. Porém não é o único meio devido os alunos estarem em constante aprendizado consumindo cada vez mais textos das redes sociais, é bom que o profissional da área esteja engajado também com esta cultura para melhor aceitação e diálogo de suas aulas e no intuito de serem alcançadas com reciprocidade, desenvolvimento e materialização do aprendizado.

## **2.2 Aprendizado de Língua inglesa na BNCC**

É pertinente saber na trajetória enquanto estudante que a aprendizagem de língua inglesa agrupa ações e atitudes de envolvimento interacional, e a escola como instituição que corrobora para esse ato, é o espaço propício para abraçar em seu contexto diferentes vivências sociais e culturais que favoreçam o interagir consigo mesmo e com outro de forma respeitosa e recíproca, despertando dessa forma a construção de identidades.

Com este olhar, que as escolas recebem em seu currículo a língua inglesa como disciplina obrigatória nos anos finais do ensino fundamental para um ensino voltado ao mundo social global e plural. Crystal (2012), argumenta sobre a globalização da língua quando expõe “uma língua não se torna global por sua estrutura gramatical, pelo seu vocabulário ou porque foi um veículo para a circulação de uma excelente literatura no passado”. E ainda complementa ao passo que mostra a única razão dela se tornar internacional “o poder das pessoas que a usam, principalmente seus representantes políticos e militares”.

Ao visualizar o pensamento do autor acima, é notório perceber que a disciplina Língua Inglesa vem com estratégias de oportunizar aos alunos engajamento e participação em contextos bem contemporâneos, ao mesmo passo que pretende mostrar a amplitude de interesses locais e internacionais por meio de argumentos abrangentes, apresentando comunicações entre os países

para que o diálogo se faça presente como base para aberturas e construções de novos ideais para a concretização do aprendizado.

Hoje, pode-se afirmar que a língua inglesa pertence a todos, no entanto é válido rever o conceito de língua estrangeira devido a prioridade ser como língua franca, a qual focaliza a função social e política. Nessa trajetória, o momento histórico vivenciado acolhe falantes espalhados por todos os territórios independente da população, da cultura, do idioma falado, da religião. O objetivo é mostrar diferentes repertórios para desvincular a ideia de pertencimento a um único povo ou nação, oportunizando a legitimação ao inglês em contextos locais.

Partindo desse pressuposto, o caráter formativo de aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica é o que abrange a BNCC, p. 241.

[...] o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. (BNCC, 2021, p. 241.)

De acordo com a proposta, a língua inglesa vem com aberturas de desempenhar o papel de possibilidades de saberes linguísticos considerados necessários para abranger uma educação voltada ao engajamento e participação do aluno com enfoque crítico e ativo para uma formação de cidadania interativa e consciente, não deixando de lado a possível construção de novos conhecimentos por intermédio de conteúdos didáticos.

Por este motivo, é interessante entender a língua inglesa na BNCC (2021), a partir da apresentação das três implicações agrupadas ao documento. São elas: relações língua território e cultura; ampliação de letramento ou multiletramento; abordagem de ensino.

A primeira implicação vem para rever as relações entre língua, território e cultura. Esse relacionamento acontece devido ao fato de a língua inglesa ter expandido no mundo contemporâneo, cuja expansão dialoga com diferentes repertórios linguísticos e culturais, perdendo o viés de eurocentrismo, e ao mesmo tempo, trazendo para discussões o foco social e política do inglês.

Neste confronto de língua, território e cultura, a língua em discussão passa a ser tratada de língua franca, na certeza de que os falantes de inglês serão compreendidos em qualquer lugar. Esses falantes não precisarão mais ser apenas dos países em que o idioma é oficial, uma vez que existem uma diversidade imensa de pessoas que são fluentes, porém não nativos.

Dessa forma, o documento em questão traz questionamento para a compreensão do conceito de língua estrangeira. Assim, na BNCC (2021), “A língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa”.

No lugar de ser vista como do estrangeiro, o idioma em questão traz sua liberdade contrapondo ideia de pertencer a um determinado território, desfazendo de vez pensamentos que vem sendo impostos a décadas, como se o inglês correto fosse somente o americano ou o britânico. Portanto, o que implica é o vínculo de uma educação linguística ligada a interculturalidade com reflexões abertas ao respeito o mundo, o outro e a si mesmo.

Só para problematizar um pouco a ideia de um inglês global, Pennycook, 2007, aborda,

O próprio conceito de uma língua internacional ou mundial foi uma invenção do imperialismo ocidental. Por trás de tais afirmações, jazem sentimentos semelhantes aos de Phillipson (1992), onde afirma que a ideia de Inglês internacional (EIL), foi criada, promovida e sustentada para o benefício das potências ocidentais, do capitalismo global, do mundo desenvolvido, do centro sobre a periferia, da ideologia neoliberal. (PENNYCOOK, 2007b, p. 90).

A segunda implicação é sobre a ampliação de letramento ou multiletramento admitidos também nas práticas sociais do mundo digital. Essa nova postura intensifica os alunos a vivência de diferentes linguagens com significados cada vez mais contextualizado, dialógico e ideológico, onde o sujeito pode produzir construções interpretativas e criativas de maneira situada a sua prática social.

Nesse sentido a BNCC (2021), como status de língua franca reintegra “uma língua que se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais”.

A última implicação é acerca das abordagens de ensino em que o professor não deve ter um modelo ideal de falante, deve respeitar a cultura da língua e ter atitude de acolhimento e legitimação de diferentes olhares linguísticos, culturais, sociais, digitais etc. Essa nova forma de abordar o ensino permite eliminar determinadas crenças ou mesmo atitude do profissional, cuja postura vem sendo disseminada no aprendizado do idioma, deixando visível que a língua inglesa é de todos que dela queiram desfrutar no seu contexto diário, que não é cabível a ideia de alienação de certo ou errado, que só quem sabe falar essa língua são os nativos. (BNCC, 2021).

As três implicações postuladas na BNCC (2021), sem sombra de dúvida enaltece a compreensão dos objetivos de aprender um segundo idioma em escolas públicas, pois é visível a forma como o ensino é visto por determinados alunos, pais e professores ao criticar como acontece o estudo, que de certa forma não leva a fluência, isso gera frustração. No que concerne as implicações, são elas que gerenciam os eixos organizadores: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão cultural que compõem a língua inglesa.

O eixo oralidade fica explícito a própria nomenclatura, requer uso oral da língua na compreensão por meio da escuta e produção oral mediada pela fala dos interlocutores. É necessário que nestas práticas de linguagens o aluno busque sempre significados partilhados pelos que do diálogo fazem parte. Isso pode ser vivenciado em debates, entrevistas, conversas paralelas entre amigos, diálogos formais entre outros gêneros orais que circundam no meio social.

São as características desses gêneros, ou do próprio falante e sua maneira de lidar que marcam as identidades, podendo ser agrupados ao uso do léxico, estruturas linguísticas, pronúncia, entonação, ritmo e ainda, pelas estratégias de compreensão, seja ela global, específica ou detalhada, de acomodação (resolução de conflitos), e de negociação (esclarecimentos e confirmações, uso de paráfrases e exemplificação). Assim, Bakhtin (2016), aborda,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade[...] (BAKHTIN, 2016).

É pertinente também permitir que as práticas sem contato face a face como os filmes, programações de tv, músicas, mensagens publicitárias dentre outras permeiam e se consolidam no uso da linguagem. Todas elas levam o estudante ao envolvimento da escuta e observações atentas de elementos relacionados a linguagem e suas estruturas. A oralidade se faz necessária também por permitir o desenvolvimento de diversos comportamentos tais como: arriscar em uma conversa na língua inglesa, se fazer compreendido no desenrolar da conversa, da mesma forma compreender o outro, saber o momento de passar a vez ao outro, superar mal-entendidos, lidar com a insegurança na hora de desenvolver um diálogo, e outros.

Como exposto por Lima (2019), isso significa que você deve ler bastante e ouvir muito e se você começar a se expor a textos, filmes, programas de televisão, músicas, diálogos cujo idioma esteja embutido, as chances são enormes para ativar o seu cérebro e identificar com mais

detalhes as combinações de palavras existentes, bem como se acostumar com a língua. A exposição à língua inglesa tem grande relevância para a aquisição de um bom vocabulário e mais conhecimento do que quem não se arrisca,

Isso significa que você deve procurar ler bastante e ouvir muito. Se você começar a se expor a textos, filmes, programas de televisão, músicas, diálogos no qual a língua inglesa esteja sendo usada, terá uma grande chance de ativar o seu cérebro para identificar as combinações de palavras existentes, bem como se acostumar com a língua. [...] (LIMA, 2019, P. 34).

Portanto, o eixo oralidade, nas práticas de ensino permite que o professor se utilize de diversa ferramentas midiáticas como cinema, internet, televisão dentre outras sirvam de insumos autênticos e significativos para que aconteça de fato o uso oral da língua, oportunizando vivências que alcançam aspectos verbal, visual, sonoro, gestual e tátil, trazendo uma grandeza para o ensino e aprendizagem no componente língua inglesa. (BNCC, 2021).

O eixo leitura traz grandes relevâncias no contexto da BNCC (2021) por meio de vivências dos estudantes em práticas situadas que são envolvidas pelo contato direto dos gêneros escritos e multimodais, corroborando para a leitura crítica e construção criativa e autônoma da aprendizagem da língua.

De acordo com o documento, metodologicamente, o professor deve proporcionar leituras de importância a vida escolar, social e cultural, organizadas em pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Segundo Rojo (2017, p. 4), incluem “[...] procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos, pois incorporam a leitura e (re)produção de imagens e fotos, diagramas, gráficos e infográficos, vídeos, áudio etc.”.

Como visto, o eixo leitura compreende práticas de linguagens as quais decorrem da interação do leitor com o texto escrito, com foco na construção de significados aglomerados por interpretações de gêneros escritos. Tais práticas de leituras levam ao desenvolvimento de estratégias que empoderam o conhecimento textual como o uso de pistas verbais e não verbais com objetivos de formulação de hipóteses e inferências para subsidiar melhor a leitura, de investigação favorecendo processos significativos e reflexivos, de forma crítica e problematizadora.

Os gêneros verbais e híbridos oportunizados pelos meios digitais tem o poder de provocar vivências não só significativas, como também situadas de diferentes modos de leitura que são: uma ideia geral do texto, informações específicas, algum detalhe incluso, dentre outros.

Também tem o olhar para diferentes objetivos de leitura - ler para pesquisar, revisar a própria escrita, em voz alta para expor ideias e argumentos, para agir no mundo, enfim a leitura permite diferentes objetivos.

Contudo, as práticas leitoras possibilitam compreender uma gama extensa de contextos de uso das linguagens seja para pesquisa ou para ampliar conhecimentos, seja para o trabalho interdisciplinar ou para a fruição estética de gêneros como poemas e peças teatrais.

O discurso da interdisciplinaridade não é um modismo, mas uma necessidade imposta por dois principais fatores: a complexidade da produção de conhecimento e o acúmulo colossal dos saberes [...]. o trabalho solitário, centrado nas premissas e ferramentas de uma só disciplina se torna insustentável e improdutivo. (Lima, 2011, p. 91).

A interdisciplinaridade, como reza o autor, produz conhecimento e acumula saberes, de certa forma, é um agrupamento entre os conteúdos disciplinares, que provoca por intermédio da leitura, aprendizados mais eficientes.

Paralelo a leitura, vem a escrita, que também pode ser estudada de forma interdisciplinar. O eixo escrito na BNCC (2021) é por meio de práticas de produção textuais, com base em escritas autorais, em que o próprio aluno é o protagonista, pois sua atividade de escrita se inicia do mais simples ao mais complexo, podendo escrever mensagens, tirinhas, fotolegendas, adivinhas, dando sequência a textos mais elaborados como autobiografias, pequenas notícias, relatos de opinião, folder, chat dentre outros que circundam os meios digitais e sociais. Na sala de aula, essa prática é um processo que envolve a participação individual e coletiva. O professor nessa jornada de construção escrita tem um papel muito peculiar de planejamento-produção -revisão junto aos estudantes, concebendo o suporte técnico e pedagógico para auxiliar sobre o que pretende escrever, aspectos como o objetivo do texto, o público que pretende alcançar com aquele texto.

O eixo Conhecimentos linguísticos alinha-se a oralidade, leitura e escrita, sendo trabalhado pelos alunos de modo indutivo na realização das práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua. É necessário contextualizar os conteúdos por meio do estudo do léxico e gramática e assim desvendar a forma sistêmica da língua. Não é recomendado trazer os conteúdos tais como: formas e tempos verbais, conectores discursivos, estruturas frasais sem contextos, é pertinente o trabalho envolvendo o todo para poder se chegar nas partes. É um estudo que leva o aluno a refletir sobre o adequado, o padrão, as variações linguísticas e inteligibilidade. Propiciar questionamentos e indagações para dar sentido ao estudo, explorar

as relações de semelhanças e diferenças entre língua em estudo e demais línguas que inserem no cotidiano do estudante, dando visibilidade a outras línguas. BNCC (2021).

Souza, (p. 40, 2023), corrobora “falar em inglês não é somente repetir ou decorar frases prontas, mas expressar opiniões, manter um diálogo, e possuir maturidade verbal e lexical, para emitir suas ideias. O autor acrescenta ainda que “o estudo da gramática inglesa é importante para o desenvolvimento dessa habilidade, pois fornece ao aluno o conhecimento necessário para a estruturação das frases”.

Devido a interação das culturas na contemporaneidade, temos na BNCC (2021) o eixo Dimensão intercultural que leva a reflexão aos estudantes sobre as diversas vivências com grupos de pessoas, interesses diversificados, agendas e repertórios linguísticos e culturais que oportunizam os alunos a conhecer o mundo pluricultural, os quais permitem relações interativas e constituição de identidades. Nesse olhar é que a língua inglesa atual deve se constituir, o respeito pelo outro, o outro diferente. Esse status de língua franca é oportuno para a abertura de questionamentos, problematizações e reconhecimentos de atitudes, valores e padrões culturais. Portanto, o eixo Dimensão intercultural é o mais desafiador, pois traz para discussão na sala de aula sobre os diferentes papéis da própria língua inglesa no mundo numa perspectiva histórica e contemporânea, com diferentes desafios e prioridades para o ensino.

É imprescindível dizer que esses eixos, embora tratados de forma separada na explicitação da BNCC, estão intrinsecamente ligados nas práticas sociais de usos da língua inglesa e devem ser assim trabalhados nas situações de aprendizagem propostas no contexto escolar. Em outras palavras, é a língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal que leva ao estudo de suas características específicas, não devendo ser nenhum dos eixos, sobretudo o de Conhecimentos linguísticos, tratado como pré-requisito para esse uso. (BNCC, 2021, p. 245).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2021), a Língua inglesa faz parte do grupo das linguagens, tendo como objetivo final a possibilidade de levar os alunos para participar de práticas de linguagem diversificadas, as quais possam permitir a amplitude das suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, bem como seus conhecimentos acerca dessas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação infantil. (p. 65).

É válido explorar as competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, assim temos:

“Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. (competência 1, p. 67).

Pode-se dizer que em se tratando de língua inglesa sendo uma língua que não tem dono, falada internacionalmente por diversos povos, nativos ou não, nomeado como língua franca, é pertinente que nessa competência o diálogo com os alunos seja de construção para a cidadania, pois engloba construir significados em várias esferas no sentido de reconhecer e valorizar a diversidade de identidades.

“Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva”. (competência 2, p.67).

A competência 2 acima citada se alinha aos conhecimentos que o aluno tende a receber, com práticas diversificadas que possibilitem o engajamento interdisciplinar com participações ativas na vida social na formação cidadã, acometida de ações responsáveis que levam práticas de justiça, enfatizando política inclusiva e democrática.

“Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação”. (competência 3, p. 67).

É importante frisar que na competência 3 existe uma abertura para que o professor e o aluno, juntos tornem-se os protagonistas do ensino e aprendizagem, sendo autônomos para ir além dos conhecimentos científicos. Hoje as tecnologias digitais permeiam no meio escolar e na vida social do aluno, e abre espaço para o diálogo em diferentes contextos, possibilitando a todos ao insumo de informações significativas ou não, cabe a cada um o acolhimento desses saberes. As mídias digitais são exemplos que podem fazer parte do processo educativo, com imagens, textos, podcast, vídeos, enfim, práticas intertextuais, plurilinguísticas e culturais no alcance dos mais longínquos lugares e pessoas, propiciando ambientes propícios a comunicação.

“Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo”. (competência 4, p. 67).

Vivenciamos na contemporaneidade atos políticos e ideológicos que pleiteiam o ambiente escolar e social, o neoliberalismo e práticas hegemônicas são exemplos. No entanto faz-se necessário formar cidadãos capazes de conhecer e respeitar a si mesmo e o outro, seus direitos e deveres, bem como o ambiente o qual faz parte, com responsabilidade e ética nas

práticas de consumo, sendo capazes de argumentar com criticidade e autonomia tendo embasamento em fontes confiáveis.

“Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas”. (competência 5, p. 67).

O professor nesse contexto tem o papel fundamental de mostrar que a língua inglesa é uma língua que circula em diferentes ambientes, nacional e internacional, com pessoas de diferentes identidades culturais, porém o respeito e a tolerância devem vingar, o outro merece ser visto como aquele que se assemelha a todos, com diferenças e individualidades que não devem ser ignoradas, dessa forma precisa fazer parte desse repertório cultural.

É pertinente que essas competências socioemocionais acompanhem alunos e professores, pois são mudanças extremamente importante para a aproximação de uma educação qualitativa que busque ir além dos fatores cognitivos de aprendizagem. Com esses pressupostos articulados as competências gerais da Educação Básica e as competências da área de Linguagens, a Língua inglesa vem com o dever de cumprir as competências específicas.

“Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho”. (BNCC, competência específica 1, p. 246).

Nesta competência específica é importante que o trabalho com o aluno seja de reconhecimento de identidade, perceber o eu e o outro como seres com capacidades de alcançar objetivos e ser direcionados e integrados a uma sociedade com múltiplas culturas, peculiaridades e diferenças. Contudo, a competência 1 demonstra como a aprendizagem da língua inglesa contribui para essa inserção na sociedade de forma crítica e reflexiva, ajudando o aluno a se enxergar como alguém que pode não só conviver com o outro, mas a fazer parte principalmente no mundo do trabalho.

“Comunicar-se na língua inglesa por meio do uso variado de linguagens em mídias impressas ou digitais, reconhecendo-a como ferramenta de acesso ao conhecimento, de ampliação das perspectivas e de possibilidades para a compreensão dos valores e interesses de outras culturas e para o exercício do protagonismo social”. (BNCC, competência específica 2, p. 246).

A comunicação da língua inglesa ganha força na BNCC, principalmente nesse cenário digital, porém o professor não precisa deixar de fazer um estudo voltado a comunicação oral ou escrita só porque não possui rede de internet a sua disposição na sala de aula, até mesmo pelo motivo de não ser extinto a mídia impressa. A forma digital pode ser trabalhada aproveitando que o aluno em sua própria casa ou comunidade tem vivências com as mais diversas tecnologias, seja para ouvir uma música que gosta ou participar de um jogo no computador, isso promove descobertas e construções que só tem a enaltecer o ensino e aprendizagem.

“Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade”. (BNCC, competência específica 3, p. 246).

É notório a importância do diálogo entre a língua inglesa e a língua materna. Isso faz com que o ensino se torne mais proveitoso devido o aluno fazer elos de ligações com o conhecimento que já possui. Fazer essa distinção entre inglês/português não faz com que o aluno aprenda mais ou aprenda menos, acreditamos que o vínculo com sua língua materna só favorece o processo de construção, ajudando a tornar o vocabulário cada vez mais online na memória. Essa assimilação permite que o educando identifique em sua jornada de estudos aspectos do seu meio sociocultural e identitário até mesmo no momento de uso de traduções.

“Elaborar repertórios linguístico-discursivos da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país, de modo a reconhecer a diversidade linguística como direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais emergentes nas sociedades contemporâneas”. (BNCC, competência específica 4, p. 246).

Sabe-se que historicamente a língua inglesa oriunda de diferentes povos como os Anglos, Saxões, Vikings, dentre outros que com seu modo de viver, sua cultura e seus hábitos ajudaram a formação da língua inglesa que temos hoje. Nesse sentido, é coerente valorizar os repertórios linguísticos usados em diferentes países por povos diversos, reconhecendo o seu valor seja de maneira linguística, híbrida ou multimodais. Essa competência abre espaço para discussão linguística por meio de gêneros discursivos e podem ser familiarizados por outras disciplinas usando a interdisciplinaridade.

“Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.” (BNCC, competência específica 5, p. 246).

As tecnologias usadas corretamente, com e sob orientação do professor como ferramenta de ensino abre horizontes infinitos, é o meio mais adequado de formar o aluno como ser ativo, autônomo e crítico devido a abrangência de materiais que podem ser usados e se

encontra ali diretamente a disposição do aprendiz. O aluno autônomo de sua aprendizagem busca e usa a seu favor essa gama de conteúdo para aprimorar e construir seu conhecimento. Quando se fala em tecnologia não se resume em internet, se refere também ao próprio material que o aluno possui em sala de aula como o livro didático que em sua unidade tem como tema os diferentes meios de acesso à informação, aqui é bom ressaltar os meios impressos como as revistas, jornais dentre outros que podem ser aporte social, literário, científico para discussão durante a aula.

“Conhecer diferentes patrimônios culturais, materiais e imateriais, difundidos na língua inglesa, com vistas ao exercício da fruição e da ampliação de perspectiva no contato com diferentes manifestações artístico-culturais. (BNCC, Competência específica 6, p. 246).

Nesta competência de acordo com a BNCC, promove a familiaridade do aluno com gêneros textuais como tirinhas, charges, histórias em quadrinhos, os quais são atividades de fruição, além de interpretação e produção de textos artísticos, usado por meio da criatividade e requer também um trabalho interdisciplinar com a arte, gerando humor e discussões acerca de situações vivenciadas no próprio cotidiano do aprendiz.

A BNCC de língua inglesa para o Ensino Fundamental – Anos Finais está organizada por eixos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. As unidades temáticas, em sua grande maioria, repetem-se e são ampliadas as habilidades a elas correspondentes. Para cada unidade temática, foram selecionados objetos de conhecimento e habilidades a ser **ênfatizadas** em cada ano de escolaridade (6º, 7º, 8º e 9º), servindo de referência para a construção dos currículos e planejamento de ensino, que devem ser complementados e/ou redimensionados conforme as especificidades dos contextos locais. (BNCC, 2019).

De acordo com a BNCC, as habilidades podem ser revistas e trabalhadas em outros anos, se houver necessidades, atendendo uma perspectiva de currículo espiral.

Considerando o estudo de língua inglesa e suas diferentes abordagens, é necessário compreender diversas concepções que direcionam e norteiam essa prática e por meio da identificação do público-alvo, saber de fato as habilidades que subsidiam o contexto real e específico a quem se destina.

As habilidades em língua inglesa são compostas pela audição e leitura que são as habilidades receptivas e a escrita e fala que são consideradas produtivas. O aluno precisa ouvir muitos áudios e fazer bastante leituras para conseguir absorver o idioma. A escrita e a fala vem em um segundo momento quando o aluno consegue se sentir mais seguro com a língua que está aprendendo. Uma das habilidades que o aluno tem mais dificuldade é a compreensão do que

ouve, talvez pela ausência constante do contato direto com a língua. Harmer (1998, p. 228) explica que,

O listening é especialmente importante desde que forneça a oportunidade perfeita de ouvir outras vozes além da do professor, permita que os alunos adquiram bons hábitos de fala como resultado do inglês falado que eles absorveram e ajude a aprimorar suas próprias pronúncias.

Na língua inglesa, uma forma bem peculiar do professor incentivar a leitura é contextualizando a partir das estruturas gramaticais além do uso de vocabulários relacionando às imagens. Harmer (1998, p. 210) ressalta que “não é suficiente dizer aos alunos para lerem muito; é imprescindível oferecer a eles programas que incluam materiais apropriados: orientações, tarefas, e facilidades tais como biblioteca permanente ou portátil”. Em consonância a isso, Cristóvão (2007) destaca,

[...] a ação de linguagem integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático que o agente produtor de um texto mobiliza. Uma dessas mobilizações é a escolha de um gênero que o agente considere adequado e eficaz para a situação que está vivendo. Para essa escolha, ele recorre ao conjunto de gêneros disponíveis ao seu redor e decide por aquele que se apresente como mais pertinente. (CRISTÓVÃO, 2007, p. 10).

Utilizar diversidades textuais tais como textos informativos, narrativos, acontecimentos históricos, ou mesmo do cotidiano, descrições de lugares, usos de paisagens, pontos turísticos e outros é oferecer muitas possibilidades de aprendizagem ao aluno, ajudando o aprendiz a se familiarizar com textos seja na língua inglesa ou em sua língua materna.

Paralelo à leitura, a escrita na língua estrangeira por intermédio de exercícios didáticos como quiz, resumos, escrita de frases, é indispensável no desenvolvimento da habilidade escrita, por mais que o aluno demonstre dificuldade são recursos que auxiliam o aluno na assimilação de vocabulários, estruturas textuais e gramaticais.

Souza, (p. 40, 2023), corrobora “falar em inglês não é somente repetir ou decorar frases prontas, mas expressar opiniões, manter um diálogo, e possuir maturidade verbal e lexical, para emitir suas ideias”. O autor acrescenta ainda que “o estudo da gramática inglesa é importante para o desenvolvimento dessa habilidade, pois fornece ao aluno o conhecimento necessário para a estruturação das frases”.

É necessário ainda o aprendiz desenvolver aspectos como coesão e coerência na escrita de textos e isso da mesma forma que a leitura deve ser integrada a outras habilidades, seja pela forma linguística ou cultural.

Na prática pedagógica e educativa deve-se contemplar as habilidades comunicativas, incluindo-se a compreensão escrita e oral, dando ênfase aos fatores relacionados ao processamento de informações, cognitivos e sociais. Nesta perspectiva de estudo, as atividades feitas no âmbito escolar trazem como objetivo vivenciar as experiências construtoras de aprendizagem integrantes nas dimensões interacionais, linguísticas e cognitivas da aprendizagem. No que concerne ao docente de língua inglesa, compete a tarefa de dominar as diversas esferas na qual circula os gêneros textuais, utilizando-os como recursos de ensino na efetivação das práticas discursivas. Neste contexto, o professor é um profissional em constante formação, estando apto a provocar mudanças. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA INGLESA (PCN-LE, 1998).

A visão do professor acerca da oralidade deve ser ressignificada, pois o contato com a oralidade hoje não é só por meio de conversas simultâneas, face a face, existe oralidade planejada por meio do consumo de várias culturas, seja por vídeos, músicas, jogos. A materialidade da oralidade se dar por diversas formas podendo ser até por meio de um podcast.

O texto da BNCC se constrói com o olhar que o inglês é obrigatório em todas as escolas de ensino fundamental II, com isso deve-se perceber que ela vem promovendo o diálogo com a escola toda permeando com outros segmentos, de forma interdisciplinar e multicultural com objetivos de formar cidadãos para ler e compreender o mundo que está inserido.

No entanto, sabe-se que no contexto atual, a língua inglesa está diretamente ligada ao mercado de trabalho, ou seja, o capital simbólico ou econômico está intrinsecamente ligado ao valor do que é aprender uma nova língua. A fluência, atualmente é vista como melhor condições para aquisição de melhores salários. Apple (2005, p. 15) argumenta que estamos vivendo, sob a influência determinante do mercado e dos negócios, a cultura das auditorias, cujas medições e avaliações determinam as performances e produtividades das agências públicas e seus funcionários, de professores e médicos. D' Ângelo (2007) e os documentos oficiais trazem controvérsias quando retratam que a educação técnica e ou tecnológica não deveria focalizar somente no mercado de trabalho e a produção, se de fato desejam a inserção de uma formação cidadã.

Retornando sobre o que diz Apple (2005), no que concerne as reformas educacionais, realmente há mudanças, cujas transformações democráticas se acentuam no individualismo e consumismo, isso vem de encontro ao pensamento de Saviani (2007, p. 383), “do ponto de vista pedagógico, conclui-se que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender, para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer”.

Ter domínio e fluência de uma Língua estrangeira ou L2 é um processo contínuo que requer assiduidade, autonomia, compromisso e principalmente uso de métodos e técnicas que viabilizem o ensino e aprendizagem com mais agilidade. Ao longo da história do ensino de línguas estrangeiras foram surgindo várias formas de ensinar – abordagens e metodologias, métodos e técnicas – para promover a aprendizagem com praticidade e eficácia. Porém, é importante refletir sobre o que diz Ferraz, (2015, p. 55) quando nos proporciona uma análise sobre como a alienação está presente nas práticas pedagógicas,

Buscando entender como as teorias críticas da educação dialogam nesse contexto de mercantilização e comoditização, reflito sobre o fato de que também os movimentos baseados nas teorias críticas estão relacionados, de certa forma, aos discursos e contextos neoliberais. Os estudos de Apple (2010, p. 31) mostram que as escolas públicas da era pós-industrial tiveram que (re)produzir os letramentos necessários para o funcionamento da economia industrial. O autor defende que há, atualmente, uma adaptação das práticas pedagógicas e políticas educacionais para que as escolas continuem a “alimentar a máquina da indústria econômica e perpetuar as vantagens da classe média branca”. (Ferraz, 2015, p. 55).

A comunicação humana é relativamente distinta em sua finalidade seja em nível pessoal ou social, uma vez que se transmite ideias, crenças, emoções e atitudes em seu convívio diário, mediante a interação com o outro se constroem ou é mantido em diferentes contextos sociais, de uma maneira simultânea, uma ou mais habilidades comunicativas. Nesse processo de trocas, podem mudar com muita rapidez de um papel e habilidade para outro, como exemplo da audição para a fala ou vice e versa, como também desenvolver tarefas envolvendo o uso simultâneo de várias habilidades, como ler e resumir um texto. (PINTO, 2006).

Pensando assim, não se constrói um diálogo com uma única habilidade, ou seja, dificilmente o professor vai propor um momento só para leitura, ou um momento só para fala, o ideal é trabalhar as habilidades coerentemente interligando todas elas.

A fonte de conhecimento válido não é mais primordialmente linguística como era nas práticas herdadas da palavra escrita e da educação convencional. Ela é hoje em dia, também multimodal, na qual o visual (diagrama, imagem, imagem em movimento), gestual, tátil e espacial são considerados conhecimentos tão válidos quanto à escrita (KALANTZIS; COPE, 2008, p. 41).

Nessa ideia, sabe-se que constantemente fazemos uso de algum tipo de leitura, por meio de imagens, símbolos, placas dentre vários recursos que favoreçam e podem construir mensagens e em muitos momentos o aprendizado.

Para trabalhar a competência na área 2 é pertinente conhecer e usar Língua(s) estrangeira(s) Moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais. Nesta competência é viável as habilidades 5, 6, 7, 8.

Na habilidade 5 pode-se associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema. Para o alcance desta habilidade é pertinente o conhecimento de algumas expressões idiomáticas, verbos frasais (phrasal verbs) e expressões culturais da língua inglesa. Isso supostamente enriquece o conhecimento no idioma e ajuda na compreensão textual.

Com a habilidade 6 utiliza-se os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas. Esta habilidade trata-se da capacidade de retirar informações do texto de forma explícita, ou seja, ler o texto e compreender o que foi lido.

A habilidade 7 está relacionada ao texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social. Trata-se de identificar qual a intenção do texto, sua função social, ou seja, o verbo apresenta-se no infinitivo (informar, discutir, denunciar).

E com a habilidade 8, é necessário reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística. Nesta habilidade refere-se ao conhecimento de diversidade cultural e linguística da língua, é importante perceber o repertório de vocabulário nas canções e poemas usados pelos falantes.

Dessa forma, vale aqui registrar a importância da Base Nacional Curricular BNCC, a qual oportuniza caminhos a fim de que o professor se sinta amparado e confortável para o melhor desempenho de sua atividade em sala de aula, alunos possa construir cada vez mais conhecimento com autonomia e criticidade, sentindo-se o autor de seu próprio aprendizado e ao mesmo tempo se inserindo no mundo plural e globalizado.

### **2.3 Metodologia ativa no processo de aprender a língua inglesa e a importância das ferramentas tecnológicas**

Com a crescente demanda tecnológica na sociedade não só os setores industriais e comerciais são impulsionados. Indubitavelmente, a área educacional também passa por mudanças que podem servir de estímulos para o aperfeiçoamento das práticas metodológicas.

Jones (2015) declara que o uso das Tecnologias de informação e comunicação no ensino é um estímulo que serve para aumentar o interesse, a motivação, a concentração e o próprio tempo para a resolução das atividades dos alunos. São ferramentas que contribuem para a construção do conhecimento, habilidades e atitudes.

Em outro viés, para que se concretize esses benefícios citados pelo autor acima destacado, a habilidade do profissional no manuseio das tecnologias é indispensável. Isso é perceptível, contudo, na ideia de Paiva (2012, p. 222-223) o docente, não é visto com tanta intensidade e como aquele que realmente faz acontecer o aprendizado. O autor dialoga que dificilmente, de forma organizada, acontece a formação tecnológica do professor, fazendo comparações de mundo, “não é diferente no Brasil, onde a formação tecnológica fica, geralmente, restrita a iniciativas individuais”, ou seja, aquele que faz a educação é o mesmo que procura, por vontade e interesse próprio, se capacitá-lo.

Para Pereira (2005), na atualidade, a tecnologia caminha pelos discursos e políticas educacionais. Como reflete o autor, existe um enorme desafio ao professor, cuja problemática é a formação da cidadania dos estudantes e sua preparação no mundo contemporâneo. “Em plena Era do conhecimento, na qual a inclusão digital e Sociedade de Informação são termos cada vez mais frequentes, o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem no nosso cotidiano”. (PEREIRA, 2005, p. 13).

Pensando no que o autor relata acima, é inerente a importância das tecnologias à educação, isso se estende a língua inglesa, visto que a educação muda conforme as metamorfoses ocorrem no seio da sociedade, e, a inserção da tecnologia vem ser uma dessas transformações.

Pode-se dizer que as tecnologias, sejam a mais simples possível, coopera para o aperfeiçoamento no processo de aprendizagem, isto é, existe hoje, uma enorme oportunidade do fazer pedagógico ser bem mais eficiente e eficaz do que anos atrás, onde se tinha apenas uma globalização de técnicas tradicionais, cujas ações educativas se restringiam a passos lentos, sem chances de oportunizar a criatividade, a equidade e a autonomia dos alunos.

Ainda é comum para os professores pensarem na tecnologia em termos de ferramentas e implementos. Este pensamento faz sentido ao percebermos todas as novas tecnologias de comunicação e informação; é especialmente verdadeiro no caso dos computadores. No entanto, uma visão reduzida da tecnologia pode impedir a nossa compreensão de ideias-chaves, tais como as naturezas inerentemente tecnológicas e transformativas dos letramentos. Isso significa que concentrar apenas nos aspectos instrumentais da tecnologia pode nos cegar para as suas importantes dimensões sociais e culturais e, em particular, a reconhecer a tecnologia como uma prática social. (LANKSHEAR; SNYDER, 2000, p. 32).

Neste modo de pensar dos autores acima, é oportuno se dirigir o termo tecnologia numa expansão ampla de significados e, nos meios educacionais, associadas ao uso de metodologias, como as chamadas Metodologias Ativas. No entanto, o ensino de língua inglesa, com a

integração das tecnologias podem ser promotoras e facilitadoras de um aprendizado menos mecânico e mais desafiador.

As metodologias ativas se apresentam como um conjunto de práticas necessárias, somativas e promotoras de participação ativa, crítica e reflexiva dos aprendizes, ajudando-os a construir um maior engajamento de trabalho em grupo e representatividade junto a ação pedagógica e educativa. Por meio delas as aulas se tornam mais atrativas e dinamizadas com aceitação mais significativa e um olhar flexível tanto para quem aprende quanto para aquele que ensina.

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje (MORAN, 2017, p. 24)

As ferramentas tecnológicas têm sido o andaime para o mundo cada vez mais globalizado.

Os autores Bacich e Moran (2018) associam o uso das metodologias ativas com as tecnologias digitais, as quais chamam de estratégias para a inovação pedagógica. Uma inovação que propõe agilidade de informações para o uso de mecanismos na preparação de uma aula com aceitação por parte dos aprendizes e com praticidade e dinamismo pelo professor.

O uso de metodologias ativas tem corroborado para as trocas de saberes, ficando mais visível atualmente devido a COVID-19, passando a exigir práticas inovadoras dos profissionais da área com mais frequência com o intuito de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, sobretudo para engajar os estudantes e torná-los autônomo de seu próprio aprendizado. Para Celani (2001), é pela prática reflexiva que o professor consegue gerir a complexidade e a imprevisibilidade do mundo, da escola e da sala de aula, cuja atitude permite a validação ou colaboração para o repensar das ações anteriores e aceitação do novo, levando em consideração o contexto que permeia a atuação docente.

Conforme Lankshear; Knobel, (2007), existem dois mundos que se tornam duas maneiras de pensar, as quais são resultados da presença das tecnologias digitais,

Mindset 1: o mundo opera basicamente por meio de princípios e lógicas materiais/física e industriais. O mundo está centrado e hierárquico; as relações sociais dos 'livros' prevalecem; uma ordem textual estável;  
Mindset 2: o mundo opera cada vez mais sob os princípios e lógicas não-materiais (por exemplo. O ciberespaço) e pós-industriais; as relações sociais dos emergentes

“espaços da mídia digital” são cada vez mais visível; textos em transformação. (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007, p. 11).

Como agrega o autor, o mundo encontra-se dividido em dois modos de pensar e, olhando para as maneiras como o aluno aprende, as metodologias ativas conseguem caminhar entre essas duas maneiras, tanto a lógica material e industrial, quanto os princípios não-materiais e pós-industriais.

As metodologias ativas inserem diversas abordagens, estratégias e atividades que enaltecem a autonomia e criatividade do aluno na construção do aprendizado. Sala de Aula Invertida, Aprendizagens Baseada em Problemas, Gamificação, Aprendizagens Baseada em Projetos, Design Thinking, Aprendizagem Cooperativa, Portifólio, Filmes, Storytelling, Técnica Teatral, Seminário, Debate, Role-play, entre outros são exemplos de aplicação de métodos ativos de ensino-aprendizagem. (Moran 2013; Pessoa et al, 2019; Leal et al, 2019; Nogueira et al, 2020).

São múltiplas a maneira pela qual o professor pode fazer para mediar sua aula. no entanto, discutiremos algumas dessas ideias a seguir.

A sala de aula invertida (flipped classroom) é um modelo de metodologia oriunda do ensino híbrido, o qual é a utilização da sala de aula em contexto presencial e a sala de aula na modalidade online.

O ensino é híbrido porque somos todos aprendizes e mestre, consumidores e produtores de informação e conhecimento. Passamos em pouco tempo, de consumidores da grande mídia a “prosumidores” – produtores e consumidores- de múltiplas mídias, plataformas e formatos para acessar informações, publicar, publicar nossas histórias, sentimentos, reflexões e visão de mundo. Somos o que escrevemos, o que postamos, o que “curtimos”. Nisso expressamos nossa caminhada, nossos valores, visão de mundo, sonhos e limitações. (MORAN, 2013, P. 25).

Na sala de aula invertida, o professor propõe ao aluno sugestões de temáticas para que se busque familiarização com o conteúdo. O aluno, por sua vez, antecipa o conhecimento sobre o possível assunto que será abordado durante a aula, com um papel indispensável para a validação dessa aprendizagem, isto é, de pesquisador e autônomo interligando o saber que possui à novas conquistas.

Ao chegar à sala da aula, o aluno desenvolve as atividades propostas pelo professor, porém nesse caso, o professor traz como função a mediação, ajudando o aluno com novas discussões e percepções. No entanto, é uma metodologia que enaltece o aprendizado, uma vez que o aluno e o professor aprendem algo em diversos ângulos, formando novas ideias e

construções, tendo a simplicidade de aprender com pontuações feitas pelo professor para aprimorar a aula, bem como a visão do aluno.

Com o modelo invertido de aprendizagem, o ônus é totalmente dos alunos. Para alcançarem o sucesso, os estudantes devem se responsabilizar pela própria aprendizagem. A aprendizagem não mais se impõe a sua liberdade, mas ao invés disso, é um desafio a ser enfrentado e explorado [...]. os alunos começam a compreender com mais maturidade a natureza da aprendizagem, do conhecimento e de seu papel na educação (BERGMAN; SAMS, 2016, p. 56).

Como os autores expõem, no modelo invertido, percebe-se o empoderamento do aluno, aquele que é responsável, que tem maturidade e autonomia para fazer o sucesso acontecer. O aluno, nesta visão, se for aquele aprendiz que espera no professor e pelo professor não terá o mesmo desfecho de um aluno que não mede esforço algum em vencer suas semioses. Então, para se obter plenitude, é inaceitável atitude passiva diante de um contexto de sala de aula invertida.

Moran (2015) colabora quando diz que o importante do ensino invertido é “engajar os alunos em questionamentos e resolução de problemas, revendo, ampliando e aplicando o que foi aprendido online, com atividades bem planejadas e fornecendo feedback imediatamente”.

Sem dúvida, a ideia explanada pelo autor, é de falar ao professor que seu papel é de mediar as aulas propondo mais objetividade por parte do aluno. Mostrar ao aluno que ele é o mais interessado na construção do saber, o que tem o poder de acelerar as conquistas e anseios, e somente por meio de seu engajamento e comprometimento que isso será possível. Dessa forma, é uma metodologia que envolve diretamente o uso das tecnologias e quando se trata desse tema, qualquer material que o profissional tenha em mãos é viável de uso, como uma apostila ou o próprio livro didático, porém a forma pela qual a interação e feedback vai acontecer dependerá do esforço de todos os envolvidos.

A aprendizagem baseada em projetos, (project based learning), é uma metodologia que requer a criação de projetos por meio de desafios que estejam ao alcance do aluno. A característica básica é que o projeto seja simples, ao passo que o aluno de fato possa aplicar, que siga um roteiro de início, meio e fim, gerando um resultado.

Nesta metodologia, o aluno é quem desenvolve esse projeto, enquanto o professor auxilia na busca de materiais, conduzindo a melhor aplicabilidade e permitindo que o educando seja o verdadeiro autor. Bacich e Moran (2018, p 60), argumentam que por meio desta metodologia o aluno consegue ter um envolvimento com tarefas e desafios para a resolução de

um problema e que no projeto possa ser aderido algo de sua realidade relacionado com sua vida fora da sala de aula, ou que os critérios possam abarcar somente o interior da sala de aula.

O trabalho com projetos é de suma importância no aprendizado da língua inglesa, independente do tema escolhido para discussão e aplicação, permite o aprendizado de uma língua que é inerente a sua, além de ampliar a visão tanto do aluno quanto do professor sobre uma temática que pode ser desconhecida e que foge de sua realidade.

A aprendizagem baseada em problemas, (Problem Based learning), se diferencia da aprendizagem baseada em projetos. Enquanto a aprendizagem baseada em projetos é um produto físico, algo tangível que se caracteriza por meio de protótipo, a aprendizagem baseada em problemas é normalmente apresentada por casos reais com intuito de se aproximar da prática. De forma teórica, esse estudo leva diferentes discussões entre os envolvidos para a resolução do problema em questão, nisso é necessário um conhecimento prévio para que o aluno use sua criticidade de maneira plena e satisfatória e o professor de maneira interdisciplinar pode instigar os alunos.

Para Sahagoff (2019), o principal objetivo na aprendizagem baseada em problemas é aprender por meio de desafios, pois são esses desafios que promovem a habilidade colaborativa onde na busca por soluções, o estudante solidifica seu aprendizado tornando-o bem mais significativo.

A gamificação, cuja definição resumida por Kapp (2012, p. 32) é “o uso de mecânicas, estéticas e pensamento de jogo para engajar pessoas, motivar ações, promover aprendizado e resolver problemas”.

Na explicação do autor a gamificação usada com mecanismos para aplicar os jogos servem de estratégias que geram engajamento, feedback e relacionamento entre os pares. O jogo para que tenha bons resultados é fundamental união e entrosamento entre os participantes, tornando o ensino aprendizagem bem lúdico. Esse tipo de estratégia pode ser apresentado com o objetivo de competitividade, na qual os alunos precisam ter clareza que deve ser uma competição sadia, pois o próprio mercado de trabalho apresenta a característica de concorrência, sendo possível também verificar o tempo gasto para se obter o resultado, ou melhor, fazer paralelo entre o feedback do jogo e o retorno de atividades em uma aula.

A aprendizagem em pares que em sua essência é primordial para o engajamento, enriquece a criticidade e ainda faz com que o conhecimento teórico seja efetivado. Com o trabalho em dupla, o aluno aprende a lidar com visões diferentes, tende a fazer e receber explicações com facilidades por terem a mesma linguagem entre os pares.

Medeiros (2014), comenta:

O método envolve a construção de situações de ensino que promovam uma aproximação crítica do aluno com a realidade; a opção por problemas que geram curiosidade e desafio; a disponibilização de recursos para pesquisar problemas e soluções; bem como a identificação de soluções hipotéticas mais adequadas à situação e a aplicação dessas soluções. Além disso, o aluno deve realizar tarefas que requeiram processos mentais complexos, como análise, síntese, dedução, generalização. (MEDEIROS, 2014, P. 43).

Jorge (2009, p. 164-165) ao afirmar o valor presente no ensino da L. I. descreve oportunidades acessíveis aos alunos, são elas: “refletir sobre a língua e cultura materna; aprender sobre a diversidade cultural existente ao redor do mundo; pensar no significado de ser criança, jovens e adultos vivendo em outras partes do mundo, compreender as diferenças culturais como parte da riqueza da diversidade humana; conhecer a literatura e outras formas de expressão artísticas.

Essas oportunidades viabilizam a amplitude de conhecer aspectos da língua estrangeira, tendo novas formas de pensar sobre sua língua materna, e enriquecendo também o conhecimento do seu ambiente local devido o aprendiz abranger sua visão de mundo. Isso é reiterado na própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

As aprendizagens em inglês permitirão aos estudantes usar essa língua para aprofundar a compreensão sobre o mundo em que vive, explorar novas perspectivas de pesquisa e obtenção de informações, expor ideias e valores, argumentar, lidar com conflitos de opinião e com a crítica, entre outras ações relacionadas ao seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, cultural e social. Desse modo, eles ampliam sua capacidade discursiva e de reflexão em diferentes áreas do conhecimento. (BRASIL, 2018, p. 477).

Como visto acima a língua inglesa também se constrói por meio de trocas de informações e diferentes saberes. A amplitude discursiva é uma busca incansável para quem almeja o aprendizado no idioma ou em qualquer outra língua e o meio mais oportuno é a ação de se colocar em condições de aprendizado para o desenvolvimento das habilidades.

Holden (2009) traz para reflexão não só as habilidades linguísticas supracitadas como também outras habilidades que de certa forma colabora com o ensino. As habilidades interpessoais que são aquelas que priorizam a interação entre pares e grupos. As habilidades para o estudo a qual se evidencia no ato de aprender a aprender, onde todo conteúdo é importante e serve de alicerce a outros assuntos que ainda serão estudados, que de certa forma desperta o senso de responsabilidade no aluno na construção de novos conhecimentos. E as habilidades de autoconscientização, cujas práticas se desenvolvem pelas diversas metodologias e estratégias para mostrar ao aluno que cada um tem seu jeito e ritmo de aprender.

O legal é que na habilidade de autoconscientização o aluno passa pelo processo de se alto conscientizar e de perceber que ele, por meio de seu esforço e dedicação, tem todos os critérios para assimilar e construir novos conhecimentos, basta que ele se permita acontecer, seguindo todas as instruções dada pelo professor e ao mesmo tempo, sendo um eterno pesquisador, uma vez que aprender uma língua que não é sua língua materna, exige imersão, ou seja, o aprendiz deve consumir diariamente vocabulários, expressões idiomáticas e leituras no idioma.

Com isso Holden (2009) expõe que o ambiente que se aprende a língua inglesa deve ser considerado um espaço vivo e proveitoso que promova a interação social, o qual chama de “laboratório de aprendizado”. Esse espaço pode ser dinamizado pelas metodologias ativas e o professor nesse contexto desempenha também seu protagonismo junto aos alunos.

Moran (2013), pontua a necessidade do professor em fazer a seleção e confirmação dos materiais mais interessantes (impressos ou digitais), sequenciando as ações previstas durante a aula. Essa discussão do autor remete as características do professor como sendo um papel mais complexo, flexível e dinâmico.

Por meio de estratégias ativas, é evidenciado que o professor pode tornar a sala de aula um local onde se aprenda com situações perceptíveis e instigadoras com materiais e tecnologias que sejam acessíveis ao grupo. O estímulo a criatividade é interessante para desenvolver no aluno habilidades como pesquisadores, inventores e autores. (Moran, 2018).

Com as metodologias ativas, o professor assim como os estudantes são beneficiados, pois a prática se torna mais agradável, o professor como mediador apresenta seu trabalho com pitadas de alegrias e comprometimento, deixando as aulas bem mais dinâmica e acessível ao aluno, cujo aprendiz nesse momento tem o papel de busca, autonomia e responsabilidade consigo mesmo. O aluno é convidado a ter maturidade para se emponderar do aprendizado. Ele é quem vai tornar seu estudo mais prazeroso, eficaz e eficiente.

É perceptível que quando o aprendiz se encontra motivado, usa a língua inglesa para fazer algo além da sala de aula como ouvir música, ouvir programas de TV, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos e até interagir com estrangeiros.

Soares (2021), destaca que desenvolver metodologias ativas amplia as vantagens de absorção dos conteúdos, estimula o senso crítico, bem como as competências com intuito de solucionar os problemas.

Dessa forma, na língua inglesa, é necessário ainda que se consolide a visão de que as metodologias ativas não vêm se caracterizar em situação antagônica às metodologias consideradas tradicionais, mas alinhadas para a desenvoltura ativa do estudante da mesma

forma que é aliada a língua materna. Portanto, as metodologias ativas vêm para colocar os estudantes como protagonistas do ensino aprendizagem e os professores como mediadores desse processo.

## **2.4 Mídias digitais: extensão de sala de aula para o aprendizado na Língua Inglesa**

As mídias digitais são ferramentas tecnológicas que atualmente podem servir de extensão da sala de aula. O You Tube, Facebook, Instagram, TikTok, Whatsapp, dentre outros, são alguns aplicativos citados para demonstrar como os aprendizes utilizam a midiatização tecnológica no cotidiano para a familiarização de conteúdos, englobando também, por meio de letamentos, o aprendizado de um novo idioma, neste caso de língua inglesa.

Conforme Gee (2007a) e Lankshear e Knobel (2008), existe uma geração de insiders (geralmente crianças, adolescente e jovens adultos), ou os nativos digitais contemporâneos, que nascem com “mentes tecnológicas (technological mindsets) e desafiam uma geração educada em epistemologias convencionais [...]. (FERRAZ, 2015, p. 110).

Diante do que expressa os autores, os alunos estão cada vez mais engajados nesse sistema digital e contemporâneo. O You Tube, por exemplo, sendo um aplicativo muito usado pela grande maioria das pessoas para assistir, criar e compartilhar vídeos enviados em formato digital, é uma plataforma online onde os alunos e usuários em geral se designam a aprender de forma autônoma, ou até mesmo para tirar algumas dúvidas, seja na língua materna ou em outra língua. Músicas, filmes, desenhos animados, minisséries infantis, paródias, vídeos aulas, são exemplos concretos que provocam estímulos e promovem esse aprendizado, sendo ápices para a navegação dessa rede.

Sendo um aplicativo oficial da Google que pode acessar por Android e IOS a rede social de vídeos, dos mais simples aos mais complexos, estando à disposição de qualquer internauta. O You Tube é uma das ferramentas mais acessado do mundo, é um meio não só de entretenimento, mas também de busca de informação e aprendizagem. Isso fica evidente quando os próprios alunos interagem em suas conversas dentro da sala de aula, expondo suas músicas de preferências, guias e tutorias, curtas-metragens, vlogs, enfim, diversidades de conteúdos produzidos que eles buscam e acompanham nesta rede social.

É um canal que o aprendiz de língua inglesa pode se utilizar para construir conhecimento além do que é oferecido no âmbito escolar, onde as pessoas oportunizam por meio de criação de conteúdos, divulgação de serviços, aproveitam para serem reconhecidos e ainda humanizam

mais as relações com pessoas do mundo inteiro. O aluno que busca seu aprendizado tem essa ferramenta como aliada, porque diante das dúvidas em relação aos assuntos didáticos, recorrem diariamente aos vídeos disponíveis.

Assim, o You Tube é um dos meios para a visualização de materiais que oportunizam conhecimentos também em língua inglesa, pois oferece diversos conteúdos considerados de muita relevância para quem busca aprender um segundo idioma.

O Facebook também é uma rede social bastante popular que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.

Davis e Merchant (2007) defendem uma perspectiva social e educacional em relação aos blogs. Da perspectiva social e política, pode-se discutir a extrema influência que um blog pode exercer. Apesar de existirem inúmeros tipos de blogs (eblogs, blogs empresariais, acadêmicos, pessoais, de viagens, de pesquisa, entre outros) e de praticamente todas as principais redes possuírem blogs ou oferecerem páginas internas de blogs aos seus membros (o facebook, por exemplo, oferecem páginas internas que funcionam como blogs, entendendo essa mediação como uma possibilidade de compreender as relações entre sociedade, digitabilidade e educação de línguas. (FERRAZ, 2015, p. 112).

De acordo com o autor as redes sociais são importantes, haja vista a grande influência que elas trazem na vida pessoal e acadêmica do aluno. É uma plataforma, por exemplo, que integra à possibilidade de criação de blogs, assim como o You Tube, Instagram e TikTok.

Ainda concordando com o autor, o estudante de língua inglesa pode usar esta rede social para validar o que aprende na sala de aula postando algumas mensagens ou expressões da vida diária, ou fazer comentários bem simples somente para praticar a língua. Veja que dessa forma é uma oportunidade para o aprendiz exercer a escrita e leitura ao mesmo tempo. E ainda, é oportuno postar vídeos com músicas internacionais que assemelham a sua preferência para treinar a audição, não deixando de lado a oralidade que pode ser exercitada com vocábulos ou expressões retirada de trechos da música.

Nesta rede social é possível criar um perfil pessoal ou uma Fan page, isso facilita a interação entre pessoas conectadas a diversos sites por intermédio de trocas de mensagens instantâneas, compartilhamentos de conteúdos e ainda, permite curtir o que está sendo visualizado. É possível também atualizar status, fotos, vídeos e stories.

O Instagram, bastante popular entre os jovens, oportuniza o compartilhamento entre outras redes sociais, sendo possível a criação de vídeos, postagem de fotos, fazer uploads e gerar imagens temáticas. Essa rede social é uma das mais promissoras para quem deseja aprender um segundo idioma, porque no Instagram você pode seguir infinitos personagens, nativos ou não

nativos, que postam comentários diários sobre conteúdos bem diversificado e útil para o aprendizado do idioma.

Por meio dos stories no Instagram, o aprendiz da língua inglesa pode aproveitar esse momento para construir novos conhecimentos de forma dinâmica. Seguir seu cantor preferido, aproveitar comentários que algum ídolo faz, ensaiar pequenos trechos de músicas. Tudo isso serve para aprimorar mais e mais seu conhecimento e deixar vocábulos e expressões do cotidiano de forma online na mente.

Como percebemos, conforme os dias passam, a educação muda e a maneira como aprendemos também tem mudado devido o surgimento de tantos aparatos tecnológicos. Segundo Lima 2011, “a atuação junto à mídia pode ser uma das formas de fazer a disciplina acessível ao cidadão comum”. O autor ainda destaca como a mídia tem poder na formação de opiniões em se tratando do ensino de língua estrangeira, inclusive do profissional em questão. Conforme suas ideias, alunos, pais e professores podem transformar a prática pedagógica. Moran, Masetto e Behrens (2014), também acredita,

Com isso é possível pesquisar de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as maneiras de interação. Pesquisar às vezes todos juntos, ou em pequenos grupos, ou mesmo individualmente. Pesquisar na escola ou em diversos espaços e tempos. Combinar pesquisa presencial e virtual. Relacionar os resultados, compará-los, contextualizá-los, aprofundá-los, sintetizá-los. O conteúdo pode ser disponibilizado digitalmente. (MORAN, MASETO e BEHRENS, 2014, p. 31).

Na intenção dos autores, são formas diversas de se comunicar e as possibilidades de inovar variam, ou seja, as informações têm mais acessibilidade, além de rapidez em tempo real. Os alunos ficam mais conectados as redes sociais e assim sendo, as escolas precisam aproveitar esta oportunidade para inserir de uma vez por toda na prática pedagógica o uso dessa tendência comunicativa que de certa forma, podem ser aproveitadas como canais de discussões, tornando a aprendizagem, principalmente da língua inglesa mais dinâmica e mais includente.

Pereira (2005, p. 15) explica de forma sucinta que “quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informação, mas não necessariamente em inclusão digital”.

Nesse sentido, o autor esclarece sua visão acerca do conceito inclusão digital como sendo práticas de usos sociais, onde a inclusão acontece quando uma pessoa ou um grupo passa a participar das ideias e costumes de outro grupo, de forma reflexiva para só então, criar uma sociedade digital.

De acordo com as Diretrizes de Políticas para aprendizagem móvel da UNESCO (2014), o manuseio do celular viabiliza aprendizagem, independente de hora e lugar, facilitando o acesso imediato a informação, a interação e ainda, fortalecendo as relações sociais.

O sistema educacional não pode personalizar o processo educativo de forma a dimensioná-lo ao perfil particular de cada aprendiz. Ele pode, no entanto, oferecer um leque mais amplo de oportunidades de aprendizagem para que o indivíduo busque a formação que deseja. [...]. (LIMA, 2011, p. 88)

Na perspectiva do autor, a escola pode oferecer maneiras para subsidiar o aprendizado, e as ferramentas tecnológicas de fato mediatiza isso, dando enfoque ao desenvolvimento dos letramentos, a interdisciplinaridade e troca discursiva, cujos conhecimentos ampliam o caminho para uma formação com mais qualidade.

Partindo desse pressuposto, vale aqui deixar registrado a importância do uso do Whatsapp, principalmente no decorrer da pandemia (COVID19), momento este que ninguém sabia para onde correr, porém esse aplicativo foi aliado do sistema educacional. Dessa forma, as redes sociais, com objetivos claros e precisos, podem ser consideradas excelentes ferramentas de interação com extensão ao espaço escolar e metodologias convencionais, uma vez que se busque equilíbrio no desenvolver da prática pedagógica.

Portanto, as redes sociais e digitais no mundo contemporâneo têm seu poder inovador na educação, em especial de língua inglesa, devido as dimensões de engajamento que ela proporciona por interligar teoria e prática, não deve simplesmente ser posta como necessidade do mercado de trabalho, mas principalmente, contemplar as aspirações de aprendizado do aluno.

## **2.5 Culturalismo e a interdisciplinaridade como aporte essencial ao aprendizado da Língua Inglesa**

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (2000), as línguas estrangeiras são parte indissolúvel do conjunto de conhecimento essenciais que possibilitam ao aluno uma aproximação de diferentes e variáveis culturas, propiciando sua integração ao contexto global.

A formação de um cidadão ativo pressupõe a existência da autonomia e esta não surge de maneira espontânea em um indivíduo diante de nova ordem mundial, mas é resultado de um

processo que também deve ser trabalhado na escola e, conseqüentemente, no ensino de língua inglesa. (KOBAYASHI; ZAMPIN, 2020, p.142)

Percebe-se nesse olhar que a língua inglesa, como segundo idioma, vem com objetivos bem traçados, uma vez que aguça a percepção do aluno, abrindo caminhos para o mundo com respeito a diversidade cultural, sendo assim, não se ensina somente a comunicação, todavia é primordial um ensino com perspectiva de cidadania crítica e ativa dos discentes. Assim, a interdisciplinaridade se torna imprescindível na construção e discussão de conhecimentos essenciais ao aprendizado de um segundo idioma.

Rajagopalan (2005, p. 135), expressa que no Sistema brasileiro existe uma flexibilização na escolha da língua estrangeira, porém o que predomina é a língua inglesa, como já foi um dia em relação ao francês (LF), refletindo o domínio cultural econômico, cujo poder ficamos sujeitos. Levando em consonância este fato, o professor de LE, ao fazer suas escolhas pedagógicas, pode reforçar ou colocar em risco a identidade cultural dos aprendizes. (OLIVEIRA, 2000, p. 57).

Pensando no que comenta o autor acima sobre a flexibilização da língua estrangeira, é importante pensar que a língua inglesa vem ganhando espaço no mundo, e as escolas têm como escolha facultativa o espanhol. O professor de língua inglesa precisa estar atento a todo momento para as mudanças que ocorre dentro da sociedade, tendo em vista que é um profissional que deve se colocar em constante aperfeiçoamento devido o que requer o mundo globalizado o qual enfrentamos, que exige competência profissional e o ensino voltado a língua franca, assim Almeida Filho (1998) mostra:

A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações, e pessoas. Esses clarões culturais conseguem as vezes marcar nossa percepção e memória de maneira indelével e para sempre. (ALMEIDA FILHO, 1998. p. 28).

Na visão do autor, o professor é aquele que inculta no aluno não só a aprendizagem dos conteúdos didáticos, mas aquele que transcende o olhar para a dimensão de novas possibilidades, que vem mostrar que o discente poderá vir a viver situações que fuja do seu meio social, e nesse momento, necessita saber se sobressair com postura e discernimento.

Também pode ser percebido na fala de (SOUZA, p. 38, 2023), “quanto mais motivado o aluno estiver para aprender, maiores serão suas possibilidades de atingir o sucesso. Cada aluno

é motivado por razões diversas para aprender um idioma, e essas razões são cada vez mais diferentes”.

Acreditamos assim, que cabe ao professor de inglês trabalhar em seus alunos atitudes reflexiva e dinâmica para que eles possam ter postura crítica, que possam agir com olhar de transformação, acreditando que na diversidade com o outro são capazes de aceitar as diferenças linguísticas, culturais, comportamentais, com senso crítico. Por meio da cultura inglesa, deve permear pontos concernentes ao cidadão global, aquele que desenvolve interesse por outras culturas e que consiga habilidades e competências. No que abrange as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Inglesa,

[...] Espera-se que o aluno:

- Use a língua em situação de comunicação oral e escrita;
- Vivencie, na aula de Língua estrangeira, formas de participação que lhe possibilitem estabelecer relações entre ações individuais e coletivas;
- Compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto, passíveis de transformações na prática social;
- Tenha maior consciência sobre o papel das línguas na sociedade;
- Reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural, bem como seus benefícios para o desenvolvimento cultural do país. (DCE, LEM, 2008, p. 56).

As Diretrizes acima exposta, vem agregar o que se espera da educação de língua estrangeira. Dessa maneira, reintegra novamente que a língua envolve não somente os aspectos de linguagem e suas abordagens, como também os aspectos culturais que auxiliam satisfatoriamente no processo de aquisição da nova língua, e contudo, e não menos importante a conscientização sobre o papel dela na sociedade porque é na diversidade que constituímos o mundo. Jorge (2009) diz que,

[...] o caráter educativo de ensino de uma LE está nas possibilidades que o aluno pode ter de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, sejam pelas identidades individuais, podem fazer com que o indivíduo se torne mais consciente de si próprio, em relação a seu contexto local e ao contexto global. (JORGE 2009, p. 163).

O autor expressa sobre o caráter educativo de ensino e as múltiplas formas de ser diferente. Essa questão é imprescindível para ser tratada na sala de aula para que os alunos tenham visão multicultural e reconheça as diferentes identidades, pois quando defrontar com momentos de troca de conhecimento culturais, consiga assimilar sua cultura com a cultura do outro de maneira a respeitar e vivenciar com igualdade a interação. Haja vista que o inglês considerado atualmente falado por mais nativos do que não nativos, o qual diminui sua referência de território geográfico e linguístico, mas realça as chances daquele que mora em

comunidades distantes acreditar que também é capaz. Com olhar específico de multiplicidade, Leffa (2001), aponta:

Uma língua multinacional, como o inglês, caracteriza-se por não ter nacionalidade. Adapta-se como um camaleão não aos interesses da Inglaterra ou dos Estados Unidos, mas aos interesses das pessoas que a falam e que podem ser do Japão, da Suíça, ou mesmo do Brasil. Pode ser a língua da Internet, da Globalização ou do Capitalismo, mas não é a língua de um determinado país. (LEFFA, 2001, p. 346).

Oliveira (1997, p. 226), acredita que ensinar uma outra língua sempre será somar conhecimentos, experiências e valores. Para Galli (2006, p. 332), conhecer uma língua possibilita que se desenvolva a logicidade de um sistema linguístico diverso e haja uma inserção em um projeto maior que é a leitura de mundo.

Atualmente, a leitura de mundo se torna possível devido a velocidade de conexão disponível (Kumaravadivelu, 2006, p. 131), exemplifica a possibilidade de milhões de pessoas interagir mesmo a distância e em tempo real e Crystal (1997, p. 2) aborda: “uma língua alcança um status verdadeiramente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países”.

## **2.6 Conceituando teorias, métodos e técnicas no ensino e aprendizagem da L.I**

A história da educação mostra que estudiosos têm se apropriado de diversos termos para subsidiar o ensino e aprendizagem. Esses termos são postos na prática da sala de aula como fruto de alcance e satisfação de resultados no processo educativo. No estudo de um segundo idioma não é diferente devido a décadas, teóricos estarem buscando formas para o aperfeiçoamento e melhoria na prática pedagógica.

Aqui, iremos mencionar alguns conceitos para que no decorrer da leitura possamos não confundir tais nomenclaturas como teoria, abordagem, metodologia, método e técnica, diluídas ao longo das eras dos métodos, das abordagens e de pós-métodos, sistematizados na concretude de como se ensina e como se aprende uma língua.

O percurso da era dos métodos tem mais respaldo na base empírica do que teórica. A base empírica se explica por meio de experiências locais, de percepções da realidade e de práticas cotidianas do que por elaborações científicas, de cunho teórico propriamente dito. Já quando se busca sobre abordagem, percebe-se que somente depois de pesquisas científicas no campo da psicologia comportamental e da linguística estruturalista que o termo surge. Essa é

uma das explicações sobre a diferença conceitual entre abordagem (teoria) e método (prática). (LEFFA, 1988).

Anthony se apropria de conhecimentos e prepara o que é abordagem, método e técnica. Na tríade, “o método é o estágio intermediário entre abordagem e técnica”, e ainda “todo método deve ter como base uma abordagem e pode ser realizado na prática por diferentes técnicas”. Por meio dessa redefinição, vem à tona o que é reconhecido como a era das abordagens. Ao sintetizar a abrangência de conceitos, o autor esclarece que houve necessidade de mudança hierárquica, principalmente para se por limites e evitar contradições terminológicas e de fato ocorrer o avanço no campo de ensino de línguas. Nessa evidência, “uma técnica finalizaria um método, que deveria ser coerente com uma abordagem”. (ANTHONY, 1963).

De acordo com o autor, primeiramente vem a abordagem por ser ampla e concentrar ideias abstratas e abrangentes, o método é aquele que vai nortear as possibilidades de execução de forma concreta, demandado pela prática mais convencional. E por fim a técnica que se concretiza com as atividades realizadas em sala de aula, sendo seguida pelo método.

Direcionados pelas ideias de Anthony, as terminologias e conceitos são retomados, tendo novos olhares com o passar dos tempos, distanciando metodologia de método, uma vez que foram e ainda são bem usados como sinônimos em muitos contextos. Assim, metodologia passa a se destacar com o crescente estudo em relação a pedagogia de ensino de línguas, sem grandes aceitação na tentativa de dissociá-la de planejamento. Isto tem sido uma visão dos teorizadores, uma vez que planejamento subentende uma teorização pré-determinada que direciona as atitudes e ações de profissionais da área da educação, em específico o professor no contexto de sala de aula, e por outro lado, a metodologia como o conjunto de ações orientada diretamente pela intuição daquele que educa. Tudo isso abre um leque de discussão entre autores sobre o possível termo pós-método, chamada por a era de pós-método. (PRABHU, 1987; KUMARAVADIVELU, 1994).

Kumaravadivelu (1994, 2001, 2003, 2006), traz para a discussão Prabhu e Paulo Freire, dois grandes contribuintes da educação ao interagir sobre o senso de plausibilidade de Prabhu e da pedagogia crítica de Paulo Freire. Dessa forma, ele conduz o tema para uma visão mais contemporânea, de certa maneira levando o entendimento para uma tentativa de resolução dos termos teoria e prática no que delega a constituição e uso dos métodos, embasado na divisão entre a visão dos teorizadores e dos professores.

Recentes explorações na pedagogia de L2 sinalizam um deslocamento da concepção convencional do método para uma “condição de pós-método”, que pode potencialmente redesenhar a relação entre teorizadores e professores dotando

professores de conhecimento, habilidade e autonomia. (KUMARAVADIVELU, 2006, p.43).

No que é proposto por Prabhu (1987, 1990, 2001), na pedagogia de ensino de línguas, é que geralmente a diferença estabelecida entre planejamento e metodologia, é a distinção entre conteúdo da aprendizagem e condições de aprendizagem. Ele aborda o planejamento, o qual não se alinha a metodologia e sim diretamente a uma abordagem, pois é o planejamento que define o conteúdo e o uso do método, e é a maneira como o método faz previsão ao ensino do conteúdo que produz condições de aprendizagem.

De acordo com o autor, as intuições didáticas, a forma como o professor percebe o contexto escolar, seus pressupostos teóricos, o senso de plausibilidade talvez se perca, ou ainda, não se manifesta na interação com a pedagogia do método, o qual classifica como dos especialistas, e se modifica ou se transforma na própria pedagogia do planejamento (da abordagem), que abre caminho e direciona todo o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o autor nomeia a metodologia como sendo mais assertiva para construir as condições necessárias para alcançar a aprendizagem, bem como de todo o processo educativo. E o planejamento deve prever o desenvolvimento dessas condições, cujas situações estabelece a escolha do conteúdo e modela o planejamento de acordo com a evolução do processo pedagógico.

Com isso, fica perceptível que a pedagogia do professor, a sua ação metodológica, que deve contemplar, pondo em movimento todo o processo e não o contrário. Nesse sentido, o planejamento serve como guia, não para enclausurar o professor, pois não tem como prever as situações complexas de sala de aula.

Em seu artigo “Não há o melhor método. Por quê?” Prabhu discute acerca dos limites da pedagogia no ensino de línguas, partindo do pressuposto da noção de senso de plausibilidade citado anteriormente, acreditando que tudo depende da intuição do professor no contexto real de ensino, no contato palpável com o aprendiz, dando ênfase a qualidade para a obtenção de resultados.

A abordagem é uma terminologia bastante ampla que abrange crenças, ideologias e princípios dando um norte as metodologias, porém é influenciada, fundamentalmente, por teorias advindas das Ciências Linguísticas, quando expressa à visão de linguagem e da Psicologia no que discute à visão de ensino e aprendizagem. O método tem a ver com o caminho que, seguido de forma ordenada, visa chegar a certos objetivos, fins, resultados, conceitos etc. (VILAÇA, 2008, p. 78).

A era dos métodos, segundo as ideias de Richards; Rodgers (1982, 1984, 2001), em se tratando de termos cronológicos, se caracteriza pelo ensino de línguas, desde que surgem preocupações em se discutir acerca de ensino e aprendizagem de LE/L2. Os métodos de ensino de línguas atuam, claramente, uma teoria de linguagem e crenças. Teorias em nível de abordagem tem relação estreitamente ao nível de design, devido promover as bases de sustentação das metas e conteúdo de um determinado planejamento. Podendo também se relacionar ao nível de procedimento, uma vez que cooperam o fundamento linguístico e psicolinguístico para selecionar técnicas e atividades.

A metodologia pode ser vista como sendo os exercícios didáticos, assim como as experiências de aprendizagem que o professor seleciona para conseguir seus objetivos. O método se define na abordagem, classificada como uma teoria da linguagem e da aprendizagem de língua, design, destacado por contexto linguístico, organização do conteúdo, descrição do professor, aluno e material didático, e por fim, o processo, que corresponde as técnicas e práticas. (BORGES, 2010).

Faz-se necessário expor as contribuições de Almeida Filho (2005), que conceitua método sendo a materialização de ensino, o fazer pedagógico, fórmula estável de ação e concretude pedagógica, e metodologia sendo um conjunto de ideias, uma vez que essas ideias explicam o ensinar, como também metodologia referente à noção de pedagogia de sala de aula, se utilizando de uma compreensão mais enfática quando descreve um conjunto de procedimentos recomendáveis nomeados por um feixe de pressupostos.

Os conceitos de método e metodologia se opõem hoje em dia ao conceito de abordagem (Almeida Filho, 1993, 1997) – mais amplo e mais abstrato – indicador, na sua abrangência, de um conjunto potencial de crenças, conceitos, pressupostos e princípios que orientam e explicitam (a metodologia) não só as experiências diretas com e na língua alvo (o método) em salas de aulas mas também as outras dimensões do processo complexo (a operação) de ensinar uma língua, a saber, o planejamento curricular e/ou de programas específicos, os materiais de ensino, e a avaliação do próprio processo e dos seus agentes. (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 63).

Pode-se conceituar método sendo um processo de seleção, gradação, apresentação e prática de uma experiência idiomática a ser oferecida ao aluno. Um método é, portanto, um agrupado de procedimentos de ensino e aprendizagem sintonizados com um determinado currículo e ao mesmo tempo, direcionados por abordagem ou método teórico. (TOTIS 1991).

Após a aplicação dos métodos, muitas técnicas ou procedimentos podem ser produzidos, assim enfatiza Mourão (2012, p. 31):

Posteriormente, a partir de cada método desenvolvido, muitas técnicas ou procedimentos podem ser produzidos. Eles serão as atividades, os exercícios ou os procedimentos adequados para a execução das teorias. Terão aplicação prática de forma que se chegue aos objetivos propostos pelos respectivos métodos e abordagens[...]. (Mourão, 2012, p. 31).

Em se tratando de contexto escolar, especificamente do ensino de línguas é importante salientar que o método é apenas um agrupado, não podendo ser visto como o verdadeiro protagonista do processo educativo, pois sabe-se que existem infinitos fatores que juntamente com ele, deve ser compreendido na tentativa de idealizar o complexo ensino e aprendizagem de línguas.

Então, podemos frisar que existe de fato uma hierarquia que se inicia com as teorias, e cabe aqui descrevê-las como elas abrem espaços no campo do aprendizado de Língua inglesa.

Sabe-se que as teorias da aprendizagem muito têm contribuído no processo educativo e na aquisição de línguas. Daí a importância de expor as principais ideias de autores renomados e suas respectivas teorias que tem influências direta na prática de sala de aulas.

Quando a palavra em questão é teoria, pesquisadores, educadores e professores vivem uma verdadeira revolução, devido os diversos modos de pensar e ideologias diferentes que são expostas aos que se dispõe a ensinar a língua inglesa. No entanto, essas diferentes ideias sobre teorias, por sua vez, pouco auxiliam os professores em sua jornada de trabalho em sala de aula a aprendizes que vivenciam um contexto mais globalizado. Ainda nessa perspectiva, Kumaravdilvelu (2012) conclui que é o professor quem possui todas as informações para ser um pesquisador, que tem condições de criar teorias, uma vez que é a experiência viva, a autêntica voz de professores e alunos. E ainda salienta que baseando-se na pedagogia de pós-método acredita na força do professor pesquisador, o qual busca mediante sua experiência didática e pedagógica, construir teorias efetivas que contemplam suas realidades e, por fim sejam capazes de influenciar novos professores. (FURLANETTO, 2019, p.63).

O comportamentalismo trata-se diretamente de um conjunto de teorias enfocadas na psicologia, pois ela tem como objeto de estudo o comportamento humano. No entanto, sendo o comportamentalismo uma das pioneiras que sustenta a ideia de que a aprendizagem ocorre como uma mudança de comportamento, e é resultado de estímulos fornecidos pelo ambiente externo, cabe aqui expor esta teoria que tem influenciado até hoje estudiosos da educação.

O behaviorismo é uma corrente teórica que estuda eventos psicológicos partindo de evidências comportamentais, tais como: imitação, reforço e construção de hábitos. No contexto atual, pode-se dizer que esta teoria é vivenciada nas escolas, em muitos casos, sem o professor

ter a percepção de que utiliza em sua prática pedagógica essa visão de ensino, a qual teve como pioneiro o psicólogo estadunidense Broadus Watson (1878-1956).

Para os behavioristas, a psicologia é o que rege a teoria, pois é uma ciência experimental que traça em seu objetivo o controle do comportamento do ser humano e viabiliza a aprendizagem intermediada por observações. O behaviorismo exerce sua função por meio dos fatos observáveis, isto é perceptível na ação do aluno no decorrer de sua atividade didática, seja qual for a disciplina. o professor pode perceber ou prevê o comportamento do aluno em decorrência aos estímulos que ele recebe. Se logo após o término de um exercício, o professor fizer a correção, o comportamento deste aluno será um. Porém, se os alunos souberem pelos colegas ou até mesmo pelo professor se eles alcançarem uma quantidade maior de respostas corretas, poderão receber uma recompensa, sem dúvida, será um outro tipo de comportamento. Assim a reação dos alunos é influenciada por um estímulo que pode ser positivo (para alguns) ou negativo (para outros). (RAMALHO LEFONE, 2021, p. 12).

Este tipo de explicação podemos encontrar no livro *Verbal Behavior*, o qual foi lançado por Frederic Skinner em 1987, “onde ele aplica as teorias do condicionamento à forma como os humanos adquirem a língua materna”. (HARMER, 1991, p. 32).

Skinner (1992, p. 14) define comportamento verbal como “um comportamento reforçado pela mediação de outra pessoa”. Segundo a ideia do autor uma das formas de comportamento humano é o comportamento da linguagem, a qual se dá como resposta as diferentes situações comunicativas, ou seja, ele explica que “Em todo comportamento verbal, há três eventos importantes a serem considerados: um estímulo, uma resposta e um reforço” (p.81).

Em relação ao ensino de Língua Estrangeira, Mourão (2012, p. 31) de forma bem simplificada diz que depois de ser apresentado aos elementos iniciais da língua alvo, o aluno é estimulado a colocar em ação o que aprendeu, após sua apresentação (resposta), geralmente por meio da fala, ele é recompensado positivamente por um elogio, por exemplo, caso tenha bom desempenho. Ao contrário poderá sofrer uma punição, cujo castigo o autor cita uma correção ou crítica imediata, por exemplo, caso tenha cometido erro.

Como visto até aqui, o behaviorismo é uma doutrina que entende a psicologia como ciência do comportamento e não da mente. Nessa perspectiva, o comportamento é explicado sem referência a eventos mentais, pois estes podem ser traduzidos em conceitos comportamentais. (Graham, 2007)

Podemos assim dizer que os comportamentos, nesta teoria, são definidos por estímulos, o qual se esclarece como qualquer objeto que esteja ancorado no ambiente externo, e ainda,

qualquer mudança no organismo do ser humano devido suas condições fisiológicas. É uma teoria que é constantemente praticada, mesmo que inconscientemente como explica a autora quando enfatiza o contexto de ensino de língua inglesa, exemplificando a ação do professor onde entrega toda semana uma lição de exercícios de gramática para ser feita em sala de aula. Se caso os alunos terminem suas obrigações como estudante com sucesso, ganham um visto no caderno que no final do bimestre irá compor uma nota, ou seja, o estímulo é o visto que tem como representatividade uma recompensa, já a resposta é o esforço que o aluno faz ou terá que fazer para compor os exercícios que estão sendo cobrados [...]. (RAMALHO LEFONE, 2021, p. 13).

Diante do exposto, o behaviorismo continua vivo no âmbito escolar, principalmente quando se trata de ensino de línguas por conta do uso da repetição, que é uma prática totalmente atual. A repetição é uma técnica que não cai em desuso no aprendizado de idioma. Por meio dessa abordagem se constrói hábitos para a aquisição do conhecimento. Dessa maneira aborda Ramalho Lefone (2021, p. 14):

O Behaviorismo se utiliza da repetição como forma de gerar um hábito e conduzir os alunos a aquisição de conhecimento. Professores de língua inglesa usam muito esse recurso, isso foi algo que permaneceu no ensino de línguas em geral, ainda que o professor siga outra abordagem e teoria.

Por fim, podemos dizer que na visão behaviorista, todo conteúdo passado pelo professor de língua inglesa é algo que denota influência da realidade a qual este indivíduo faz parte, de um contexto vivido, de um ambiente já explorado que não ocasionará mudança alguma por interferência do indivíduo. No entanto, esse estudante é influenciado por um dado contexto social. Em nem um momento ele questiona usando a mente, os artefatos cognitivos e, simplesmente aceita repetir e o que é posto a ele, ações que cause estímulos, reforço e resposta. Portanto, a atividade do discente de língua inglesa, na corrente behaviorista é a de observação, aceitação e acomodação.

Contrapondo ao behaviorismo, agora vamos abordar o cognitivismo, cuja teoria explica o comportamento a partir da mente humana. Como explica Pesce (2017a, p. 1), “a psicologia cognitiva objetiva compreender como a mente pensa e aprende, comprovando a existência da construção de modelos mentais”.

Enquanto o Behaviorismo sustenta a ideia de que o aprendizado se dar por repetições, estímulos, reforço e criação de hábitos, o cognitivismo expressa firmemente que o indivíduo

adquire o aprendizado com construção de significados porque possui a mente humana que é capaz de pensar, imaginar e construir.

O cognitivismo é uma abordagem psicológica que se preocupa mais com tomada de decisões, pensamento, solução de problemas, a imaginação e tópicos relacionados do que única, ou primariamente, com o comportamento observável. (LEFRANÇOIS, 2008, p. 219).

De acordo com o autor o cognitivismo não enfatiza o comportamento humano observável, e sim atitude, construtos e maneira como vai agir diante dos problemas. Para isto, toda ação do ser humano resulta de assimilação interna, ou seja, independente da atividade, o indivíduo deve ter consciência de suas ações, daquilo que almeja ter como resultado e a atividade se torna válida mediada por significados e significantes,

Neves e Damiani (2006, p. 5), cita o psicólogo suíço Gean Piaget (1896-1980), que é o representante de uma das mais importantes correntes cognitivistas chamada construtivismo. Piaget analisou o desenvolvimento humano da infância à fase adulta, esse estudo ficou conhecido como epistemologia genética.

Para alguns autores não há diferença entre a expressão cognitivismo e construtivismo. A compreensão é dada por questão de nomenclatura. Desde a teoria de Piaget, os sistemas de ensino trazem ideias mais enfática do que e como ensinar tanto na infância, quanto na adolescência. O autor já idealizava que o conhecimento tende a ser construído e por este motivo seria imprescindível que o professor tivesse na elaboração de suas aulas, ligação com a vida ou cotidiano do aluno. Assim, torna-se mais propício a criança fazer uma assimilação interna e os exercícios escolares ter mais significado para ela. (RAMALHO LEFONE, 2021, p. 16).

Os construtivistas se preocupam diretamente com a realidade que é construída pelo indivíduo, ou seja, o homem tem o papel fundamental na construção do conhecimento. Nenhum conhecimento é adquirido e nem descoberto, e sim construído pelo ser humano, o qual por intermédio de sua experiência tem a capacidade de aprimorar a sociedade e atribuir valor simbólico a toda e qualquer mudança, tornando-a significativa ou não.

Para Piaget, mesmo que sua teoria tenha base na existência de alguns elementos inatos, o foco central de sua teoria é a de que o conhecimento não decorre unicamente da experiência dos objetos e nem de uma extensa programação inata, pré-formada no sujeito, todavia de construções que demandam sucessões elaboradas constantemente de estruturas novas, que resultam da relação sujeito e objeto, onde um dos termos não se opõe ao outro, porém se solidarizam, formando um todo único (NEVES E DAMIANI (2006, P. 5).

Em consonância a autora citada acima, onde esclarece que para Piaget não basta a existência inata, é também necessário construções de estruturas novas que partem da interação sujeito e objeto, familiarizados um ao outro para a formação do todo. Lefrançois (2008), cita três ideias para resumir a teoria: “é por meio da interação da criança com o ambiente que acontece a aquisição do conhecimento de forma gradual, a representação do mundo pelas crianças faz parte do estágio de desenvolvimento, cujo estágio ele define pelas estruturas de pensamento que a criança possui num momento específico, e as forças que moldam a aprendizagem (maturação, experiência ativa, equilíbrio e interação social)”.

Para o construtivismo, o ambiente social e o ambiente físico oportunizam interação entre o sujeito e objeto, com isso acontece conflitos, e os sujeitos reestruturam suas construções mentais anteriores. O equilíbrio/ equilibração surge quando o indivíduo organiza o conhecimento (Nunes, 1990). A assimilação ocorre quando novas experiências ou informações são introduzidas na estrutura cognitiva da criança, não havendo modificação em suas estruturas mentais. A acomodação acontece quando a criança modifica suas estruturas cognitivas para “enfrentar” o novo. Quando ocorrem esses mecanismos, a criança encontra-se no estado de equilibração. (BARBOSA, 2015).

A assimilação e a acomodação foram dois termos usados também por Piaget (1994), que por meio desses esquemas a aprendizagem é construída pela criança e adolescência. A assimilação é um processo mental que faz com que a mente humana associe informações já existente a outra que ainda iremos construir. Na língua inglesa não é diferente, pois ocorre quando o professor está ensinando tópicos de pronúncias. A palavra grew (passado de crescer) é pronunciado assim: /griu/, a palavra review (revisão) é pronunciada com a mesma terminação: /iu/. Então, se o aluno encontrar com uma palavra que tenha a mesma terminação -ew ele tende a fazer o esquema de associação entre a grafia e o som das palavras. Por outro viés, a acomodação ocorre quando uma informação pré-existente sofre modificação.

Como diz Mourão (2012, p. 41-42), ainda dentro do cognitivismo, surgiram também as teorias de Vygotsky (1896 -1934). Ele foi um psicólogo soviético que abordou o comportamento humano em termos cognitivista, porém se detém na influência que o meio externo exerce na promoção da aprendizagem, ou seja, a criança aprende a todo instante estando em contato com outras pessoas. É nesse sentido que a teoria de Vygotsky é chamada de interacionista, embora tenha recebido outras nomenclaturas como exemplos construtivismo e sociocultural.

Vygotsky foi o primeiro psicólogo moderno a dar ênfase que a cultura se integra ao homem pela atividade cerebral, estimulada pela interação entre parceiros sociais e medida pela

linguagem. Assim, a cultura faz parte do meio social, sendo que ela se manifesta no indivíduo quando ele se relaciona com seu semelhante por meio da convivência com a família e outros grupos sociais. (REGO, 2007).

Para Vygotsky “a linguagem é a ferramenta que torna o indivíduo verdadeiramente humano”. Esse pensar, de certa forma vem porque é através da linguagem que passamos a expressar nossas ideias e sentimentos, fazer trocas de pensamentos, exercer o poder de se comunicar. É a comunicação que fazemos por meio de sinais ou gestos na interação formal ou informal.

Santos (2013), ratifica a ideia dizendo,

A teoria histórico-cultural compreende o desenvolvimento humano como resultado da apropriação da cultura humana historicamente elaborada, por outras palavras considera que o homem é um ser histórico, resultante de suas relações sociais e culturais, que se desenvolve a partir das interações que faz com o meio a que pertence. (SANTOS, 2013, p. 50).

O autor acima destaca como a teoria histórico-cultural compreende a construção humana, e isso acontece porque o homem em si se relaciona com tudo que está a sua volta: ao idioma, a música, a dança, a alimentação, as vestimentas, a religião dentre outros aspectos que corrobora para seu desenvolvimento como cidadão, sendo que a cultura se manifesta por meio da interrelação dele com o mundo, uma vez que o indivíduo é um ser histórico que interage com o local que vive e convive.

Ratner (2002), citado por Lantolf e Thorne (2007: 201), defende que “o funcionamento da mente humana é um processo fundamentalmente mediado, organizado por artefatos culturais, atividades e conceitos”. Visualizando o que o autor argumenta, percebe-se que tudo que o homem usa, cria ou recria é integrada a cultura, assim o modo como ele vive, as ferramentas que utiliza para realizar suas atividades, o que ele ler para embasar sua comunicação, tudo isto faz com que alimente sua mente.

Lantolf e Thorne (2007: 201) acrescentam: “Nessa perspectiva, entende-se que os humanos utilizem artefatos culturais já existentes e criem novos, que permitem regular suas atividades biológicas e comportamentais”. Para esse autor, esses artefatos incluem não apenas os objetos fabricados pelo homem, como também a linguagem e os símbolos em geral.

Ortega (2009: 219) ressalta: “como todas as ferramentas, a língua é usada para criar pensamento, mas ela também transforma o pensamento e é fonte de aprendizagem”. Pensando

nisso, o autor enriquece a língua como inspiração para o desenvolvimento do pensamento, mas estabelece o poder que ela tem de transformação, ou seja, as ideias podem ser construídas e logo em seguida modificadas, gerando novos conhecimentos.

Vygotsky, é um defensor de que a inteligência se constitui a base da convivência em sociedade, é pela troca de saberes no decorrer da vida que o homem se torna um ser pensante e criativo, uma vez que não acontece essa harmonia entre os homens, o desenvolvimento mental fica comprometido. Assim Pesce (2017b) reestabelece,

Para Vygotsky, o desenvolvimento da inteligência é produto da convivência social desde o nascimento e, na ausência do outro, o homem não se constrói. A vivência em sociedade é essencial para transformar o homem de ser biológico em ser humano. É pela aprendizagem nas relações com os outros que se constrói os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. (PESCE, 2017b, p. 2).

Desta forma, percebemos que a linguagem é construída por meio das interações com o outro, não se aprende isoladamente. Então vale reafirmar que enquanto Piaget enfatiza a função simbólica como a memória, a imagem mental, consciência e pensamento, Vygotsky prefere sintetizar as relações sociais, uma vez que o indivíduo é responsável pela construção desse aprendizado que o modifica e pode assim ser modificado.

Impulsionado por esses pensamentos, Vygotsky fez a construção de sua teoria se embasando nas funções superiores, como: atenção voluntária, percepção categorial, linguagem e escrita, generalização, formação de conceitos, função simbólica da consciência e outras fortemente conectadas. Mas para o momento o que é indispensável é a compreensão de como ocorre a linguagem e escrita, haja vista que estamos descrevendo sobre como podemos desenvolver o aprendizado da língua inglesa.

As ideias de Lev Vygotsky apresentam quatro conceitos elementares, os quais são a interação, mediação, internalização e zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

Conforme Pesce (2017b, p. 3), a ZDP:

Vygotsky define o momento entre o nível de desenvolvimento real do aluno, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

O autor acima traz o conceito de ZDP, a qual é vista como o espaço daquilo que o indivíduo já possui, sabe, conhece, é uma construção já internalizada por ele, E o potencial do que ele é capaz de construir, o conhecimento que pode vir a ter, desde que seja mediado por

alguém com experiência que leve o indivíduo a ter um olhar mais profundo e detectar o potencial a ser alcançado, e mais importante do que detectar é estimular esse potencial para a apropriação de novos aprendizados.

Para entendermos melhor, Vygotsky desenvolveu três zonas de desenvolvimento: a real, a potencial e a proximal. Quando o aluno chega à escola ele traz consigo um aglomerado de aprendizado que absorveu no seio familiar, ou na vivência em grupo, é perceptível a zona de desenvolvimento real, porque o aluno sozinho vai conseguir realizar essas atividades que traz em sua mente, que é todo aquele conhecimento que o aluno aprendeu no decorrer de sua jornada antes da interação escolar. Aquele conhecimento que é mediado em sala de aula pelo professor ou outro integrante, é o que é chamado de potencial, isto é, o aprendizado que consegue realizar com o auxílio de outra pessoa. Já aquilo que está prestes a acontecer é o que Vygotsky chama de proximal, estágio embrionário, isto é, são funções que mais cedo ou mais tarde irão amadurecer porque estão em processo de maturação.

Embrenhar-se no aprendizado da língua inglesa, é uma questão de necessidade. Diariamente somos expostos às diferentes culturas e informações que marcam infinitas competições e determinam exigências na prática da perfeição. Vivemos em um mundo sociocultural que almeja a cultura bilingue, se tornando pertinente a compreensão sobre diversas teorias de aprendizagem. Contudo, a mediação que acontece na (ZDP) pode ser a ferramenta que permite maximizar o nível de aprendizado dos educandos e ampliar suas percepções no desenvolvimento das competências e habilidades, pois a mediação é compreendida por Vygotsky como processo cultural pela aprendizagem.

A fluência na língua inglesa ou em qualquer outro idioma acontece principalmente por meio da interação social. Para Lantolf (2000a: 1), “o conceito mais fundamental da teoria sociocultural é que a mente humana é mediada e que os homens não agem diretamente no mundo físico, mas, em vez disso, contam com ferramentas nas atividades de trabalho, o que nos permite mudar o mundo”.

Para o autor, mudar o mundo significa mudança de comportamentos, de atitudes e valores que acabam sendo distorcidos na trajetória de vida do ser humano. A educação, por sua vez, tem essa capacidade sobre o indivíduo, uma vez que é por ela e por meio dela que há a construção de aprendizados, de ideias e percepções que torna a pessoa a ser melhor consigo e com o outro. Neste contexto, as ferramentas são suportes para que tal mudança venha se concretizar de forma significativa e eficaz.

## 2.7 Compreendendo alguns métodos utilizados no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa

Sabe-se a grande importância do uso dos métodos para a melhoria no aprendizado dos alunos. Neste capítulo iremos abordar alguns deles não para declarar o melhor, e sim para compreensão de que todos são indispensáveis na prática educativa e que de certa forma independente de ser o mais eficaz vai contribuir no processo de aprendizagem.

Richard e Rodgers (1994) apud Oliveira 2010, conceituam Método como sendo “conjunto de princípios teóricos, princípios organizacionais e ações práticas que norteiam a estruturação de um curso, o planejamento das aulas, a avaliação da aprendizagem e a escolha dos materiais didáticos”. Seguindo a ideia do autor, aqui desvendaremos alguns métodos que possibilitam um maior aprendizado na língua inglesa e é importante salientar que não existe métodos que fazem milagres, e sim metodologias que baseados em métodos ou abordagens ajudam a entender melhor a língua, dentre os métodos existentes, temos: Método da Gramática e Tradução, Método Direto, Método Audiolingual e outros que serão citados a seguir.

O Método da Gramática e Tradução surgiu com a criação das primeiras escolas durante o Império Romano, se intensificando na Idade Média. O Latim, nessa época era uma língua internacional, sendo o principal idioma usado nas escolas, universidades e igrejas, gerando uma necessidade nas pessoas em aprender essa língua e conseqüentemente a criação de um método que atendesse tais necessidades. Esse método foi muito usado no Brasil pelos jesuítas durante a colonização para o ensino do latim aos povos indígenas.

O método da Gramática e Tradução (Grammar Translation Method) também conhecido como método indireto ou método clássico, possibilitava aos alunos a leitura e a escrita de textos da literatura clássica. Os alunos, neste contexto, precisavam aprender as regras gramaticais pela dedução. Este método apresenta alguns princípios bastante usados desde a criação até os dias atuais, são eles: aulas ministradas na própria língua materna, memorização, aulas expositivas, principalmente para ensinar as regras sintáticas, tradução, ênfase da língua escrita e exercícios repetitivos, como expressa Leffa (1988: 4),

Consiste no ensino da segunda língua pela primeira. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicação na língua materna do aluno. Os três passos essenciais para a aprendizagem na língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema). É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. (LEFFA, 1988:4)

Basicamente, para a compreensão de um texto, o aluno havia de decorar uma lista de palavras, fazendo associação a sua língua materna e aplicar essas palavras a algumas regras de sintaxe, que é quem determina a relação das palavras dentro de uma frase. Dessa forma existe alguns pontos relevantes a este método, como aquisição de conhecimentos das regras gramaticais e vocabulários da língua, trabalhados por meio de dedução e inversão. Por outro lado, é um método que permite muitos questionamentos devido a falta de ênfase na oralidade, ignorando também outras habilidades de comunicação.

O método da gramática e tradução tem como concepção a aprendizagem behaviorista, onde traz o professor como sendo o detentor dos conhecimentos, o que transfere ao aluno o aprendizado, e o aluno neste contexto, como sujeito que absorve o conteúdo de forma mecânica e passiva. Portanto, é um método que é usado pelos professores até hoje, de forma dedutiva e associativa, em que o ensino tende a se basear no estudo das regras gramaticais que em muitos momentos são desassociadas do seu uso prático.

O método direto, também conhecido como método natural, por sua vez, surgiu por volta do final do século XIX e início do século XX devido a insatisfação de alguns profissionais da área de ensino de línguas. Porém só chegou oficialmente no Brasil em 1931, como parte das reformas educacionais propostas pelo ministro da educação e saúde pública, Francisco campos, no governo provisório de Getúlio Vargas.

Esse período da história, que vislumbra a criação do método direto, foi um momento decisivo de muita discussão por ser o primeiro método a ser definido pela legislação e obrigatoriamente usado nas escolas públicas. Vale discorrer que, no Brasil, o método direto, foi usado pela primeira vez no colégio D. Pedro II, momento este que se discutia algumas situações educacionais como turmas reduzidas para 15 alunos e materiais didáticos mais adequados para o público-alvo.

Mourão (2012, p. 77) faz uma distinção sobre método natural e método direto:

O que se diferenciam, no entanto, é que a Abordagem Natural não dá tanta ênfase aos monólogos do professor, repetições diretas e produção acurada de sentenças na língua-alvo, como fazia o Método Direto. Em vez disso, é dada mais ênfase à exposição à língua, muito input e preparação emocional para a aprendizagem. Há um prolongado período de atenção e audição até que os aprendizes tentem produzir a língua (RICHARD; RODGERS, 1986).

Como descreve o autor acima citado, este método apresenta uma finalidade comunicativa devido a prática ser centralizada no desenvolvimento da oralidade, dando ênfase

ao uso da língua alvo em sala de aula, ou seja, a característica principal é aprender a língua estudada por meio dela mesma, evitando ao máximo o uso da sua língua materna.

Assim, os princípios que norteiam este método são: aulas dirigidas privilegiando a segunda língua, o uso de materiais concretos para o ensino dos vocabulários, ensino por associação de ideias, diálogos, estudo da gramática de forma indutiva e é primordial estabelecer constantemente ênfase na pronúncia, além disso, é viável abrir espaço as questões culturais por indução e realizar exercícios orais sempre antecipando as atividades escritas.

É um método que exige que o professor seja fluente na língua para que as aulas sejam totalmente em inglês, para tanto, o profissional precisa ter uma pronúncia perfeita e impecável e a transmissão do conhecimento deve acontecer pelo uso de figuras, gestos, gravuras sem recorrer a tradução. Como declara Veroneze e Carvalho (2008, p. 5), em relação às críticas a esse método “um dos resultados insatisfatórios do método era a falta de professores com proficiência na língua alvo”, problema este que transcorre até hoje nas escolas.

Neste método o professor é um facilitador da aprendizagem, pois o método está baseado no construtivismo, sendo o aluno participante ativo do processo de construção do conhecimento. As principais atividades utilizadas para o método em questão vão desde a leitura em voz alta, perguntas e resposta, conversação sobre situações reais, exercícios de preenchimento de lacunas para o uso da gramática indutiva até produção escritas sobre temas trabalhados pelo professor em sala de aula.

O método direto se utiliza de técnicas repetitivas, pois o uso de diálogos reais tem por objetivo tornar viva a língua que está sendo usada no ambiente da sala de aula, neste caso a língua inglesa sem o uso da língua materna, acreditando que o aluno tem grande probabilidade de alcançar a fluência da língua que se propõe aprender e com o tempo vai usá-la de maneira natural, tendo como ponto positivo a integração das quatro habilidades comunicativas, cujas habilidades podem desenvolver maior autonomia e domínio na língua estudada,

Em ocasião, apesar das discordâncias sobre o método direto por parte de alguns estudiosos, em se tratando do método não proporcionar proficiência da língua alvo ao aluno e no que concerne à escola pública, falta professores fluentes no idioma para aplicá-lo, a abordagem oral foi um método criado com a mesma semelhança do método direto por desenvolver habilidades orais de uma segunda língua. Suas principais características são: ênfase na língua falada, a língua alvo é língua da sala de aula, o vocabulário incluído tem que ser essencial e a gramática é apresentada partindo da forma simples para a complexa. E como descreve Mourão (2012, p. 96) “O Método Audiolingual é outro método que valoriza a

habilidade oral e desenvolve o aprendizado por intermédio da repetição e formação de novos hábitos linguísticos, e tem fortes influências nas instituições atuais de ensino de idiomas.

O sucessor do Método Direto é o Método Audiolingual, que surgiu aproximadamente em meados dos anos 30, porém o processo de criação foi basicamente no final do século XIX, quando os norte-americanos criaram a metodologia da leitura, contrapondo o uso do método direto, sob a justificativa de que as condições das escolas secundárias americanas não possuem estruturas suficientes para o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas, usando também de desculpas que a maioria dos americanos não tinham a necessidade de se comunicar em outra língua, assim bastava que a escola ensinasse aos alunos a leitura.

A partir desse panorama, várias críticas surgiram devido se ensinar um idioma somente em uma habilidade, mas também por questões inteiramente política, afinal, naquele momento estavam vivenciando momentos de guerras, com isso o exército americano precisava de pessoas fluentes em línguas estrangeiras, só que as escolas não formavam pessoas fluentes. No entanto, por causa dessa insatisfação e constatação, o exército reagiu contra o método da leitura criado pelos próprios americanos.

Então, o Método Audiolingual, criado pelo linguista Charles Fries, foi muito usado no período da Segunda Guerra Mundial. Funcionários do governo, exército, assim como movimento imigratório tiveram interesse e necessidade em aprender um segundo idioma, em especial o inglês, e o método em questão, por se tratar de um método que proporciona a comunicação oral com aproximações de proficiência, foi considerado o mais adequado para aquele momento. E fazendo conexão intepretativa, o Método Audiolingual não deixa de ser a junção do método da gramática e tradução com o método direto.

Brown (2001: 23) mostra alguns princípios básico desse método, tais como “novos tópicos são usados em forma de diálogos; tem minimamente explicação gramatical; gramática indutiva; o vocabulário que é ensinado se limita ao tópico estudado, sendo usados dentro de contextos; pronúncia tem maior relevância com direito a correções”.

Como visto, o Método Audiolingual permeia-se na comunicação oral da língua alvo se aproximando ao máximo da comunicação de um nativo, com técnicas variáveis, como por exemplo: bastante diálogos, a pronúncia é indispensável, é plausível emitir reforço positivo para respostas corretas e correções imediatas para evitar que o aprendiz permaneça no erro, raramente a língua mãe é utilizada e os exercícios são usados de forma exaustiva e repetitiva.

Nesse método, para o aluno que se submete em aprender a língua é primordial que escute e fale primeiro, porque um dos pilares desse método é que a língua é fala e não escrita, processo natural e parecido quando aprendemos a língua materna, por isso que o uso de diálogos com

situações do dia a dia é constante e indispensável, principalmente sendo usado com falas dos próprios nativos ou pela escuta de vídeos e áudios gravados para treinar a audição e a pronúncia. Ensinar a língua e não sobre a língua é uma das características em que requer que o aluno aprenda na prática e não por meio de explicações de regras gramaticais, neste caso, não havendo preocupação com a norma culta, ou seja, era preferível ensinar de forma indutiva como acontecia no método direto, a audição e fala, onde leitura e escrita vem bem depois, a aprendizagem ocorre por constantes hábitos de memorização e repetição.

Quando se fala em treinar os ouvidos, nesse método, a língua é vista como conjunto de hábitos, porque se utilizam de hábitos condicionados adquiridos por intermédio mecânico de estímulos e respostas da mesma forma como nas escolas behavioristas da época, que valorizavam como premissa o reforço dado pelo professor.

É importante destacar, no Método Audiolingual, que uma das considerações é que as línguas possuem suas diferenças, sendo assim, o estudo com o método leva os estudantes a conhecer as diferenças na língua materna, bem como da língua estudada pelo aluno, na ideia de que é relevante evitar erros influenciados pela língua mãe.

Esse método sofreu muitos questionamentos tanto teóricos quanto práticos como o embasamento psicológicos e linguísticos das teorias behavioristas e o excesso de repetição utilizados na prática do ensino e aprendizagem, e ainda, uma das críticas é que os alunos passavam pelos mesmos erros submetidos aos métodos anteriores, pelo fato de não desenvolver a comunicação quando se encontravam com situações reais de comunicação.

Segundo as ideias de Mourão (2012, p. 96), com referência de Larsen Freeman, (2000),

A crítica feita a esse método foi baseada nas ideias de Chomsky, que dizia que uma língua não pode ser aprendida mediante a formação de hábito, já que os alunos nunca tinham ouvido a língua alvo antes. Os aprendizes que estudavam pelo Método Audiolingual tinham dificuldade em transferir os hábitos aprendidos em sala de aula para um uso comunicativo fora da sala de aula. Chomsky sugeriu que a língua deveria ser aprendida a partir da cognição do aluno. (LARSEN-FREEMAN, 2000).

Todavia, o Linguista Almeida Filho em parceria com alguns estudiosos europeus, não se satisfazendo com o que propunham os métodos precedentes, começam a desenhar o Método Comunicativo, o qual marca mudanças de paradigmas no ensino de idioma em pleno século XX, fazendo de certa forma uma reviravolta passando a valorizar função e não mais estruturas da língua.

Os métodos criados anteriormente ao Método Comunicativo enfatizavam as estruturas linguísticas, e por mais que a finalidade dessas metodologias fossem a comunicação na língua-

alvo, havia muitas dúvidas se essa comunicação realmente acontecia em contextos reais fora da sala de aula. E com a chegada do Método Comunicativo a prioridade se concentra no significado da linguagem em diferentes usos com implicações nos diversos contextos culturais. Função, noção e habilidades são termos que ficam frequentes nesta abordagem, como expressa muito bem Mourão (2012, p. 80) embasado por TOTIS (1991),

A abordagem Comunicativa surgiu no final dos anos 70 e ganhou força nos anos seguintes. Sua configuração inicial recebeu o nome de Método Funcional/Nocional. Nessa visão do ensino/aprendizagem de línguas, em vez de se trabalhar um grupo de estruturas linguísticas, os alunos trabalham uma lista de funções (como concordar com algo, como pedir informações, como oferecer informações etc.), de noções (hora, duração, dúvida), e de habilidades (a ideia principal de uma mensagem, a fluência na fala, escrever textos etc.) (TOTIS, 1991).

Diante disso, percebe-se que o grande enfoque do método comunicativo está na ação de falar a língua, subsidiando ao ato a interação social e o poder de criticidade ao aprendiz, ou seja, aprendizagem está implícita na contextualização a ao mesmo tempo, ao domínio discursivo, na qual é flexível com característica típica da atual realidade que os alunos vivenciam, em contextos de globalização e rápida expansão de informações.

Quando é tratada a questão de domínio discursivo, entende-se que diferentes contextos que abrangem a sociedade devem ser postos em discussões, valorizando assim a participação do aluno, o autoconhecimento para a aquisição da linguagem e novas percepções de mundo. Essa proposta é vista nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Estrangeira Moderna “abordagem que valoriza a escola como espaço social democrático, responsável pela apropriação crítica e histórica do conhecimento como instrumento de compreensão das relações sociais e para a transformação da realidade”. (DCE, 2008, p. 52).

O Método Comunicativo situa-se na prática da competência comunicativa, uma vez que o aprendiz tem que ter predisposição para o agir, além de se emponderar com conhecimentos gramaticais, sociolinguísticos, discursivos e estratégicos, também deve ter destrezas assertivas à formação participativa e ativa como cidadão consciente. Como confirma Richards; Rodgers,

As competências se compõem de uma descrição das destrezas, conhecimentos, atitudes e comportamentos essenciais que se requerem para a execução eficaz de uma tarefa ou atividade no mundo real. Essas atividades podem guardar relação com qualquer esfera da vida [...] (RICHARDS; RODGERS, 2003; p. 144).

Corroborando com o autor, as competências comunicativas não se delimitam em detrimento de uma conversação oriunda de enunciado subtendido, e sim por múltiplos contextos

que evidenciam experiências vividas a fim de promover produções orais e escritas. Para isto, não necessariamente o aprendiz deve fechar os olhos para o uso gramatical, mas, trabalhá-la dentro de contextos significativos da sua própria realidade. Assim, Scarcella e Oxford (1992, p. 75) diz “o desenvolvimento ótimo da competência gramatical requer que a gramática seja apresentada em contextos de linguagem autênticas e significativas ao invés de isolado”.

[...] Abordagem comunicativa tem uma rica e um tanto eclética base teórica. Algumas características são as seguintes: a língua é um sistema para expressão dos significados; a principal função da linguagem é a interação e a comunicação; a estrutura da língua reflete seu uso funcional e comunicativo; as principais unidades de linguagem não são meramente suas características gramatical e estrutural, mas categorias de significado funcional e comunicativo. (LIMA E FILHO, 2003, p. 14).

Percebe-se, então, que os autores acima enxergam uma ampla sustentação teórica ao método comunicativo, talvez seja por ele abordar um pouco de cada método discutido até aqui, com algumas mudanças na finalidade, porque uma das ênfases nesta abordagem é o estudo funcional, em vez de estruturas, dito isto, porque é visível a gramática sendo exposta em contextualização.

Por fim, iremos abordar um pouco sobre o Método-abordagem Léxica (Lexical Approach) que traz como representante o linguista britânico Michael Lewis (1993). Conforme o autor a ‘abordagem’ se baseia nas expressões lexicais (chunks) que são a chave do aprendizado, onde os alunos permeiam com mais clareza, percebendo os padrões da língua.

Essa abordagem, como sintetiza o autor acima, parte da ideia de grupos de palavras que constantemente aparecem, ou seja, a língua não é vista simplesmente por palavras isoladas, e sim por combinações de vocábulos organizados em blocos, uma vez que esses blocos se tornam técnicas que facilitam a memorização.

Para a competência sociolinguística fica evidente conhecer não apenas estruturas lexicais, pois para que aconteça as trocas discursivas, as manifestações sociais e culturais têm que ser inclusas em diferentes circunstâncias que ocorra a linguagem. O uso de vocábulos e costumes distintos fazem parte de diferentes realidades.

O inglês conta há tempo com a palavra *literacy* (letramento) para denotar a capacidade de ler e escrever, mas, recentemente, um certo número de especialistas em educação e professores universitários começaram a chamar a atenção para a importância de dominar a habilidade de falar e ouvir. A essa noção, aplicou-se o termo não de todo feliz *oracy*, mas algumas pessoas que desgostam do termo preferem falar em *orality*. (TRASK, 2004, p. 214-215).

No que expressa acima, para que realmente ocorra produção e aplicabilidade de discurso, com intuito do aprendiz se tornar um falante da língua e ficar apto a interação é primordial que o estudante tenha acesso as quatro habilidades exposta na BNCC (2021), porém o saber linguístico, social e cultural também deve ser trabalhado, só assim teremos trocas e compreensão de mensagem entre o emissor e o receptor. Então, a exemplo, enquanto nos Estados Unidos o foco do estudo dos linguistas estava no código da língua, na Europa eles estudavam os sentidos e os aspectos sociais do idioma, dando ênfase no discurso, onde a análise se voltava as circunstâncias em que os textos eram produzidos e até interpretados.

Para Mourão (2012, p. 84),

A Abordagem Léxica é mais uma das que surgem como alternativa aos métodos baseados na gramática. Inclusive os conceitos de gramática e vocabulário são ampliados para a concepção do léxico. Enquanto a gramática tradicional propõe o estudo de termos estáticos e palavras às vezes isoladas e descontextualizada, essa abordagem adota o uso do léxico como matéria-prima, pelo fato de ele estabelecer a língua como um sistema organizado com expressões e combinações de palavras, os quais aparecem frequentemente na língua.

Dessa forma, como visto pelo autor acima, na abordagem lexical o estudo e aprendizado acontece por grupos de palavras que aparecem de maneira constante no uso de atividades diárias. Essas expressões são importantes para serem incorporadas aos vocabulários do aluno, isso fica evidente na comunicação natural, pelo fato de não se usar a palavra de forma isolada. Por intermédio dessa abordagem, o aprendiz consegue usar termos contextualizados e, não só alimentar palavras benéficas a oralidade, como também aumentar o número de expressões e frases para sintetização ou validação do conteúdo estudado, tendo a oportunidade de alcançar com mais exatidão e rapidez a fluência.

No entanto, fizemos a exposição de alguns métodos ou abordagens que propiciam maior engajamento para um aprendizado mais eficiente e eficaz numa segunda língua, mas que fique claro a existência de muitos outros, nos quais também são de grande relevância ao aprendizado de língua inglesa. Afinal, não tem como afirmar o melhor método ou abordagem, porque todos deram sua contribuição em cada momento e experiência vivida e, ainda são usados até nos dias de hoje, seja em escolas públicas, ou em cursos privados deixando contribuições negativas ou positivas, o que é interessante é que há uma abrangência em que a instituição possa fazer a escolha para a melhor adaptação.

### 3. MARCO METODOLÓGICO

O trabalho aqui exposto tem como tema Aprendizagem da Língua Inglesa: concepções, desafios e possibilidades, trazendo como problema “Porque os alunos, dos 9º anos de uma instituição de ensino no município de Iranduba, apresentam tantas dificuldades no aprendizado de língua inglesa, principalmente na competência linguística?” Os objetivos se concretizam em:

- Geral:
  - Compreender as dificuldades de aprendizagem que os alunos de 9º ano de uma determinada escola municipal enfrentam no aprendizado de língua inglesa.
  
- Específico:
  - Descrever as principais dificuldades de aprendizagem nas habilidades da língua inglesa.
  - Analisar os principais fatores que levam o aluno a apresentar tais dificuldades.
  - Aplicar sugestões baseadas nos autores que possibilitem minimizar a dificuldade de aprendizagem desses alunos por meio de metodologias, métodos e técnicas mais inovadores.

A problematização do trabalho ocorreu da seguinte maneira:

- Quais os principais fatores que levam os alunos de 9º ano, desta determinada escola municipal de Iranduba, apresentarem dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa?
  
- Qual metodologia, método e técnica é o mais adequado à realidade desse aluno, para que o mesmo, se sinta estimulado a desenvolver sua autonomia no aprendizado desta disciplina, e como estão sendo aplicados na sala de aula?
  
- É possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?

Para proceder e atingir os objetivos e as questões levantadas na problemática de forma satisfatória, o presente estudo alinhou-se nas seguintes escolhas metodológicas:

a) Abordagem quali-quantitativa:

A abordagem quali-quantitativa foi escolhida para desenvolver o estudo por ser o meio mais viável para se debruçar do conhecimento da realidade em que pretendíamos investigar. Para Moreira (2002), existe uma diferença entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa que

demanda mais do que escolher as estratégias e procedimentos de coleta de dados, as quais representam posições epistemológicas antagônicas. Com a pesquisa quantitativa propõe-se a medição e a quantificação de dados numéricos e, para que isso ocorra, foi inevitável fazer uso de questionários com perguntas de múltipla escolha para facilitar a coleta de dados. E para a pesquisa qualitativa foi usado o estudo de caso, com entrevistas para identificar as dificuldades em relação ao aprendizado da língua inglesa.

De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma técnica de coleta de dados bastante usada nas pesquisas sociais, cuja técnica é bem adequada para que se obtenha com mais praticidade as informações trazidas pelas pessoas, ou seja, fica fácil descobrir o que elas sabem, creem, esperam e desejam, bem como suas razões para cada resultado. A entrevista comparada com os questionários, torna a pesquisa mais oportuna, pois não restringe aspectos culturais do entrevistado, ela enfatiza um número maior de respostas, oferecendo maior flexibilidade e possibilitando que o entrevistador obtenha outros tipos de comunicação não verbal.

b) Quanto a natureza, o estudo se procederam pela pesquisa aplicada:

A pesquisa aplicada é aquela que se sustenta em estudos já explorados por outros autores, com o intuito de disseminar ou prover novas ideias e construir conhecimentos que poderão ser aplicados na prática das salas de aulas e contribuir no aprendizado dos alunos, além de servir de base teórica para outros trabalhos acadêmicos.

c) Quanto aos objetivos foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória:

A pesquisa descritiva, assim entendida por Gil (2002, p. 42),

“[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizada de coleta de dados, tais como o questionário e a observação assistemática”.

Como aborda Gil (2002), a pesquisa exploratória é como o próprio nome explica é a exploração de algo que está sendo colocado em análise, pode ajudar o pesquisador a se familiarizar com o problema, aprimorando as ideias, é flexível e pode envolver levantamento bibliográfico, estudo de caso, entrevistas com sujeitos que tiveram experiências práticas e relação direta com problema pesquisado, enfim, é um estudo mais empírico que envolve e corrobora para estimular a compreensão.

Gil (2002, p.42) traz também explicação sobre a pesquisa descritiva:

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática, São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc. geralmente assumem a forma de levantamento.

d) Em relação ao procedimento, foi fundamentado em base teórica por sucinta revisão bibliográfica, produções científicas e documentais e estudo de caso.

Por estudo de caso, Yin (2001), caracteriza como sendo único ou múltiplo, referindo-se a unidades tais como: indivíduos, organizações, instituições dentre outras unidades. Um estudo profundo e exaustivo, o qual permite uma análise mais analítica da realidade a qual se pretende investigar. Essa realidade pode ser algo que faça parte do contexto de vida real que ainda não está bem esclarecida.

um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (Yin, 2001 p. 33).

Para Lakatos & Marcone (2001), a pesquisa bibliográfica pode ser toda bibliografia considerada pública no que tange ao tema estudado, tais como uma publicação avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos dentre outras com objetivo de colocar o pesquisador em sintonia com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Segundo Gil (1999), a pesquisa documental se assemelha a pesquisa bibliográfica, porém a diferença se encontra na natureza das fontes, Ele diz que enquanto a bibliográfica se beneficia fundamentalmente das contribuições de diversos autores, a documental se contempla de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico e mais estruturado, o qual pode ser reelaborado conforme os objetos da pesquisa.

O universo desta pesquisa foi direcionado a todos os alunos dos 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola municipal em Iranduba, seus respectivos pais e professores que formam o corpo docente. E para a amostra foram selecionados neste estudo, 10 (dez) alunos do 9º ano de turmas diferenciadas, 3 (três) pais e 2 (dois) professores de Língua Inglesa.

Segundo Ferreira (1999), a população traz como referência um conjunto de objetivos que apresenta finalidades a uma característica denominada variável, cujo objeto pode vir a ser classificado, contado ou medido. Refere-se também ao conjunto de dados de uma variável em estado. Já a amostra é qualquer subconjunto de uma população. Segundo o autor não se estuda uma população em sua localidade, porque pode ser considerada como uma população infinita

ou finita. A população em si, é muito grande. No entanto, o pesquisador deve optar por observar apenas uma parte da população, na qual ele nomeia como amostra, que é um conjunto de objeto ou dados retirados de uma população para fim de estado.

Ficou notório que a população que se pretendia estudar era muito ampla, por conta disso e para que a escolha se tornasse mais adequada, foi considerada algumas características relevantes. No entanto, foi especificado para preservar a identidade dos sujeitos nomes fictícios para representá-los, sexo, a idade, a cor, a escolaridade, o turno que estuda, e ainda o nível econômico dos participantes por meio de questionários.

Utilizamos a técnica da randomização, que segundo Gil (2002, p. 98) “objetiva proporcionar a cada um dos sujeitos igual chance de ser escolhido”.

A seleção dos professores aconteceu com intuito de conhecer melhor como as metodologias, métodos e técnicas estavam alinhadas ao aprendizado dos alunos, e como estes estudantes recebiam o aprendizado. A pesquisa direcionada aos alunos seria para analisar os principais fatores que interferem no aprendizado de uma segunda língua, nesse caso, o inglês como língua estrangeira, e até que ponto a interculturalidade se fazia presente no contexto da sala de aula e na vivência com os pais.

Aos alunos participantes da pesquisa foi utilizado alguns critérios de inclusão e exclusão, os quais foram descritos abaixo.

Foram incluídos na pesquisa os estudantes de ambos os sexos, devidamente matriculados nas turmas do 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal localizada no Iranduba, zona metropolitana de Manaus, no ano 2022/2023. Os critérios de inclusão se deram pelos seguintes motivos: Os sujeitos da pesquisa eram os próprios alunos que integravam as turmas, com isso, ficou mais fácil a busca de informações para o estudo em questão. Assim, o objeto da pesquisa abordou a dificuldade de aprendizagem da língua inglesa, que por sua vez se relacionava com o currículo dos alunos participantes da pesquisa;

Foram excluídos nesta pesquisa os alunos, cujos pais e responsáveis se recusaram a assinar e preencher o termo de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento livre e esclarecido por parte dos estudantes. Outro critério de exclusão foi a ausência dos alunos em mais de três aulas consecutivas.

A instituição de ensino apresentava um ambiente propício a manipulação das variáveis, por contemplar os sujeitos da pesquisa, pelo contexto escolar ter na estrutura curricular a Língua inglesa, que é objeto de análise da pesquisa e, principalmente, por ser professora da instituição e compor o quadro de funcionários, ministrando a disciplina em questão.

O presente trabalho foi realizado seguindo as recomendações éticas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Assunção e em hipótese alguma foram divulgados dados pessoais dos respondentes. Assim, tínhamos como acordo um termo de Consentimento para Participação em Pesquisa, esclarecendo os seus objetivos, bem como a solicitação da autorização dos pais e responsáveis por alunos menores, para o uso de imagens exclusivamente de trabalhos, sem exposição de imagens pessoal, e o uso de voz somente para fins acadêmicos e educacionais.

Se necessário a presença do aluno em alguma atividade extra na escola referente ao projeto, seria divulgado nos grupos de whatsapp das turmas.

Apresentamos como riscos para a execução do presente projeto: Exposição de imagens pessoal; Medo de errar; Vergonha dos colegas e do professor; Timidez na hora de se expressar; ser vítima de bullying;

Para minimizar os riscos acima descritos foram tomadas as seguintes medidas:

- Garantir o sigilo no que se refere as suas respostas que será usada somente para fins científicos.
- Garantir um ambiente com privacidade para coleta de dados;
- Garantir a não identificação nominal dos participantes;
- Garantir que não ocorra exposição de imagem pessoal.

#### 4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, os dados gerados por meio de questionários e entrevistas serão apresentados e discutidos.

A pesquisa “Aprendizagem da Língua Inglesa: concepções, desafios e possibilidades”, trouxe como objetivo geral Compreender as dificuldades de aprendizagem de alunos do 9º ano em língua inglesa e objetivos específicos - descrever as principais dificuldades de aprendizagem nas habilidades da língua inglesa; analisar os principais fatores que levam o aluno a apresentar tais dificuldades; aplicar sugestões baseadas nos autores que possam minimizar a dificuldade de aprendizagem desses alunos por meio de metodologias, métodos e técnicas mais inovadores.

Para compor esse estudo foram coletados dados de três turmas de 9º ano do Ensino fundamental II, com aproximadamente trinta alunos em cada sala de aula, porém, para a amostra foram selecionados neste estudo, 10 (dez) alunos do 9º ano de turmas diferenciadas, 3 (três) pais e 2 (dois) professores de Língua Inglesa. No entanto, não tivemos retorno dos pais, então acrescentamos mais 1 professor.

Logo no primeiro momento da pesquisa foi solicitado à coordenação pedagógica um levantamento das turmas: quantidade de alunos por turma e notas referentes a disciplina de Língua Inglesa. No segundo momento teve como norte para a concretização do trabalho a pesquisa quantitativa fazendo extremo uso de questionários direcionados à alunos com aproximadamente dez perguntas de múltipla escolha para facilitar a coleta de dados.

Referente ao questionário, foi acordado com os pais e responsáveis por aluno que os questionários seriam direcionados a eles pelo grupo de Whatsapp das turmas de nono ano, onde alunos responderiam e de imediato dariam o retorno ao pesquisador. Teve-se alguns contratempos de não realização por parte de alguns participantes. Isso pode ser explicado pelo fato de que alguns alunos pertenciam ao grupo, porém não tinham acesso à internet naquele momento.

A pesquisa se deu também por intermédio de entrevista direcionada à três questionamentos a três professores e os participantes tiveram suas identidades resguardadas, por este motivo usamos nomes fictícios. Foram entrevistas abertas.

#### 4.1 Resultado e discussões de Questionário aplicado aos alunos

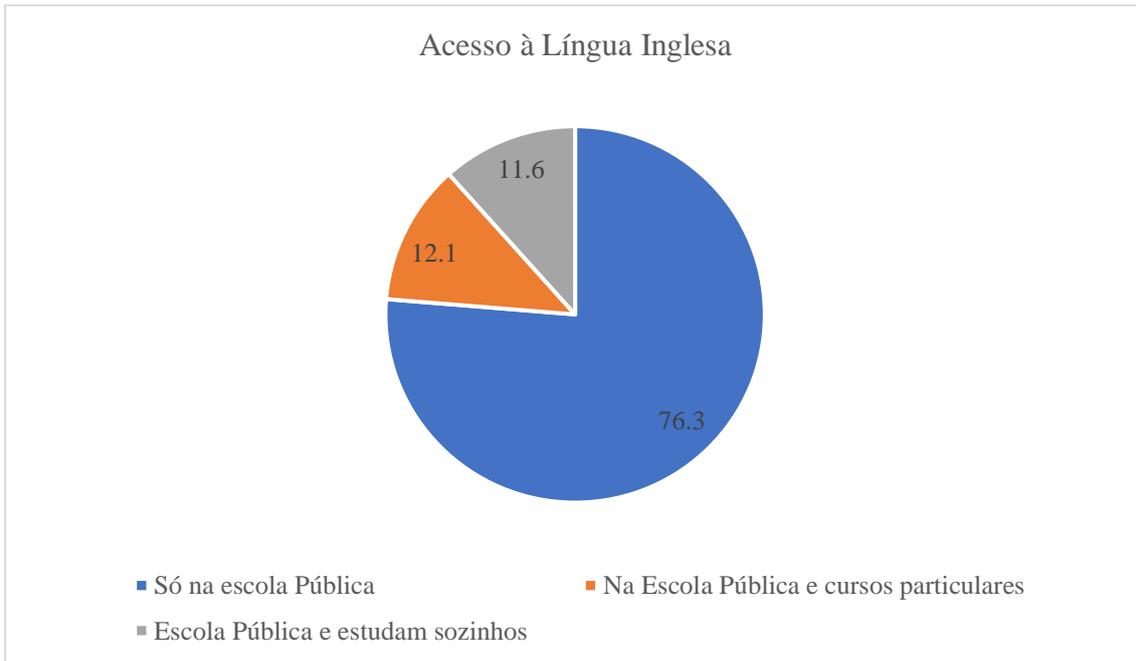
Percebeu-se que muito se tem discutido sobre o aprendizado de Língua Inglesa no cenário brasileiro, porém pouco se tem acreditado nesse aprendizado quando se trata de Escolas Públicas.

Na literatura, práticas vem deixando emergir e solidificar, com bastante frequência, crenças diversas a esse respeito, inclusive a pior de todas, e talvez a mais propagada no inconsciente coletivo, de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas brasileiras. (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 128).

Com a grande relevância do inglês como língua franca, o ensino regular, oferece formação aos alunos em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, caracterizada na Base Nacional Comum Curricular (2021), na visão em que todos podem ter acesso a esse saber, mediante ao pressuposto de engajamento e participação com ênfase na formação cidadã crítica e ativa e aberturas a novas conquistas.

No entanto, a busca pela inserção nessa jornada de aprendizado cabe aqueles que pretendem fazer o diferencial em sua rotina de aprendizado. Isso pode ser explicado dando ênfase ao coletado, onde a maioria dos alunos participantes deixaram explícito que só tem acesso ao inglês na instituição que estudam, fato este que pode encadear dificuldades para a assimilação do aprendizado de um segundo idioma. Assim, com base no gráfico 1, retornou-se à Hipótese 1 - Fatores linguísticos, cognitivos, interacionais e emocionais tem relação significativa com as dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa – logo, a afirmação se confirma sobretudo nos fatores linguísticos, uma vez que são externos a língua.

Gráfico 1 – Panorama de alunos que tem acesso ao inglês na Escola Pública, na Escola Pública e Cursos Particulares, bem como aqueles que tem acesso da Língua Estrangeira na escola e contemplam o aprendizado buscando aprender sozinhos.



Fonte: Dados da Pesquisa, Irlanduba, 2023.

Os resultados indicam que a maioria dos alunos só tem acesso a Língua inglesa na Escola Pública. Especificando o que expressa no gráfico I: de cem alunos, aproximadamente 76 alunos só têm acesso ao inglês na escola do município, enquanto cerca de 12 alunos além de serem matriculados na escola, como é de práxis, também frequentam cursinhos particulares oferecidos na própria região. Demais alunos que buscam aprender na escola e por si só 12. Este resultado é fruto do seguinte questionamento “Você tem acesso ao inglês só na escola?”.

Segundo Souza, (p.40, 2023). “para se ter bons resultados no idioma é preciso dedicação diária, principalmente, porque a maioria dos aprendizes, não tem contato constante e direto com a LI no seu cotidiano, uma vez que exige disciplina”.

A acessibilidade de uma língua estrangeira no Currículo Educacional se torna apenas o primeiro passo ao qual o aluno precisa galgar, é nítido que ter acesso, não quer dizer que este aluno teve seu aprendizado concretizado. O próprio sistema de ensino permite essa abertura para que o estudante busque seu aprendizado, seja dando continuidade por meio de cursos particulares, ou mesmo fazendo sua própria rotina de estudo sistemático, há enormes diferenças de aprendizado quando o aluno se torna autônomo e busca construir conhecimento além do que é lhe ofertado no ensino regular. Assim, percebeu-se que não foram abertos novos percursos para continuar aprendendo um idioma que não é seu.

Furlanetto (2019), apud Cruz (2009), argumenta que aprender um novo idioma requer mudança qualitativa para aceitação da língua e da cultura. Conforme a autora, não tem como aprender se não ligarmos o ponto de partida às peculiaridades linguísticas e culturais que a cerca

“gramática, léxico, comportamentos, hábitos, costumes dentre outros aspectos imprescindíveis a familiarização da língua estrangeira.

A literatura mostrou ser necessário que o aluno tenha clareza nos objetivos de ensino, assim explica Menezes de Souza e Monte Mór (2006), quando expõe que não se tem clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. “Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas”.

Essa demonstração permitiu novos questionamentos “até que ponto os alunos sabem o objetivo do ensino de língua inglesa na escola pública? Tendo em vista que o aprendizado é um processo diário, o que os alunos têm construído no decorrer de sua jornada escolar não consta como aprendizado?”.

Gráfico 2 – Possibilidade de aprender Língua Estrangeira na Escola Pública



FONTE: Dados da pesquisa, Iranduba, 2023

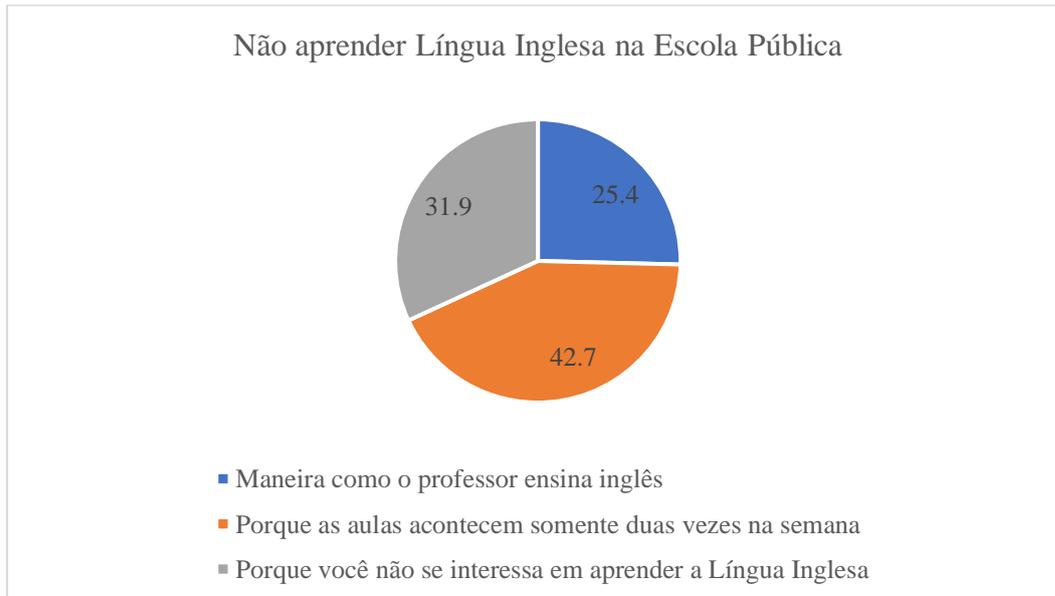
Na imagem 2, detectamos, por meio da pergunta “É possível aprender a Língua Inglesa na Escola Pública?”, que de 100 alunos, enquanto aproximadamente 37 alunos acreditam ser possível o aprendizado de Língua Inglesa acontecer, cerca de 63 alunos pensam que não é possível. O objetivo desta pergunta foi para perceber se a clientela escolar tem clareza naquilo que rege o Currículo do Ensino Público.

Observou-se que diante à pergunta, a maioria acredita na impossibilidade de aprender na escola pública, e isso pode ser esclarecido por - o que o aluno quer aprender e aquilo que se propõe aprender.

Assim, o que se tornou perceptível foi que o aluno quando respondeu a indagação se é possível aprender inglês na escola pública, deixou aflorar o sonho de ser fluente, dessa forma fez comparações ao ensino da escola e cursinhos particulares.

A literatura mostra que a falta de fluência pode ser vinculada com a falta de tempo, como aponta Souza, (p. 39, 2023), “as obrigações e as responsabilidades que estão relacionados ao cotidiano que dificultam a aprendizagem de idioma. Contudo, o gráfico 3 pode permitir essa visão.

Gráfico 3 – Suposição por pensar que não aprende inglês na Escola Pública



Fonte: dados da Pesquisa, Iranduba, 2023.

Este gráfico trouxe uma suposta ideia para o seguinte questionamento “O que pode levar você não aprender a Língua Inglesa na Escola Pública?”. Observou-se que das três suposições a mais escolhida pelos alunos foi o fato de as aulas ocorrerem somente duas vezes na semana. A segunda opção se concentra na falta de interesse dos alunos em aprender a segunda língua, e por fim, a metodologia do professor. Isso ficou bem nítido: a maneira como o professor ensina 25,4; porque as aulas acontecem somente duas vezes na semana 42,7; porque você não se interessa em aprender a Língua Inglesa 31,9. O objetivo da questão foi caracterizado em perceber o motivo pelo qual os alunos tendem a acreditar que não se aprende inglês na Escola Pública.

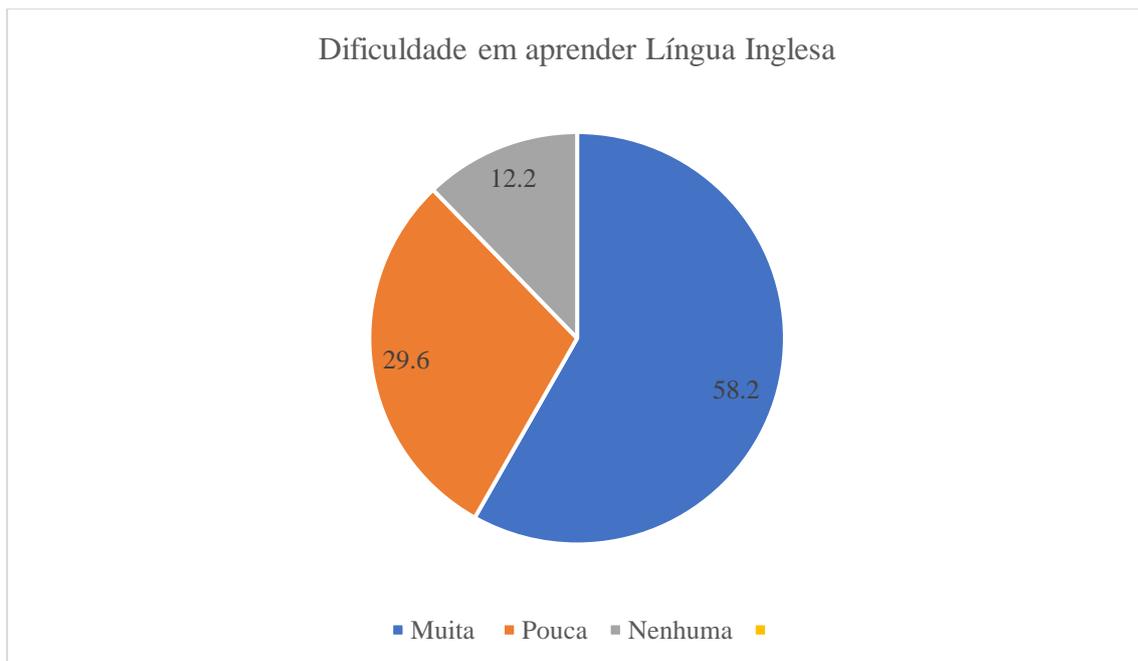
Esse questionamento vem de encontro com o que é descrito nos PCNs (1998, p. 24), cuja observação é que o ensino de língua estrangeira não é visto como um elemento importante na formação do aluno, apesar de ser um direito dele e que deveria ser assegurado, não só pela legislação, mas também pelos órgãos competentes.

Sabe-se que a língua inglesa por imposição do currículo está nas escolas a partir do sexto ano do Ensino Fundamental, todavia, não é dada a esta disciplina seu ideal valor, uma vez oportunizada somente por duas aulas semanais e de aproximadamente cinquenta minutos, o aprendizado não flui da forma como deveria.

Outra visão que chamou a atenção foi o fato do desinteresse do aluno pela disciplina, a qual se junta ao fato que também aponta os PCNs (1998), onde expõe as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras que além da carga horária reduzida, mostra problemas como classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido, livro didático etc.

Uma língua que é cerne de conhecimento global, que oportuniza a formação do cidadão de inúmeras formas, que pode caminhar entre todas as outras disciplinas, que é usada globalmente em diferentes países, que faz parte da cultura de diferentes povos, precisa urgentemente ser foco de discussão dentro da esfera educacional como parte da solução para as diversas dificuldades de aprendizado que as escolas se encontram na atualidade.

Gráfico 4 – Dificuldade em aprender a Língua Inglesa



Fonte: Dados da pesquisa, Iranduba, 2023.

Notou-se que nesta imagem um pouco mais da metade dos estudantes apresentam dificuldade no aprendizado da língua inglesa (58), ao passo que em média trinta (30) sinalizam apresentar pouca dificuldade e doze (12) representa não ter problema em aprender.

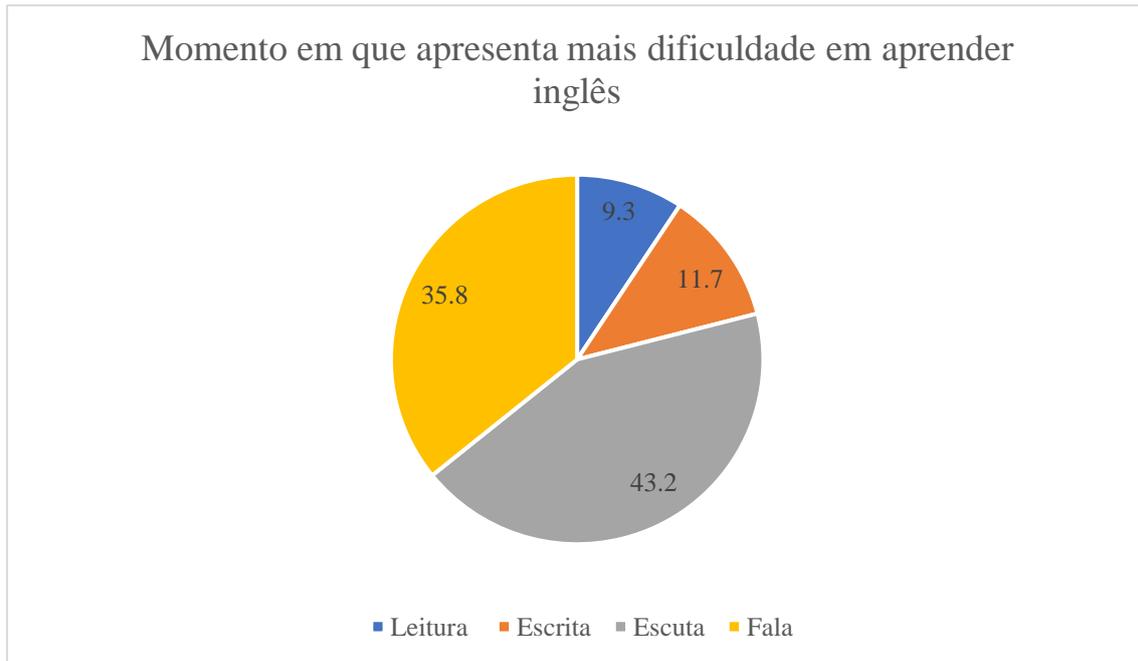
Respectivamente, a ideia de dificuldade em aprender a língua estrangeira, para os estudantes desvincula-se com o aprendizado linguístico, como o que associa Kalantzis e Cope (2008), ao interpretarem que a fonte de conhecimento válido não é mais primordialmente linguística como era nas práticas herdadas da palavra escrita e da educação convencional, para os estudiosos, na atualidade, a fonte de conhecimento circula no mundo multimodal, na qual o visual, gestual, tátil e espacial são considerados conhecimentos tão válidos quanto à escrita.

Para o aluno, quando é lhe questionado o grau de dificuldade na língua que não é a sua, a ideia de não ser fluente perpetua um peso inexplicável, todavia, sua resposta consolidou a expressão dificuldade, onde na verdade poderia ser vinculada as suas conquistas diárias no aprendizado de um idioma que não é a sua língua materna. Diagnosticamente, a dificuldade do aluno em aprender a língua é formalizada pela não fluência na língua estrangeira, ou seja, não há fluência, portanto, há dificuldade.

Nicholls (2001), sobre o ensino de inglês, traz em discussão que a realidade das escolas não permite a competência satisfatória desejada pelos alunos, uma vez expostos somente a fala do professor e ao suposto material auditivo, logo inadequado a condição do aprendiz. Neste sentido, a questão do domínio das habilidades orais é bem controversa.

Conforme mostra o gráfico 5, os estudantes ficaram bem divididos entre as habilidades de aprendizado da língua inglesa, porém essa divisão ocorreu entre habilidades consideradas lentas e rápidas. Cerca de 9 alunos responderam que é o momento da leitura em que apresentam mais dificuldades em aprender a língua inglesa, e aproximadamente 12 afirmaram ser a escrita, enquanto em média 43 confirmam ser o momento da escuta e 36 o momento da fala.

Gráfico 5 – Momento em que apresenta mais dificuldade em aprender a Língua Inglesa



Fonte: Dados da pesquisa, Irlanduba, 2023.

Assim, em consonância ao exposto, percebeu-se a aproximação da amostra da leitura e escrita, ao passo da audição e fala.

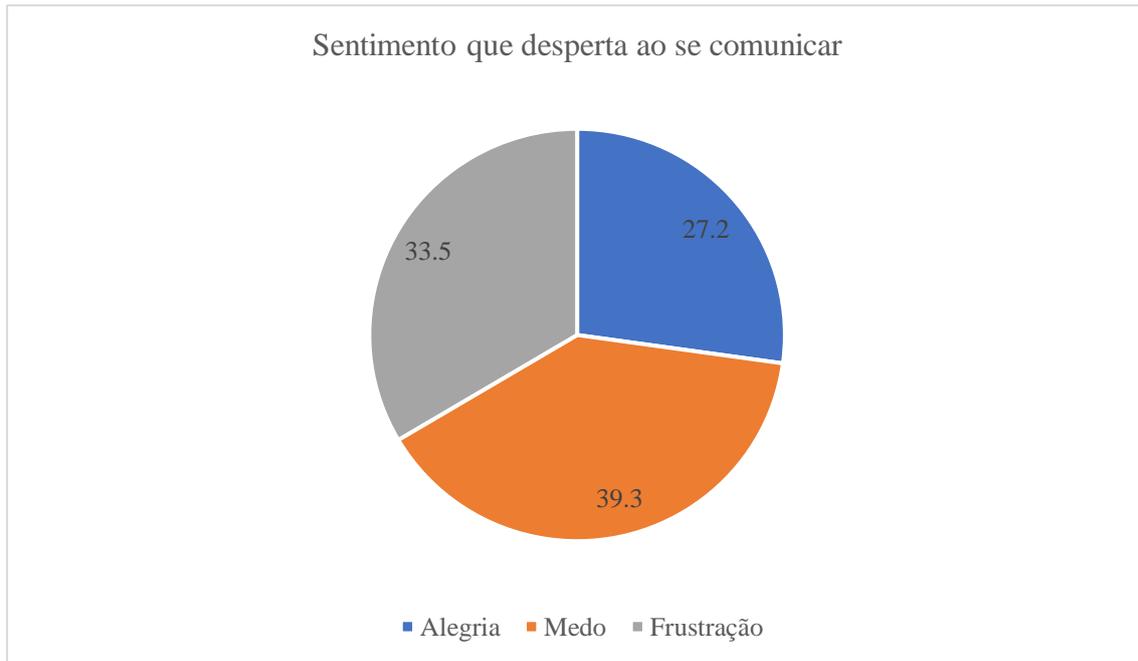
O motivo pelo qual o aluno pode enfrentar mais dificuldade talvez seja explicado pelo medo, segundo Souza (2023, p. 35) o medo é considerado o mais desmotivador, sobretudo na hora de se expressar.

Furlanetto (2019), corrobora com a ideia de que ao ensinar uma Língua Estrangeira, os professores precisam estar preparados que, eventualmente, irão se esbarrar com alunos frustrados por não conseguirem se expressar, com medo de errar, inseguros, dentre outros sentimentos que dificultarão o aprendizado.

“Desse modo, compete à pessoa compreender as razões do erro, para tomar as medidas necessárias que irão ajudar a sanar ou superar as falhas no processo de aprendizagem de uma segunda língua”. (TORRE, 2007, p.19).

Verificou-se, por meio do gráfico 6 a presença desses sentimentos quando o aluno se expõe a prática de encenar um diálogo com os colegas ou professor: alegria 27, medo 39, frustração 34.

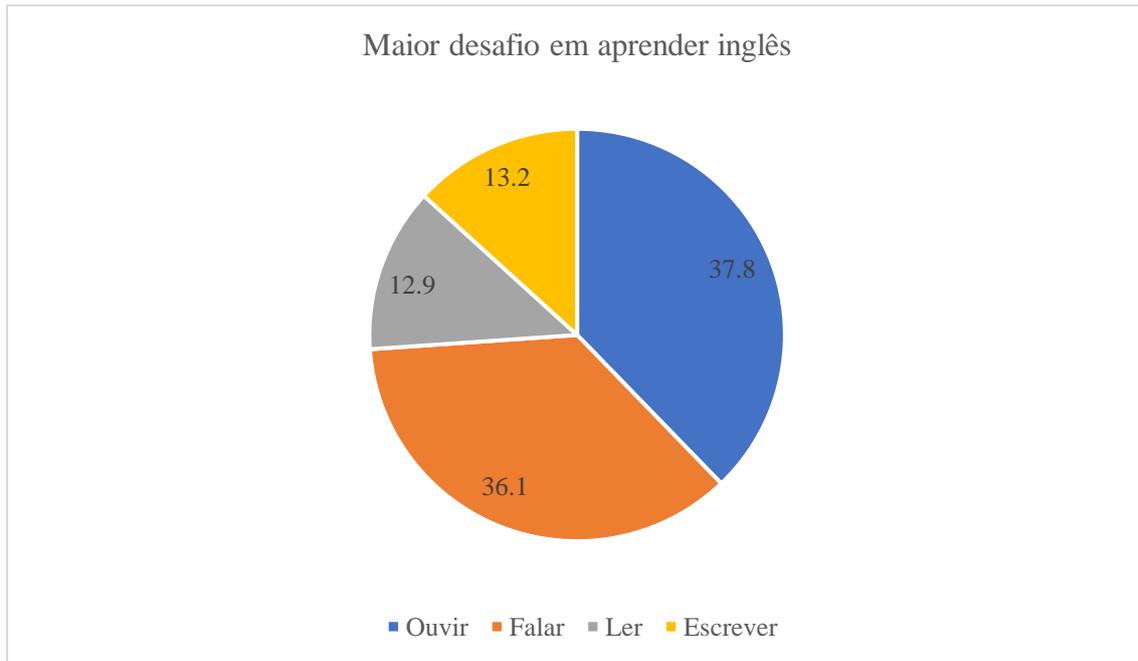
Gráfico 6 – Sentimento ao se comunicar na língua inglesa



Fonte: Dados da pesquisa, Irlanduba, 2023

É comum esses sentimentos ocorrerem entre alunos e alunos e professores devido a imaturidade de quem se propõe em aprender. Se o aluno vai para sala de aula, tem que ter em mente que não sabe tudo, principalmente porque o idioma que está se prontificando em aprender não é sua língua mãe. E que na própria língua materna o ser humano é propício em cometer erros. Não tem como se pôr em conflito no momento da dificuldade, é necessário sim, erguer a cabeça e comemorar cada passo do que está descobrindo. Assim, cada aprendizado é uma vitória no processo de construção do conhecimento.

Gráfico 7 – Habilidade em que se concentra o maior desafio no aprendizado do Inglês



Fonte: Dados da pesquisa, Iranduba, 2023

Conforme a pergunta “Para você, o maior desafio no aprendizado do Inglês se concentra em qual habilidade?”, obtivemos: ouvir 38; falar 36; ler 13; escrever 13. Esta questão pode ser levada a pensar basicamente em um empate entre as habilidades, isso pode ser relacionada ao ouvir e falar consideradas como habilidades rápidas e ler e escrever como habilidades lentas.

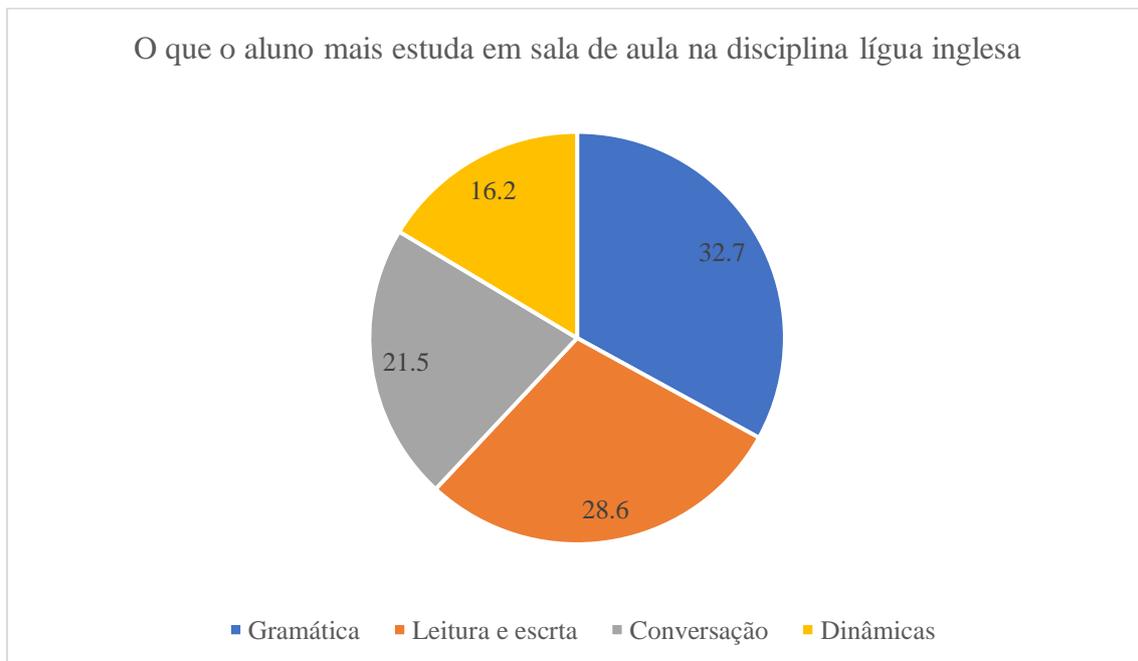
É imprescindível dizer que esses eixos, embora tratados de forma separada na explicitação da BNCC, estão intrinsecamente ligados nas práticas sociais de usos da língua inglesa e devem ser assim trabalhados nas situações de aprendizagem propostas no contexto escolar. Em outras palavras, é a língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal que leva ao estudo de suas características específicas, não devendo ser nenhum dos eixos, sobretudo o de Conhecimentos linguísticos, tratado como pré-requisito para esse uso. (BNCC, 2021, p. 245).

Os eixos leitura, escrita e oralidade estão ligados as práticas sociais, porém ao que concerne o processo de aprendizagem, é inevitável mostrar aos aprendizes de um segundo idioma que existem habilidades lentas e rápidas, as quais devem ser compreendidas em diferentes contextos. As habilidades lentas recorrem a leitura e escrita, por ocasionar determinado tempo ao aluno entender o processo, já as habilidades rápidas requer que o aluno tenha uma desenvoltura mais ágil para a compreensão do listening e speaking. Como exposto por Lima (2019), isso significa que você deve ler bastante e ouvir muito e se você começar a se expor a textos, filmes, programas de televisão, músicas, diálogos cujo idioma esteja embutido, as chances são enormes para ativar o seu cérebro e identificar com mais detalhes as

combinações de palavras existentes, bem como se acostumar com a língua. Assim, podemos afirmar a hipótese 3 – O aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês dificulta o aluno a aprender uma segunda língua.

Souza, (p. 40, 2023), corrobora “falar em inglês não é somente repetir ou decorar frases prontas, mas expressar opiniões, manter um diálogo, e possuir maturidade verbal e lexical, para emitir suas ideias”. O autor acrescenta ainda que “o estudo da gramática inglesa é importante para o desenvolvimento dessa habilidade, pois fornece ao aluno o conhecimento necessário para a estruturação das frases”.

Gráfico 8 – O que o aluno mais estuda em sala de aula na disciplina língua inglesa



Fonte: Dados da pesquisa, Irlanduba, 2023

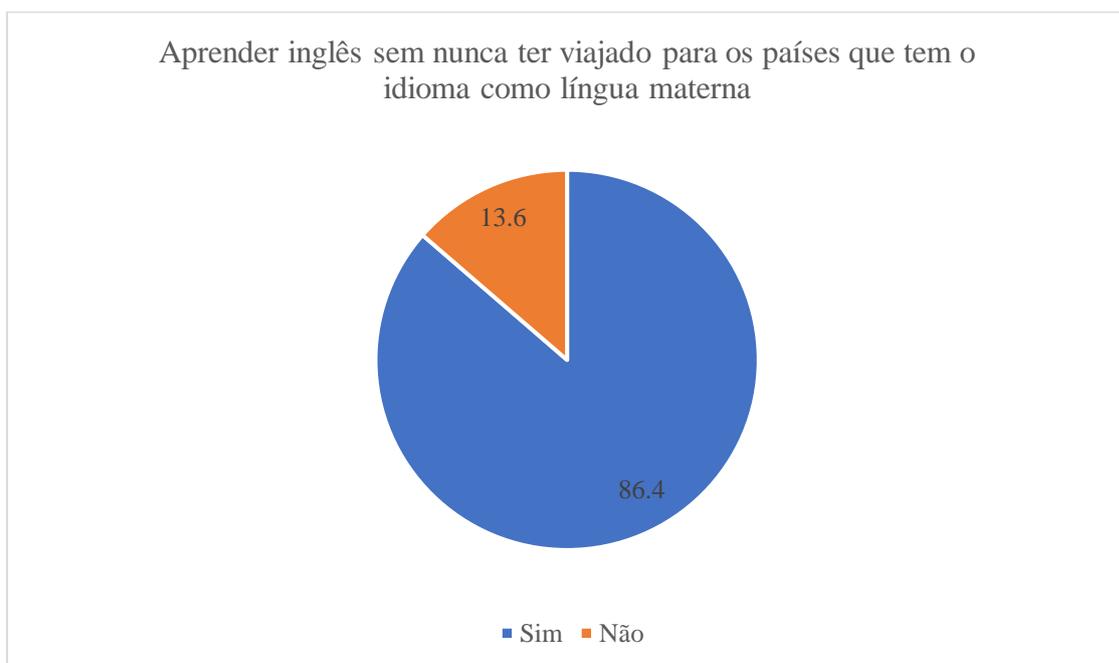
Esta imagem é a representatividade da questão “O que mais você estuda em sua sala de aula de inglês: Gramática 33; Leitura e escrita 29; Conversação 21; Dinâmicas 16. O objetivo é verificar se o estudo da gramática ainda é o vilão da sala de aula. Todavia, podemos afirmar a Hipótese 2 - a Metodologia, método e técnica não adequada à realidade do aluno atual viabiliza desmotivação, falta de estímulo e insegurança no aluno, trazendo sérias consequências no desenvolvimento do aprendizado em língua inglesa.

Holden (2009) traz para reflexão não só as habilidades linguísticas supracitadas como também outras habilidades que de certa forma colabora com o ensino. As habilidades interpessoais que são aquelas que priorizam a interação entre pares e grupos. As habilidades

para o estudo a qual se evidencia no ato de aprender a aprender, onde todo conteúdo é importante e serve de alicerce a outros assuntos que ainda serão estudados, que de certa forma desperta o senso de responsabilidade no aluno na construção de novos conhecimentos. E as habilidades de autoconscientização, cujas práticas se desenvolvem pelas diversas metodologias e estratégias para mostrar ao aluno que cada um tem seu jeito e ritmo de aprender.

Pode ser que o autor tenha esclarecido quando disse que todo conteúdo é aceito no processo educativo, porém no gráfico leva ao contínuo uso da gramática normativa na sala de aula. talvez seja o momento que tende ser inevitável falar sobre o que é importante estudar para a construção do aprendizado de língua inglesa, qual o objetivo que está sendo posto naquele determinado momento de estudo, o que realmente se pretende alcançar. Tendo isso claro, fica bem evidente o que devemos ensinar e aprender, logo, se o objetivo está na fluência, enfatizar a escrita e a leitura levará ao atraso do processo. Então, de certa forma o que se detecta no gráfico é que o estudo tradicional por detenção da gramática e leitura ainda se faz muito presente, porém, deve ser levado em consideração que novas metodologias estão sendo trabalhadas como conversação entre pares e dinâmicas a fim de tornar o aprendizado mais atrativo.

Gráfico 9 – Aprender inglês sem nunca ter viajado para os países que tem o idioma como língua materna



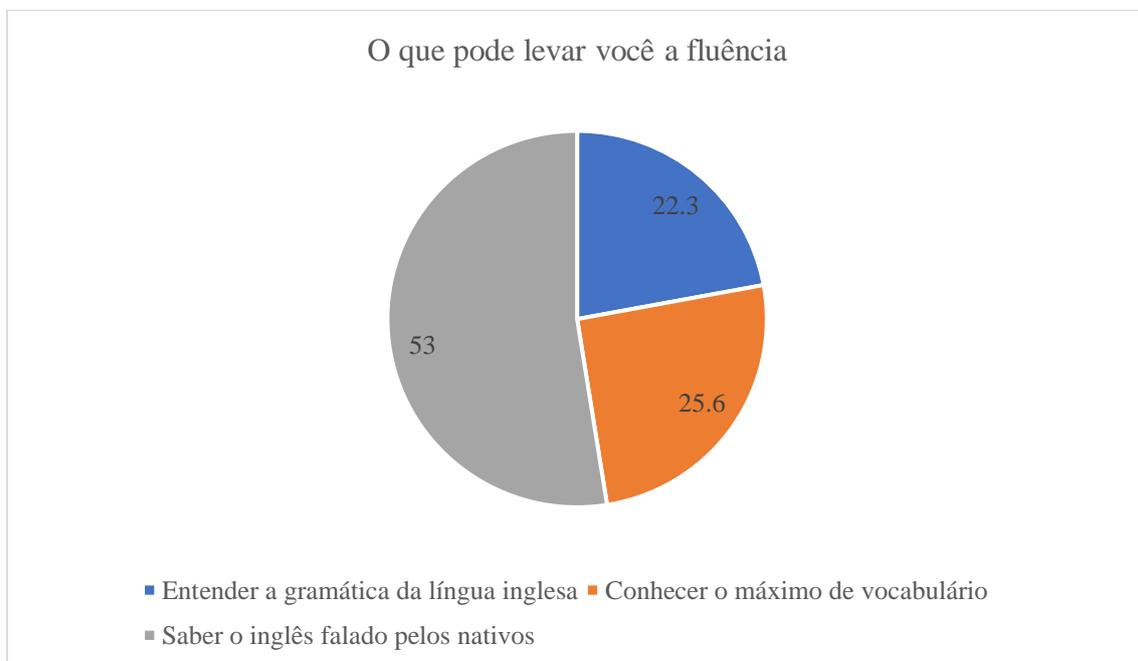
Fonte: Dados da pesquisa, Irlanduba, 2023

Para a pergunta “As pessoas podem aprender inglês sem nunca ter viajado para os países que tem como língua mãe o idioma?”, é visível que os estudantes acreditam que tem como aprender sem ter que se direcionar para o exterior. Na imagem, o sim equivale a 86 e o não 14, veja que à medida que o aluno se posiciona expondo que é possível aprender sem ao menos ter viajado para o exterior, sua visão é explicada ao fato da existência da tecnologia. Assim, esclarece os autores sobre a grandeza da inclusão digital

Com isso é possível pesquisar de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as maneiras de interação. Pesquisar às vezes todos juntos, ou em pequenos grupos, ou mesmo individualmente. Pesquisar na escola ou em diversos espaços e tempos. Combinar pesquisa presencial e virtual. Relacionar os resultados, compará-los, contextualizá-los, aprofundá-los, sintetizá-los. O conteúdo pode ser disponibilizado digitalmente. (MORAN, MASETO e BEHRENS, 2014, p. 31).

Sendo assim, é importante lembrar que o inglês na atualidade é global e o acesso as tecnologias predominam o alcance de diversos conhecimentos e informações. Basta o indivíduo assumir o papel de aprendiz autônomo para se conectar com o mundo e tirar o máximo proveito daquilo que é inerente ao aprendizado.

Gráfico 10 – O que pode levar você a fluência



Fonte: Dados da pesquisa, Iranduba, 2023

Nesta questão “O que pode levar você a fluência?”, a imagem mostra: entender a gramática 22; conhecer o máximo de vocabulário 26; saber o inglês falado pelos nativos 53.

Buscando entender como as teorias críticas da educação dialogam nesse contexto de mercantilização e comoditização, reflito sobre o fato de que também os movimentos baseados nas teorias críticas estão relacionados, de certa forma, aos discursos e contextos neoliberais. Os estudos de Apple (2010, p. 31) mostram que as escolas públicas da era pós-industrial tiveram que (re)produzir os letramentos necessários para o funcionamento da economia industrial. O autor defende que há, atualmente, uma adaptação das práticas pedagógicas e políticas educacionais para que as escolas continuem a “alimentar a máquina da indústria econômica e perpetuar as vantagens da classe média branca”. (Ferraz, 2015, p. 55).

Notou-se que o estudante ao responder que o inglês falado pelos nativos pode levá-lo a fluência, demonstra que a escola pública está de fato em transição, pois em algum momento da história do seu processo educativo, percebeu que o estudo por meio da gramática normativa talvez não seria o caminho mais oportuno de se alcançar a fluência.

#### **4.2 Entrevista aplicada aos professores**

A aprendizagem da língua inglesa proporciona aberturas de novos olhares, porém é necessário ter sempre em mente que neste processo alguns fatores são motivos de dificuldades sejam para quem ensina ou para quem aprende, como expressa Furlanetto, (2019, p. 27) “Ao ensinar uma LE, nós professores, devemos ter sempre em mente que, eventualmente, nos depararemos com alguns fatores que dificultarão nosso trabalho, como alunos frustrados por não conseguirem se expressar, com medo de errar, inseguros etc.”.

Trindade (2018, p.15), explicou sobre isto em sua pesquisa no seguinte fragmento “a falta de interesse pela língua fica evidenciado nas falas dos próprios pares, alegando não terem sido alfabetizados nesta língua ...”

Conforme o excerto da primeira professora pesquisada chamada pelo nome fictício Vera Lúcia não existe um único fator responsável pela dificuldade enfrentada pelo aluno, porém fixou que os alunos sentem medo, vergonha e timidez para realizarem pequenos diálogos. Esse argumento é perceptível em sala de aula podendo ser resultado da própria vida social e familiar do aluno.

A professora com o codinome Janda, expressou-se dizendo que há negligência no sistema curricular, pois a carga horária dificulta o aprendizado acontecer, também há falta de interesse por parte do aluno. Segundo a professora, ela trabalha com a disciplina Língua Inglesa

a anos e presença na escola e especificamente na sala de aula, que o aluno não valoriza a Disciplina devido achar que é somente uma carga horária a cumprir.

A última professora com representatividade Mônica Maria falou sobre a interatividade na sala de aula que segundo ela é um ponto que deve ser levado em consideração, pois muitos alunos aprendem na relação social com o outro por meio da afetividade, com isso fez referência a Wallon (2015), dizendo que é pela afetividade que o indivíduo tem oportunidade de se desenvolver e desenvolver funções cognitivas.

Também pode ser percebido na fala de (SOUZA, p. 38, 2023), “quanto mais motivado o aluno estiver para aprender, maiores serão suas possibilidades de atingir o sucesso. Cada aluno é motivado por razões diversas para aprender um idioma, e essas razões são cada vez mais diferentes”.

Nessa troca discursiva, por intermédio da entrevista com ambas as professoras, percebeu-se que as três professoras descreveram, de maneira diferenciada, fatores que supostamente levam a dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa. Portanto, os fatores ancorados aqui são: Socioemocionais, carga horária, desinteresse do aluno e afetividade podendo assim confirmar a Hipótese 1, Fatores linguísticos, cognitivos, interativos e emocionais tem relação significativa com as dificuldades de aprendizagem nas habilidades de Língua Inglesa.

A metodologia pode ser vista como sendo os exercícios didáticos, assim como as experiências de aprendizagem que o professor seleciona para conseguir seus objetivos. O método se define na abordagem, classificada como uma teoria da linguagem e da aprendizagem de língua, design, destacado por contexto linguístico, organização do conteúdo, descrição do professor, aluno e material didático, e por fim, o processo, que corresponde as técnicas e práticas. (BORGES, 2010).

Soares (2021), destaca que desenvolver metodologias ativas amplia as vantagens de absorção dos conteúdos, estimula o senso crítico, bem como as competências com intuito de solucionar os problemas.

Os autores Bacich e Moran (2018) associam o uso das metodologias ativas com as tecnologias digitais, as quais chamam de estratégias para a inovação pedagógica. Uma inovação que propõe agilidade de informações para o uso de mecanismos na preparação de uma aula com aceitação por parte dos aprendizes e com praticidade e dinamismo pelo professor.

Assim, a importância da metodologia, método e técnica podem ser vistos nas falas dos professores entrevistados. Vera Lúcia, como chamamos a primeira professora entrevistada, respondeu que sem dúvida alguma, a maneira como o profissional direciona suas aulas é o

primeiro passo no desenvolvimento do aprendizado do aluno. Dependendo do método e técnica usada pelo professor a aula torna mais agradável, podendo ter resultado imediato.

A segunda professora afirmou essa importância, porém trouxe a palavra tecnologia para discussão, ressaltando que não se sente tão preparada para trabalhar com novas tecnologias. Disse que escuta muitos colegas falando de metodologias ativas, mas na prática, pelo menos para ela se torna difícil devido não se sentir tão confortável em usar as tecnologias digitais. Ressalta que o que sabe sobre o assunto é pouco diante do que os alunos demonstram saber, afinal as ferramentas tecnológicas têm sido o andaime para o mundo cada vez mais globalizado, explana ainda, a ausência de preparação por parte da Secretaria de Educação do município.

Por fim, a professora Mônica Maria disse que o poder do professor na sala de aula depende da forma como rege a aula. Para ela todas as metodologias, métodos e técnicas são bem-vindas quando promovem aprendizado. Independentemente de ser tradicional ou mais contemporânea, o que vale é alcançar o aprendizado. Se um método não está dando certo para aquela aula, ela inova rapidinho. Portanto, é visível como a metodologia, método e técnica são imprescindíveis no processo ensino e aprendizagem, uma vez que auxiliam o professor em sua jornada de ensino e ainda, contribuem na construção de conhecimento dos alunos. Desse modo, podemos afirmar nos excertos dos professores a Hipótese 2, a Metodologia, método e técnica não adequada à realidade do aluno atual viabiliza desmotivação, falta de estímulo e insegurança no aluno, trazendo sérias consequências no desenvolvimento do aprendizado em língua inglesa.

Furlanetto (2019), apud Cruz (2009), argumenta que aprender um novo idioma requer mudança qualitativa para aceitação da língua e da cultura. Conforme a autora, não tem como aprender se não ligarmos o ponto de partida às peculiaridades linguísticas e culturais que a cerca “gramática, léxico, comportamentos, hábitos, costumes dentre outros aspectos imprescindíveis a familiarização da língua estrangeira.

Devido a interação das culturas na contemporaneidade, temos na BNCC (2021) o eixo Dimensão intercultural que leva a reflexão aos estudantes sobre as diversas vivências com grupos de pessoas, interesses diversificados, agendas e repertórios linguísticos e culturais que oportunizam os alunos a conhecer o mundo pluricultural, os quais permitem relações interativas e constituição de identidades.

Na questão 3, “Você acha possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?” duas professoras enfatizaram a importância desse aprendizado dizendo que é necessário ter o conhecimento da cultura, uma delas diz que mesmo sem ter viajado ou morado nesses países, é

oportuno ver a cultura em filmes e séries. Enquanto a outra foi mais enfática dizendo que o que basta é ter o conhecimento daquilo que viabiliza a fluência. Assim, podemos afirmar a hipótese 3 – O aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês dificulta o aluno a aprender uma segunda língua.

## CONCLUSÃO

Para compreender melhor qual a dificuldade que os alunos do 9º ano enfrentavam em relação a Língua Inglesa, teve a necessidade de ir a campo. Indubitavelmente, quando o estudante apresentava dificuldade no aprendizado da língua, notou-se que o aluno conectava a dificuldade a não fluência no idioma. Os fatores que corresponderam as dificuldades são respectivamente: Carga horária inapropriada, desinteresse do aluno pelas aulas, metodologias inadequadas, falta de clareza nos objetivos de ensino e ausência da cultura inglesa.

Os fatores os quais predominavam a dificuldade no aprendizado da Disciplina Língua Inglesa corresponderam, primeiramente, a carga horária. É fato que ninguém consegue alcançar a fluência tendo apenas duas horas semanais de estudo com o idioma, é necessário que o contato com a língua estrangeira seja de forma imersa a vida cotidiana desse aprendiz. O segundo fator vinculou-se com o desinteresse do aprendiz, o que ficou perceptível é que o aluno da escola em questão estudava na sala de aula alguns minutos determinado conteúdo, porém acabando o tempo previsto, ele guardava o material e só tinha acesso novamente na aula seguinte do cronograma escolar. Isso, de certa forma, condiz com a fala de alguns estudantes e professores, o que acarreta pensar no total desinteresse desse aluno. O terceiro fator predominante foi o acordado no próprio Currículo Escolar em relação aos objetivos do ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira, quando se anseia ao alcance da formação da cidadania, apresentado uma abertura no aprendizado da língua, permitindo a construção de diversos conhecimentos ao mesmo tempo em um espaço de tempo irrelevante ao que se pretendia alcançar. No entanto, o aluno, com muitas informações desnecessárias ao aprendizado do idioma, não constrói o que se almeja, corroborando com a ausência de clareza do próprio aluno em detrimento ao real objetivo que ele procrastinava ter. Não basta o aluno querer alcançar a fluência, é necessário fazer acontecer. O único meio que viabiliza isso, sem sombra de dúvidas, é o aluno querer. Ao passo que essa atitude é esclarecida, fica ao critério do aluno buscar ter foco, determinação e autonomia no aprendizado. Assim, é notório que um dos questionamentos dos estudantes de Língua Inglesa nas Escolas Públicas estava vinculado ao fato da não fluência. Isso os levava a pensar que não conseguiam aprender o idioma, ou mesmo, ter muitas dificuldades, onde na realidade eles desenvolviam suas atividades educativas normalmente, da mesma forma que realizavam os exercícios escolares de outras disciplinas. Em vista disso, percebeu-se que as dificuldades que os alunos aparentavam ter era normal ao passo de estarem estudando uma língua que não é a sua. A forma como minimizar tais dificuldades podem estar atrelada aos pós métodos de ensino.

## RECOMENDAÇÕES

Para minimizar as dificuldades de aprendizagem da Língua Inglesa no 9º ano, será necessário que todos estejam comprometidos com o aprendizado desse segundo idioma, principalmente o aluno, o qual se torna o maior interessado em aprender.

Para o alcance da tão almejada fluência, deve-se elevar o olhar para os pós métodos de estudo da atualidade, sem necessariamente extinguir os outros métodos existentes na história do aprendizado de língua estrangeira. Existem três passos a seguir: Conhecer sempre novos vocabulários elementares, prestar atenção nas estruturas e imergir no idioma falado.

Quando se expõe o conhecimento de novos vocabulários, é pensável na ideia de combinações entre as palavras, as quais se fundam a partir da junção de duas ou mais palavras, ao passo que se conectam vocábulos surgem sempre novas expressões que para os nativos soam normais, facilitando completamente a conversação.

Para tornar o aprendizado da língua estrangeira de fácil acesso, o conhecimento das estruturas blocos é indispensável, uma vez que se conhece uma estrutura, o estudante toma a liberdade de construir novas estruturas a partir daquela primeira. Um exemplo bem simples “Would you like...?”. Veja que quando o aluno entende a estrutura, imediatamente a formação de outras frases surgem, assim “Would you like to eat? “Would you like a coffee?”. Então a estrutura vai abrir completamente o horizonte do aluno, onde este por meio de sua criatividade conectará os pontos e terá a oportunidade de construir infinitas frases por si só.

A imersão se faz necessário, porque imergir na língua que se pretende aprender torna o mais familiarizado com o idioma, sendo capaz de compreender melhor o nativo, isso não dispensa as outras formas de se conectar com a língua estrangeira. A familiarização por meio do listening faz com que sua fluência chegue mais rápido. Porém, não é só escutar qualquer coisa, o importante é selecionar trechos pequenos, seja de filmes, série, músicas, ou até simples conversação de algum vídeo curto, depois de selecionar, o aprendiz deve escutar várias vezes conectando com o aprendizado de vocabulários, expressões e estruturas. Assim, o aluno consegue validar o material que consumiu e sua jornada de estudo tem resultados mais eficazes.

Portanto, deve-se aproveitar os múltiplos letramentos e sobretudo a autonomia do estudante no processo de aprendizagem para que o aluno esteja preparado à seguir em sua jornada dentro e fora do ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 2. Ed. Campinas: Pontes, 1998.
- ANJOS, F. A. dos; SIQUEIRA, D. S. P. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 127-149, 2012.
- ANTHONY, Edward. M. *Approache, method, and technique*, *English Language Teaching Journal*, v. 17, n. 2, p. 63-67, 1963.
- APPLE, M. Freire. *Education, market, and audit culture*. In: *Critical Quarterly*, v. 47, issue 1-2, p. 11-29. London: SAGE Publications, 2005.
- APPLE, M. Freire. *Some ideas on interrupting the right: on doing critical education work in conservative times*. In: *Education, Citizenship, and Social Justice*, v. 4, p. 87-101. London: SAGE, 2009. Disponível em: <http://esj.sagepub.com/cgi/content/abstract/4/2/87>. Acesso em 20 ago. 2010.
- BACICH, Lilian. MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAKHTIN, MIKHAIL. **Os Gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. - São Paulo. 1ª edição. Editora 34, 2016.
- BARBOSA, Priscila Maria Romero. **O Construtivismo e Jean Piaget**. *Revista Educação Pública*. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso: 20 Out 2022.
- BASSO, E. A. A construção social das competências necessárias ao professor de língua estrangeira: entre o real e o ideal um curso de Letras em Estudo. Tese de Doutorado em Linguística aplicada – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- BORGES, Elaine F. do Vale. **Metodologia, abordagem e pedagogias de ensino de língua(s)**. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 13, n.2, p. 397-414, jul./ dez. 2010.
- BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum curricular**. (2018). [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/histórico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/histórico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf).
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- CELANI, M. A. **Ensino de línguas estrangeiras** – ocupação ou profissão. In: LEFFA, V. J. (org.). *O professor de línguas: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.
- CRYSTAL, David. **English as a global language**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.
- CRISTOVÃO, V. L. L. **modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira**. Londrina: UEL, 2007.
- CRUZ, D. T. O ensino de língua estrangeira como meio de transformação social. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.) *Espaços Linguísticos resistências e expansões*. 2 ed. Salvador, EDUFBA, 2009, p. 25-57.
- DAMIANOVIC, Maria Cristina. (Org.) **Material Didático: Elaboração e Avaliação**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007.
- D' ÂNGELO, M. **Escola Técnica Federal de São Paulo: a integração do saber e do fazer na formação do técnico de nível médio (1965-1986)**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2007. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23012008-113731/>. Acesso em: 10 Ago2008.
- FARTES, V. L.B.; SANTOS, A. P. Q. R. S. O.; GONSALVES, M. C. P. B. **Por uma (re) valorização epistemológica da experiência e da autonomia: ética e profissionalidade na formação de professores da educação profissional e tecnológica**. In: BRITO DE AS, M. R. G. e FARTES, V. L. B. (orgs). *Currículo, formação e saberes profissionais*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- FERRAZ, Daniel de Melo. **Educação crítica em língua inglesa: neoliberalismo, globalização e novos letramentos**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 174.
- FURLANETTO, Priscila Fernanda. **O professor global e o ensino de Língua Inglesa: uma visão a partir do pós-método**. Curitiba: Inter Saberes, 2019.
- GALLI, Joice Armani. **Línguas que botam a boca no mundo: Reflexões sobre teorias e práticas de línguas**. Recife: Editora Universitária EDUFPE, 2011. p. 15-36.
- GARTON, S. *Teacher Beliefs and Interaction in the Language Classroom*, In: GARTON, S; RICHARDS, K. (Ed.). **Professional Encounters in TESOL**. London: Palgrave Macmillan, 2008, p. 67-86.
- GRAHAM,G. **Behaviorismo**. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/.behaviorism/#3>; acesso: 12 ago.2014.
- HARMER, J. **How to Teach English**. 3. Ed. England: Longman, 1998.
- HARMER, Jeremy. **The practice of Language English Teaching. New Edition, (Longman Handbooks for English Teachers)**. New York: Longman Publishing, 1991.

- HOLDEN, Susan. **O ensino de Língua Inglesa nos dias atuais**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.
- JONES, A. *Teacher education and constructionism When teaching with digital technologies. International Conference on Information Communication. Technologies in education*. 2015. Disponível em: <http://www.icicte.org/ICICTI15proceedings.htm>. Acesso em 22 fev. 2021.
- JORGE, M. L. S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: Lima, D. C. de. **O ensino e aprendizagem de língua inglesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- KALANTZIS, M.; COPE, B. M. *New Learning. Elements of a Science of Education*. Melbourne: Cambridge, 2018.
- KAPP, K. M. *The gamification of learning and instruction: game-based methods and strategies for training and education*. [S.l]: John Wiley & Sons, 2012.
- KUMARAVADIVELU, B. TESOL. *Methods: changing tracks; challenging trends*. TESOL Quarterly, v. 40, n. 1, p. 59-81, 2006.
- LANKSHER, C.; KNOBEL, M. *New Literacies: Changing Knowledge and Classroom Research*. Bucknham: Open University Press, 2007<sup>a</sup>.
- Kobayashi, E., & Zampini, E. de F. (2020). MULTILETRAMENTOS E AUTONOMIA: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. *Revista Do GEL*, 17(1), 160–188. <https://doi.org/10.21165/gel.v17i1.2822>
- LANTOLF, J. P. (org.) *Sociocultural. Theory and Second Language Learning*. Oxford: Oxford University Press, 2000a.
- LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**, In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. (Org). *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-36.
- LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001, p. 333-355.
- LEFRANÇOIS, GUY R. **Teorias da Aprendizagem: O que a velha Senhora disse**. 5. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008. (Tradução da 5 edição norte-americana).
- MEDEIROS, Amanda. **Docência na Socioeducação**. Brasília: Universidade de Brasília, Campus Planaltina, 2014.
- LIMA, Denilso de. **Inglês na ponta da língua**. Método inovador para melhorar seu vocabulário. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.
- LIMA, Diógenes Candido de. **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares / Diógenes Cândido de Lima (org.)** – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- LIMA, Nayara Silva; FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis Silva. **A abordagem comunicativa no processo de aquisição de língua inglesa**. Web-Revista Sociodialeto, v. 3, n. 9. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/>. Acesso em 25/05/2015.
- MENDES, K. S. **Crenças de estudantes de letras/Inglês sobre a aprendizagem e o ensino da LI**: (trans)formando a prática pedagógica. 2011. 139 fl. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagem). Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T., e MONTE MÓR, W. **Orientações Curriculares do Ensino Médio: Línguas Estrangeiras, Linguagens, Códigos e Tecnologias**. Brasília: MEC-SEB, 2006.
- MORAN, Manuel José; Masetto, Marcos T.; Behrens, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 13º Ed. Campinas. Ed. Papirus, 2000.
- MORAN, José. **Educação Híbrida**: um conceito chave para educação. In T. N. Bacich (org.), Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação (p. 28-45) Porto Alegre: Penso, 2013.
- MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf).
- MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, coleção Mídias Contemporâneas, 2015.
- MORAN, José. **Metodologias e modelos híbridos na educação**. In: YAEGASHI, Solange Franci Raimundo et al. (orgs.). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**, Curitiba: CRV, 2017, p. 2335.
- MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: Bacich, Lilian; Moran, José (org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MOURÃO, Jessé de Sousa. **O ensino de Língua Inglesa e suas metodologias**. Tianguá: Ed. Do autor, 2012.
- NEVES, R. A. DAMIANI, M. F. **Vigotsky e as teorias da aprendizagem**. In: **UNIrevista**. Revista da Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, V. 1, nº 2, abril, 2006.
- NICHOLLS, Susan Mary. Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês. Maceió: Edufal, 2001.
- NOGUEIRA, D. R.; LEAL, E. A.; MIRANDA, G.J.; & Casa Nova, S. P. C. **Revolucionando a sala de aula2**: novas metodologias ainda mais ativas. Atlas, 2020.
- OLIVEIRA, L. E. M. **A historiografia brasileira da literatura inglesa**: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951). Dissertação (Mestrado em Teoria Literária, 1999, p. 194.

- OLIVEIRA, Lucia Pacheco. Escolhas Pedagógicas do educador e Identidade Cultural dos Aprendizes. **Linguagem & Ensino**: revista do curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas. V. 3, n. 2, jul. 2000.
- ORTEGA, L. *Understanding Second Language Acquisition*. Londres: Hodder Arnold, 2009.
- PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, K. A. et al. (org.). **A formação de professores de línguas: novos olhares**. São Paulo: Pontes Editores, 2012, v. II, p. 209-230.
- PANTALEÃO, OLGA. **A Presença Inglesa**. In: HOLLANDA, Sérgio. B. (org.). História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico – O processo de Emancipação. 11 ed. v. 1, tomoII. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil. 2004, p. 64-99.
- PENNYCOOK, A. *The Myth of English as na International Language*. In: MAKONI, S; PENNYCOOK, A. *Disinventing and Reconstituting Languages*. Clevedon: Multilingual Matter, 2007b.
- PEREIRA, J. T. **Educação e Sociedade da Informação**. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento Digital, aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. São Paulo: Editora Autêntica, 2005.
- PESCE, M. K. de. **Teoria de aquisição da linguagem na visão behaviorista**. Joinville: UNIVILLE, 2017c.
- PINTO, A. P. O sócio construtivismo e sua influência no processamento de leitura-escrita dos aprendizes. In LEFFA, Vilson. J. (Org.). **a interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educate, 2006.
- PRABHU, N. S. **Ideação e ideologia na pedagogia das línguas. Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 38, p. 59-67, 2001.
- \_\_\_\_\_. *There is no best method – Why?* TESOL Quarterly. V. 24, n. 2. P. 161- 76, 1990.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas**. In: Lopes, Luiz Paulo da Moita. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift to Antonieta, São Paulo: Parábola, 2013, p. 143-161.
- Revista mais educação [recurso eletrônico] / [Editora chefe] Prof.<sup>a</sup> Mestre Fatima Ramalho Lefone – Vol. 4, n. 9 (novembro 2021) -, São Caetano do Sul: Editora CentroEducativa Sem Fronteiras, 2021. Acesso: <https://www.revistmaiseducacao.com/sumario-v4-n9-2021>.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Educação e conhecimento).
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. *Approaches and methods in language teaching*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de Línguas. In: Lopes, Luiz Paulo da Moita. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift to Aantonieta. São Paulo: Parábola, 2013, p. 163-195.
- ROJO, R. Entre plataformas, ODAS e protótipos: novos multiletramentos em tempos de web. *The Specialist*: descrição, ensino e aprendizagem, v. 38, n. 1, p. 1-19, jan-jul.2017.
- SAHAGOFF, Ana Paula da Cunha. **Metodologias ativas**: um estudo práticas pedagógicas. In: JÚNIOR, Jacks de Melo Andrade; SOUZA, Liliane Pereira; SILVA, Neidi Liziani Copetti (orgs.), *Metodologias ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade*. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 203p.
- SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SHIN, J.K. *Teaching Young Learners in English as second / Foreign Language Setting*. In CELCE. MURCIA. M. BRINTON, D.M, SNOW, M.A (Ed.) *Teaching English as a Second or Foreign Language*. Buston: Nacional geographic Learning, 2014. P. 550-567.
- SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Cambridge: Prentice Hall, 1992.
- SOARES, M. de S., Mauriz, T. R. de M., Ayres, M. C. C., Silva, J. S. da., Costa, C. R. de M. da, Lima, J. F., Lavor, C., Lima, G. F., Vieira, D. F. & Moura, L. F., W. G. (2021). **O uso de metodologias ativas de ensino por professores de Ciências nas escolas de Angical – PI**. *Research, Society and development*, 10(13), e484101321220. 12.33448/rsd-v10i13.21220.
- SOUZA, M. G. G. S. de.; GOMES, A. K. de A.; CHENA, A. E. G. **Fatores que dificultam a aprendizagem da língua inglesa na fase adulta no curso livre de inglês**. *Revista Expressão Católica, [S. l.]*, v. 11, n. 1, p. 30–42, 2022. DOI: 10.25190/rec. v11i1.9. Disponível em: <http://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/9>. Acesso em: 24 maio. 2023.
- TOTIS, Verônica Pakrauskas. **Língua Inglesa: leitura**. São Paulo: Cortêz, 1991. (Coleção magistério 2º grau. Série formação geral).
- TRASK, R. L. (2004). **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução e adaptação Rodolfo Ilari: revisão técnica Ingedore Koch, Thaís Cristófaros Silva. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRINDADE, Samara Pinheiro; CASTRO, Laura Miranda. **Os desafios do Ensino e aprendizagem da Língua Inglesa**. 2018.
- VERONEZE, Cláudia. A. S; CARVALHO, Raquel. C. M. **Repensando os Métodos de Ensino/ Aprendizagem da Língua Inglesa**. *Através da História*. Revista Eletrônica Lato Senso. 5. Ed. Santa Catarina, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182p. (Psicologia e Pedagogia).

VILAÇA, Marcio Luiz Corrêa. **Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras**: fundamentos, críticas e ecletismo. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Rio de Janeiro; v. 7. N. 26, p. 73-88, 2008.

**APÊNDICE 1****Questionário aplicado ao aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

1. Em qual situação você tem acesso ao inglês?"  
 Apenas na Escola Pública  
 Escola Pública e Cursos Particulares  
 Na Escola Pública e estudam sozinhos
  
2. É possível aprender a Língua Inglesa na Escola Pública?  
 Sim  
 Não
  
3. O que pode levar você não aprender a Língua Inglesa na Escola Pública?  
 A maneira como o professor ensina  
 Porque as aulas acontecem somente duas vezes na semana.  
 Porque você não se interessa em aprender a Língua Inglesa.
  
4. Você tem dificuldade em aprender a Disciplina Língua Inglesa?  
 Muito  
 Pouco  
 Nenhuma
  
5. Em que momento você apresenta mais dificuldade em aprender a Língua Inglesa?  
 Leitura  
 Escrita  
 Escuta  
 Fala
  
6. Que sentimento desperta em você quando está estudando inglês?  
 Alegria  
 Medo

Frustração

7. Para você, o maior desafio no aprendizado do Inglês se concentra em qual habilidade?

Ouvir

Falar

Ler

Escrever

8. O que mais você estuda em sua sala de aula de inglês?

Gramática

Leitura e escrita

Conversação

Dinâmicas

9. As pessoas podem aprender inglês sem nunca ter viajado para os países que tem como língua mãe o idioma?

Sim

Não

10. O que pode levar você a fluência?

Entender a gramática

Conhecer o máximo de vocabulário

Saber o inglês falado pelos nativos

## APÊNDICE 2

### Entrevista aplicada aos Professores

1. Quais fatores levam os alunos a apresentarem dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

2. Você acredita que a metodologia, método e técnica do professor faz diferença para que o aluno se sinta estimulado a desenvolver sua autonomia no aprendizado da Língua Inglesa? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

3. Você acha possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?

---

---

---

---

---

---

---

## ANEXO

### Resultado da Entrevista

**1ª pergunta:** - Quais fatores levam os alunos a apresentarem dificuldades de aprendizagem nas habilidades de língua inglesa? Justifique sua resposta.

**Professora Vera Lúcia:** “Não tem como expor um único fator. A escola está localizada em um bairro considerado “zona vermelha”, cuja expressão se explica pela demanda da violência e tráfico de droga, atendemos alunos com questões de estrutura muito fragilizada, ou seja, poderíamos pensar nos fatores sociais e econômicos, porém, prefiro destacar questões socioemocionais, uma vez que me chama atenção quando pedimos para os alunos, em duplas, realizarem pequenos diálogos para expor para a turma. A presença da timidez, medo, vergonha de se expor faz com que eles fiquem retraídos”.

**Professora Janda:** “Um fator que corrobora para a dificuldade de aprendizado é a negligência do próprio sistema, a determinação da carga horária da disciplina Língua inglesa, oferecida pelo currículo, é de extrema insatisfação, porque o professor não consegue atingir seus objetivos somente em duas aulas semanais de aproximadamente quarenta e cinco minutos. Outro fator que podemos elencar é o desleixo do próprio aprendiz que não se interessa pelo estudo. Posso dizer que duas aulas na semana são impossíveis para ensinar tudo o que reza o currículo, mas diante disso, o aluno é quem deveria correr atrás do prejuízo, uma vez que o sistema não coopera”.

**Professora Mônica Maria:** “Acredito que um dos fatores que dificultam o aluno aprender é a afetividade, descrita por Wallon. Na sala de aula, o aluno consegue ter mais desenvoltura quando interage com seu colega e professor, isso gera um ambiente afetivo e a aprendizagem flui”.

**2ª pergunta:** - Você acredita que a metodologia, método e técnica do professor faz diferença para que o aluno se sinta estimulado a desenvolver sua autonomia no aprendizado da Língua Inglesa? Justifique sua resposta.

**Vera Lúcia:** “Sim, eu acredito que a metodologia, método e técnica é que dar direção as aulas, isso é o primeiro passo para a conquista dos objetivos que se pretende alcançar. Sabemos que o aprendizado flui quando escolhemos boas técnicas, principalmente com dinâmicas para alegrar nossos alunos e tornar a aula mais prazerosa”.

**Janda:** “Sim, porém precisamos estar preparados, pois nossos alunos vivenciam esse momento tecnológico. Eu confesso que não me sinto tão preparada nessa questão, até porque o que sei é o que busco conforme a necessidade que sinto. Faz um tempinho que a Prefeitura não nos fornece capacitações para melhorar a dinâmica de ensino. As vezes vejo meus colegas falando muito em metodologias ativas, mas não vejo isso muito acontecer na prática”.

**Mônica Maria:** “Sim, o poder do professor está na maneira que rege sua aula, com metodologias, métodos e técnicas o processo educativo flui, todos são bem aceitos, todavia é importante saber lidar com cada uma, o momento oportuno para sua utilização. Nem sempre a metodologia que serve para um aluno é adequada para o outro. Temos que saber fazer essa diferença no uso”.

**3ª pergunta:** Você acha possível acontecer o aprendizado das quatro habilidades de língua inglesa sem aprender a cultura dos países cuja primeira língua é o inglês?

**Vera Lúcia:** “Sim, acredito que para aprender um novo idioma, não precisa conhecer a cultura desse país, basta que busque aprender aquilo que é oportuno para a sua necessidade de comunicação nesse idioma. Se tornar fluente, não é saber toda cultura, e sim, conseguir interagir naquela determinada situação.

**Janda:** Bom, aprender uma segunda língua de fato requer compreender a cultura do outro, a maneira como ele se expressa, como dialoga com seus semelhantes, como vivem, como é sua vida cotidiana.

**Mônica Maria:** Penso que é possível aprender sem nunca ter vivido nos países que falam o inglês, ou até mesmo ter viajado, porém, mergulhar em conhecer sua cultura, mesmo por meio do que é apresentado nos filmes e séries é de suma importância, haja vista que se faz necessário conhecer expressões que fazem parte de suas vivências e verbos frasais que é de uso particular deles.